



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

BEATRIZ DA SILVA MOREIRA

**SATISFAÇÃO RESIDENCIAL DE FAMÍLIAS HOMOAFETIVAS NA CIDADE
DE MANAUS - AM**

**MANAUS – AM
2025**



BEATRIZ DA SILVA MOREIRA

**SATISFAÇÃO RESIDENCIAL DE FAMÍLIAS HOMOAFETIVAS NA CIDADE
DE MANAUS - AM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Mestra em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais.

Orientadora: Dayse da Silva Albuquerque

**MANAUS – AM
2025**

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M838s Moreira, Beatriz da Silva
 Satisfação Residencial de Famílias Homoafetivas na Cidade de Manaus-AM / Beatriz da Silva Moreira. - 2025.
 110 f. : il., color. ; 31 cm.

 Orientador(a): Dayse da Silva Albuquerque.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Manaus, 2025.

 1. Psicologia Ambiental. 2. Pessoas LGBTI+. 3. Ambiente Residencial.
 4. Satisfação Residencial. I. Albuquerque, Dayse da Silva. II. Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III.
 Título

MOREIRA, BEATRIZ DA SILVA. **Satisfação de Famílias Homoafetivas na Cidade de Manaus-AM.** 110f. Dissertação Universidade Federal do Amazonas. Orientadora: Dra. Dayse da Silva Albuquerque. Manaus – Amazonas.

Aprovado em 04/07/2025

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Dayse da Silva Albuquerque
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Profa. Dra. Adria de Lima Sousa
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Profa. Dra. Máise Caroline Zucco
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Prof. Dr. Fábio Henrique Almeida Dantas
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Profa. Dra. Fernanda Fernandes Gurgel
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos **meus pais**, que sempre me ofereceram apoio incondicional em todas as minhas metas e sonhos de vida, que por meio de muitos sacrifícios e esforços possibilitaram que eu pudesse pensar em dar sentidos à minha vida sob as melhores condições possíveis, sem nunca me deixarem perder de vista o que nossas conquistas verdadeiramente representam.

À **minha família**, de sangue e de alma, que acompanhou cada passo percorrido até aqui, e sempre iluminou meu caminho, ajudando da melhor forma possível a tornar essa caminhada mais leve e agradável. Com elas aprendi muito sobre amor, apoio, proteção, carinho e segurança. À minha mãe, Berenice, que foi uma companhia marcante em toda a minha vida, me ajudando em todos os melhores e piores momentos, e representando meu maior exemplo de força de revolução.

À minha orientadora neste percurso, **Dayse Albuquerque**, que apoiou essa ideia e verdadeiramente me orientou nesta jornada, mostrando os caminhos desafiadores e oferecendo as ferramentas que tornaram essa caminhada possível de ser enfrentada. Em todo momento se fez presente e se mostrou disposta a contribuir com sensibilidade, paciência e humanidade.

Agradeço a cada uma das pessoas que aceitaram ser participantes desta pesquisa, moradores da cidade de Manaus e pessoas LGBTQIAPN+, por se disporem a compartilhar um pouco sobre suas vidas em seus lares e por me receberem em suas casas. Por expressarem de forma tão gentil suas histórias de vida e de luta por nossos direitos de vivência e de espaço e que contribuem diariamente com a construção de cidades que verdadeiramente abrigam todas as pessoas.

Ao **Laboratório de Estatística da Universidade Federal do Amazonas (LabEst)**, que por meio do seu projeto de Assessoria Estatística, prontamente nos auxiliou no tratamento e análise dos dados quantitativos, contribuindo ativamente na qualidade e robustez deste estudo.

À **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)** pela bolsa de pesquisa a mim concedida que possibilitou a permanência neste processo de formação, ao **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)** e à **Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM)** pelo apoio ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (PPGPSI-UFAM).

Welcome to my home, and I know before you come in you were all expecting Pee-wee's Playhouse and Punky Brewster's treehouse. And that's far from the truth 'cause even though I'm an extra **extra** character, I'm also very minimal when I'm at home. When I was looking for a home, I wanted a neighborhood family friendly zone — where people walk their dogs, kids are out playing, catching the bus for school — and I definitely got that. The very first time I opened that door, I would call this place home.

Justin Johnson, also known as the Texas sized Barbie doll
Alyssa Edwards

MOREIRA, BEATRIZ DA SILVA. **Satisfação Residencial de Famílias Homoafetivas na Cidade de Manaus-AM**. 110f. Dissertação Universidade Federal do Amazonas. Orientadora: Dra. Dayse da Silva Albuquerque. Manaus – Amazonas.

RESUMO

A população LGBTI+ permanece em constante luta para conquistar direitos e ocupar espaços na sociedade, se constituindo ainda como um público em situação de vulnerabilidade social em razão dos preconceitos e estigmas. Essa população está inserida em diferentes ambientes comuns a toda a população e diariamente enfrentam situações que trazem à tona questões e tensões relacionadas às suas identidades sexuais. O ambiente residencial corresponde à casa, ao bairro e aos vizinhos, é o espaço que abrange a área interna do local de moradia e as suas adjacências, podendo ser estudado em seus aspectos físicos e sociais. A casa enquanto elemento de privacidade, segurança e socialização íntima, está inserida em um bairro, que oferece serviços e possibilidades de relações sociais e sentimentos comunitários e é integrado pelos vizinhos, que personificam a dimensão social do ambiente residencial. Todos esses elementos formam o ambiente residencial e em seus diferentes aspectos interferem na qualidade de vida de seus moradores. Complementarmente, a satisfação residencial é considerada um importante preditor do bem-estar em humanos e corresponde à avaliação que os residentes de uma localidade fazem acerca de aspectos relacionados às vivências no ambiente residencial. Nesse espaço, as diferenças dos moradores constantemente são colocadas em posição de encontros, desencontros e tensionamentos. A partir disso surge o questionamento: de que forma famílias homoafetivas se relacionam com seus entornos e como essas famílias têm sido acolhidas em seus ambientes residenciais na cidade de Manaus? Utilizou-se da aplicação de um questionário sociodemográfico e uma escala de satisfação residencial com 104 pessoas e em seguida uma entrevista semiestruturada com cinco famílias. A partir dos dados foram realizadas análises descritivas seguidas de testes do tipo qui-quadrado e, por fim, a regressão ordinal com o apoio do *software* R. Os dados das entrevistas foram codificados, categorizados e armazenados utilizando-se o *software* IRAMUTEQ, para realização da Classificação Hierárquica Descendente (CHD). Os resultados sugerem que melhores condições socioeconômicas e localização urbana mais privilegiada tendem a favorecer maiores níveis de satisfação residencial entre as famílias homoafetivas no que se refere aos aspectos físicos e sociais do ambiente residencial. A qualidade dos deslocamentos e dos atributos subjetivos e objetivos da casa, do bairro e da vizinhança foram indicados como determinantes para os níveis de satisfação residencial. As contribuições do estudo envolvem maior compreensão da percepção de famílias homoafetivas sobre os seus ambientes residenciais na cidade de Manaus, oportunizando dar visibilidade às vivências cotidianas e necessidades específicas dessa população. A partir disso torna-se possível pensar reflexões e práticas que promovam ambientes mais saudáveis e acolhedores para a população LGBTI+, bem como fomentar a produção científica no campo da Psicologia Ambiental e a sua interseção com questões de gênero e sexualidade.

Palavras-chave: Psicologia Ambiental; Pessoas LGBTI+; Ambiente Residencial; Satisfação Residencial.

MOREIRA, B. S. Residential Satisfaction of Same-sex families in the city of Manaus-AM. 110f. Dissertation Federal University of Amazonas. Advisor: Dr. Dayse da Silva Albuquerque. Manaus – Amazonas.

ABSTRACT

The LGBTI+ population remains in a constant struggle to gain rights and occupy spaces in society, and continues to be a socially vulnerable group due to persistent prejudice and stigma. This population is present in a variety of settings shared with the general population and faces daily situations that bring to the surface issues and tensions related to their sexual identities. The residential environment encompasses the home, the neighborhood, and the surrounding community. It includes both the physical and social aspects of the living space. The home, as a space of privacy, safety, and intimate socialization, is embedded within a neighborhood that offers services, opportunities for social interactions, and a sense of community. This neighborhood is shaped by neighbors, who personify the social dimension of the residential environment. These elements together form the residential environment, and their various dimensions influence the residents' quality of life. Residential satisfaction is considered an important predictor of human well-being and refers to the evaluation that individuals make regarding their experiences within the residential environment. In this space, residents' differences are frequently brought into situations of convergence, divergence, and tension. From this context emerges the guiding question: how do same-sex families interact with their surroundings, and how have they been received within their residential environments in the city of Manaus? To address this, a sociodemographic questionnaire and a residential satisfaction scale were administered to 104 individuals, followed by semi-structured interviews with five families. The quantitative data were analyzed using descriptive statistics, chi-square tests, and ordinal regression, supported by R software. The qualitative data from the interviews were coded, categorized, and processed using the IRAMUTEQ software through Descending Hierarchical Classification (CHD). The results suggest that better socioeconomic conditions and more privileged urban locations are associated with higher levels of residential satisfaction among same-sex families, especially regarding the physical and social aspects of their residential environments. The quality of transportation, as well as subjective and objective attributes of the home, neighborhood, and neighboring relations, were identified as key determinants of residential satisfaction. This study contributes to a deeper understanding of how same-sex families perceive their residential environments in the city of Manaus, shedding light on their everyday experiences and specific needs. These insights may support reflections and practices that promote healthier and more inclusive environments for the LGBTI+ population, as well as foster scientific production within the field of Environmental Psychology and its intersection with gender and sexuality studies.

Keywords: Environmental Psychology; LGBTI+ people; Residential Environment; Residential Satisfaction

MOREIRA, B. S. Satisfacción Residencial de Familias homoafectivas en la ciudad de Manaus-AM. 110f. Disertación Universidad Federal de Amazonas. Tutora: Dra. Dayse da Silva Albuquerque. Manaus – Amazonas.

RESUMEN

La población LGBTI+ sigue en una lucha constante por conquistar derechos y ocupar espacios en la sociedad, constituyéndose aún como un grupo en situación de vulnerabilidad social debido a los prejuicios y estigmas. Esta población está presente en diversos entornos compartidos con la población en general y enfrenta cotidianamente situaciones que ponen en evidencia cuestiones y tensiones relacionadas con sus identidades sexuales. El entorno residencial comprende la vivienda, el barrio y la vecindad; abarca tanto los aspectos físicos como sociales del lugar de residencia. La vivienda, como espacio de privacidad, seguridad y socialización íntima, se inserta en un barrio que ofrece servicios, posibilidades de interacción social y sentimientos de comunidad, y está integrado por los vecinos, quienes representan la dimensión social del entorno residencial. Todos estos elementos conforman el entorno residencial y, en sus distintos aspectos, influyen en la calidad de vida de sus habitantes. La satisfacción residencial se considera un importante predictor del bienestar humano y se refiere a la evaluación que hacen los residentes sobre su experiencia en el entorno residencial. En este espacio, las diferencias entre los habitantes se manifiestan en encuentros, desencuentros y tensiones. A partir de esto, surge la pregunta: ¿cómo se relacionan las familias homoafectivas con sus entornos y cómo han sido acogidas en sus espacios residenciales en la ciudad de Manaus? Para responder a esta cuestión, se aplicó un cuestionario sociodemográfico y una escala de satisfacción residencial a 104 personas, seguido de entrevistas semiestructuradas con cinco familias. Los datos cuantitativos fueron analizados mediante estadísticas descriptivas, pruebas chi-cuadrado y regresión ordinal con el apoyo del software R. Los datos cualitativos de las entrevistas fueron codificados, categorizados y procesados en el software IRAMUTEQ, a través de la Clasificación Jerárquica Descendente (CHD). Los resultados sugieren que mejores condiciones socioeconómicas y una localización urbana más privilegiada tienden a favorecer mayores niveles de satisfacción residencial entre las familias homoafectivas, en lo que respecta a los aspectos físicos y sociales del entorno residencial. La calidad de los desplazamientos, así como los atributos subjetivos y objetivos de la vivienda, del barrio y de la vecindad, fueron identificados como determinantes clave de la satisfacción residencial. Este estudio contribuye a una mayor comprensión de cómo las familias homoafectivas perciben sus entornos residenciales en la ciudad de Manaus, dando visibilidad a sus experiencias cotidianas y necesidades específicas. A partir de ello, se pueden proponer reflexiones y prácticas que promuevan entornos más saludables y acogedores para la población LGBTI+, además de fomentar la producción científica en el campo de la Psicología Ambiental y su intersección con las cuestiones de género y sexualidad.

Palabras clave: Psicología Ambiental; Personas LGBTI+; Entorno Residencial; Satisfacción Residencial

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
REFERENCIAL TEÓRICO	16
Psicologia Ambiental e Sexualidade	16
Ambientes Residenciais	19
Satisfação Residencial	26
OBJETIVOS.....	29
Objetivo geral	29
Objetivos específicos.....	29
MÉTODO	29
Delineamento metodológico.....	29
Técnicas e instrumentos	29
Participantes	30
Procedimentos de coleta de dados.....	31
Procedimentos de análise de dados	31
Cuidados éticos	32
RESULTADOS	32
Perfil dos participantes	32
Primeira fase do estudo – formulários.....	36
Segunda fase do estudo – entrevistas	56
Deslocamentos.....	59
Atributos subjetivos.....	63
Atributos objetivos	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	86
APÊNDICES	100
Apêndice 1 - Questionário Sociodemográfico e Escala de Satisfação Residencial ..	100
Apêndice 2 – Entrevista	102
Apêndice 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da primeira etapa	103
Apêndice 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da segunda etapa.....	104
ANEXOS.....	105
Parecer do CEP.....	105

INTRODUÇÃO

A sexualidade corresponde a uma das condições centrais da vida de todo ser vivo e se apresenta de diversas maneiras. Do ponto de vista da sexualidade humana e, a partir de um olhar construcionista das subjetividades, a sexualidade não se trata meramente do ato sexual entre dois corpos. Seres humanos adotam uma identidade sexual, motivados por um complexo processo que reúne elementos sociais diversos. Existe uma tendência histórica de naturalizar as práticas sexuais, que condiciona os sujeitos a expressões de gênero e práticas sexuais determinadas pelo órgão genital e que postula a norma da cisheteronormatividade. Entende-se que há um contrato social que determina heterossexualidades como supostas verdades biológicas. Mas o sexo, o gênero e a sexualidade correspondem a categorias sociopolíticas complexas. Para adotar uma visão não reducionista da sexualidade e do gênero assumimos a vontade de desnaturalizar e desmistificar as noções de sexo e gênero (Preciado, 2014).

Até o final dos anos 60, as concepções sociais e acadêmicas sobre as sexualidades seguiam viés essencialista, naturalizado e focado na reprodução. O sexo é tido exclusivamente como uma condição instintiva ou impulsiva. Os movimentos feminista e homossexual passam a questionar esses posicionamentos inaugurando a concepção construcionista. Esse discurso contribui para redefinir as concepções de gêneros e diferenciar práticas sexuais de identidades sexuais, questionando o determinismo biológico e contribuindo com a história e emancipação do movimento feminista e LGBTI+ a partir de uma abordagem histórica e culturalmente orientada, priorizando a natureza intersubjetiva da sexualidade (V. Paiva, 2008).

A sigla LGBTI+ corresponde à população de pessoas que se identificam com uma orientação sexual ou uma identidade de gênero diferente da heterossexual e cisgênera; cada letra se relaciona com as identidades que constituem a comunidade. A sigla correspondente respectivamente às pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis ou transgêneros e interssexo, enquanto o sinal de + integra as demais identidades possíveis. Pela diversidade que se apresenta, outras siglas são possíveis como a LGBTQIAPN+ que explicita também as pessoas *queer*, intersexo, assexuais, pansexuais e não binárias. Contudo, optou-se pela utilização da sigla LGBTI+ pois tem sido a utilização mais consensual no âmbito nacional e no contexto cotidiano desta mesma população, o qual será o cenário principal deste estudo (Helena & Rosa, 2024; Moreira, 2022; Quinalha, 2022). O estado do Amazonas possui pelo menos 60 mil pessoas adultas

que se declaram homossexuais ou bissexuais, o que equivale a 2,3% da população amazonense. Na cidade de Manaus, essa população é de 46 mil pessoas, o que corresponde a 3%. A nível nacional esse número é de 2,9 milhões (1,8%) (IBGE & Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, 2022).

Dentre os primeiros marcos nacionais a favor dos direitos da população LGBTI+ está o lançamento do projeto "Brasil Sem Homofobia" em 2004 pelo Governo Federal, precursor no combate à violência e defesa de direitos à saúde, segurança, trabalho e cultura. Em 2011, o STF reconheceu a união estável entre pessoas do mesmo sexo, o que levou à Resolução 175 do CNJ em 2013, autorizando o registro de casamento civil ou união estável entre pessoas do mesmo sexo. Essas medidas permitiram a adoção conjunta por casais homoafetivos e a parentalidade LGBTI+ através de reprodução assistida, conforme Provimento nº 63/2017 do CNJ, garantindo o registro de filhos gerados para casais hétero ou homossexuais sem necessidade de vínculo consanguíneo. Em 2019, a população LGBTI+ conquistou a cobertura jurídica para crimes homofóbicos e transfóbicos, quando o STF vinculou esses crimes ao Art. 20 da Lei nº 7.716/1989, que criminaliza atos de racismo, igualando as sanções penais. Embora este seja um avanço significativo, a comunidade ainda necessita de uma legislação específica contra violência e discriminação (Conselho Federal de Psicologia (Brasil), 2023).

Em paralelo às constantes conquistas, estratégias e movimentos dos segmentos conservadores da sociedade se articulam para barrar e reverter os avanços alcançados. Em contexto global, no âmbito da Organização das Nações Unidas (ONU) não há norma específica voltada para defender os direitos de minorias sexuais e de gênero, um atraso fomentado pelo forte ativismo antigênero e LGBTI+fóbico de alguns países que se valem de uma noção de "família natural" e da naturalização da heterossexualidade com determinismos de gênero (Conselho Federal de Psicologia (Brasil), 2023). Um exemplo de retrocesso foi a aprovação em 2023 do projeto de lei 5167/09, que inclui a proibição da união homoafetiva no país. A Comissão de Previdência, Assistência Social, Infância, Adolescência e Família da Câmara dos Deputados aprovou o projeto, que seguiu para apreciação das demais câmaras e do Senado. O projeto se fundamenta em critérios religiosos e na considerada impossibilidade de procriação fruto dessa união (Agência Câmara de Notícias, 2023).

Em decorrência das transformações dos papéis de gênero e concepções de sexualidade, as definições e concepções de famílias vem sofrendo algumas mudanças que

trazem à tona uma urgência em estudar as diferentes composições familiares. Diante dessas constantes transformações sabe-se pouco ainda sobre as diferentes famílias brasileiras. Torna-se, portanto, importante buscar conhecer as diferentes modalidades de famílias brasileiras e suas implicações para a trajetória de vida das pessoas (Dessen, 2010).

Inseridos nesse sistema político e cultural, atravessado por radicais mudanças e conflitos ao longo da história, a população LGBTI+ permanece em constante luta para conquistar mais direitos e ocupar espaços na sociedade. Entendemos que essa população está inserida em diferentes ambientes, os quais podem ser objeto de análise para que possamos refletir sobre as demandas do grupo LGBTI+.

O ambiente físico também é uma dimensão social, e o ser humano só se constitui tal como é inserido em um espaço. Essa relação pessoa-ambiente possui um caráter dinâmico e interdependente, portanto, os indivíduos modificam e são modificados pelo entorno. Dessa forma, ao considerar pessoas ou grupos de pessoas não podemos pensar em sujeitos isolados e sim dentro de uma coexistência de indivíduos e ambiente (Zacarias & Higuchi, 2021). Circunscrito nos estudos pessoa-ambiente da Psicologia Ambiental, buscamos compreender a interação entre a subjetividade das pessoas e a objetividade do ambiente físico e a partir disso ampliar o olhar voltado para populações em destaque em estudos científicos.

A Psicologia Ambiental é uma disciplina que possui um potencial relevante na compreensão de pessoas e grupos, pois oferece perspectivas para o desenvolvimento humano e social em distintos cenários. Ela estuda o ser humano em seu contexto físico e social, buscando compreender as interrelações pessoa-ambiente. Investe-se atenção igual às percepções, atitudes, avaliações ou representações ambientais, bem como os comportamentos associados a elas. Há um interesse pelos efeitos do ambiente sobre os comportamentos humanos e pela percepção e atuação humana sobre o seu entorno (Günther et al., 2004).

Entender como os sujeitos percebem os ambientes em que transitam é uma contribuição da Psicologia Ambiental para tornar esses espaços mais acolhedores. Estudar como os diferentes ambientes são percebidos, vivenciados e valorados é um elemento crucial para que gestores de políticas públicas possam atender as reais demandas sociais dos cidadãos. Nesse contexto, o conceito de percepção ambiental ganha destaque na medida em que está relacionado à imagem que formamos a respeito do ambiente e ao

modo como as pessoas experienciam os aspectos ambientais presentes em seu entorno, sejam eles físicos, sociais, culturais e/ou históricos. Essa percepção ambiental possui uma função de interpretação e de construção de significados e por isso ela exerce influência nos processos de apropriação e de vinculação aos espaços (Kuhnen & Higuchi, 2011).

Embora o termo percepção tenha como origem os campos da fisiologia e da psicologia, no campo dos estudos humano-ambientais a percepção ambiental vai ser incorporada por outras áreas com objetivo de tornar compreensíveis os comportamentos humanos voltados à relação pessoa-ambiente. Portanto, a percepção ambiental vai além da combinação dos sentidos no reconhecimento de um estímulo externo, ela inclui também a manifestação comportamental diante do ambiente percebido, gerando um processo complexo de mediação entre pessoa e ambiente gerenciada pelos órgãos sensoriais, pelo cérebro e por nossas capacidades de movimento e ação, devendo ser entendido como um movimento ativo dos sujeitos na construção de sentidos, realidades e sistemas de ação (Kuhnen & Higuchi, 2011).

Tais considerações sugerem que a vivência da população LGBTI+ em ambientes urbanos e a forma como essas pessoas têm sido acolhidas nesses espaços possui uma série de singularidades próprias. Vem à tona a importância de descrever o modo como essas pessoas se relacionam com seus ambientes, identificando os aspectos que influenciam as interações e caracterizam as singularidades dessas vivências com e no espaço. Considerando as perspectivas apresentadas, este estudo parte do interesse de contribuir com os conhecimentos sobre a população LGBTI+ enquanto seres psicossocioambientais, de maneira a compreender como o espaço residencial é vivido e interiorizado pelas famílias em condição homoafetiva residentes na cidade de Manaus-AM.

Esta pesquisa se origina da formação de mestrado em Psicologia no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPsí) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e está inserida na linha de pesquisa Processos Psicossociais. Sob a perspectiva da Psicologia Social Crítica Latino-Americana, os seres humanos constituem uma unidade biopsicossocial e exigem uma abordagem rica em disciplinas para a sua compreensão, a partir disso é possível então conceituar o termo Processos Psicossociais como sendo as atividades, operações e fenômenos que acontecem simultaneamente e em múltiplas dimensões entre o biológico (organismo), o psíquico (interioridade), e o social (exterioridade) nas interações e relações humanas, com seres humanos entre si ou destes com outros elementos materiais ou imateriais. Essa definição fornece ferramentas

importantes para dar conta de compreender os sujeitos e a vivência das etnias, povos e comunidades tradicionais (Calegare, 2021).

Os povos e comunidades situados em territórios tradicionais e não ocidentais exigem uma epistemologia que considere os espaços onde os processos psicossociais acontecem e que aborde de maneira particularizada como as pessoas das regiões apropriam e vivenciam o seu universo. É necessário que a dimensão política dos processuais psicossociais não seja ignorada, considerando também as características historicamente construídas daquele sistema social e político. Acredita-se que esse posicionamento é capaz de contribuir com as populações latino-americanas para a superação de diversos dispositivos de exclusão e dominação social, como por exemplo a interiorização que esses povos fazem da dominação social, adotando visões, sentimentos e comportamentos que se apropriam do preconceito contra as minorias sociais. Esse processo pode ser rompível pela conscientização dos processos psicossociais e pela recuperação da memória história, organização popular e práticas de classe e coletivas (Calegare, 2021). Martín-Baró (2017) pontua que a extensa lista de absurdos históricos sofridos pelos povos latino-americanos os coloca em um estado de dormência onde não resta nada além de aceitação fatalista de seus destinos e a impossibilidade de uma mudança social. Contudo, é possível combater o fatalismo por meio da recuperação da memória histórica e da organização popular.

Com base no exposto, este estudo foi realizado na cidade de Manaus junto a famílias homoafetivas buscando evidenciar os elementos que compõem a satisfação residencial dessa população, utilizando o aporte teórico da Psicologia Ambiental e discutindo questões de sexualidade na vivência urbana. A proposta para realização do estudo é fruto do desejo em dar visibilidade às vivências cotidianas dessa população em seus ambientes residenciais e evidenciar as necessidades e possíveis demandas dessas famílias na relação com o lugar onde moram. Esse estudo se mostra relevante para contribuir com a construção de ambientes mais acolhedores para populações socialmente vulneráveis como é o caso da população LGBTI+, bem como poderá contribuir para a inserção e enriquecimento das discussões de gênero e sexualidade no campo teórico e metodológico da Psicologia Ambiental, considerando a escassez atual da interface entre as duas temáticas.

Em minha vivência como mulher lésbica observo cotidianamente que a população LGBTI+ está inserida em diferentes ambientes comuns à toda a população e diariamente

enfrentam situações que trazem à tona questões e tensões vinculadas às suas identidades sexuais; um exemplo é o ambiente residencial. Observa-se que, no Brasil, a Psicologia Ambiental ainda possui um número reduzido de estudos realizados com esse público e, quando realizados, normalmente os estudos são voltados para a compreensão da vivência dessa população em instituições de acolhimento para pessoas LGBTI+, em situação de privação de moradia, ou alguma outra vivência em espaço urbano restrito para essa população. A partir disso também surgiu o desejo de realçar a interação dessa população em ambientes plurais e comuns a diferentes pessoas, bem como, não explorar a experiência desses sujeitos somente em situações de extrema vulnerabilidade e salientar a experiência de conquista dessas pessoas por espaços, pelas suas moradias e pela formação de suas próprias famílias. A partir dessas inquietações, surgem os questionamentos: de que forma famílias homoafetivas se relacionam com seus entornos e como essas famílias têm sido acolhidas em seus ambientes residenciais na cidade de Manaus?

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico foi organizado em três tópicos, abordando diferentes aspectos relacionados à Psicologia Ambiental e à Sexualidade, com ênfase na população LGBTI+. O primeiro tópico, "Psicologia Ambiental e Sexualidade", discute a marginalização dessa população em ambientes predominantemente heterocissexistas, destacando a importância de criar espaços urbanos e residenciais mais acolhedores e seguros para essa comunidade. O segundo, intitulado "Ambientes Residenciais", explora as dimensões físicas e sociais que compõem estes ambientes, analisando como a casa, o bairro e a vizinhança influenciam o bem-estar e a segurança dos residentes. O último tópico, "Satisfação Residencial", apresenta um modelo teórico para investigar a satisfação dos moradores em relação aos seus ambientes, enfatizando a importância de entender as percepções subjetivas e as expectativas em relação ao espaço habitacional. Cada tópico fornece uma base conceitual para entender como o ambiente físico e social impacta a vida das pessoas, especialmente aquelas pertencentes à comunidade LGBTI+.

Psicologia Ambiental e Sexualidade

O grupo de pessoas LGBTI+ estão inseridos em uma subcultura própria, circunscrita em um universo particular de sentidos e valores que dão uma certa coesão a

este grupo. Essa subcultura é formada apartada e em contraposição à cultura heterocissexista dominante, contrariando as regras que determinam os padrões de gênero e sexualidade. Esse cenário contribui para a marginalização da população LGBTI+ desde a tenra idade. Em geral, pessoas LGBTI+ nascem em famílias conservadoras e vivem muito tempo da vida escolar e profissional em ambientes homofóbicos e espaços não LGBTI+. Diferente de outros grupos vulnerabilizados, estas pessoas não encontram acolhimento no seu seio familiar. Esse lar, que em regra deveria representar um refúgio seguro, acaba representando o primeiro ambiente de violências homofóbicas, podendo ser considerada a mais insuportável por partir de pessoas com quem se tem maior conexão afetiva nessa fase da vida. A heteronormatividade legitima situações de violência homofóbica em contexto familiar e, conseqüentemente, ocasiona a ruptura dos vínculos, com o afastamento temporário ou permanente entre jovens lésbicas e gays e seus familiares, levando à saída ou à expulsão da casa dos pais. A família pode não representar uma rede de apoio para estes jovens que, muitas vezes, contam apenas com a rede social de amigos (Quinalha, 2022, Perucchi et al., 2014).

Essa realidade agravou-se com as restrições para frequentar espaços públicos, postas em função da pandemia de COVID-19. Dados do relatório do Centro Municipal de Cidadania LGBT de Natal/RN (Cemced) demonstraram que durante a pandemia de COVID-19 a violência no espaço doméstico contra LGBTIs+ aumentou. Essa sensação de insegurança chegou ao ponto de esses sujeitos enxergarem a violência homofóbica familiar como mais ameaçadora que o próprio vírus que se alastrava pelo mundo, sendo percebido como mais seguro estar na rua ao invés de estar dentro de casa. Esse cenário é um forte contribuinte para promover ou agravar quadros de sofrimento e adoecimento psíquico na população LGBTI+ (R. D. S. Oliveira & Machado, 2023).

Alguns dos estudos brasileiros que buscam investigar vivências da população LGBTI+ em centros urbanos são realizados em casas de acolhimento, que abrigam as pessoas da sigla em situação de falta de acesso à moradia. Os estudos sugerem uma necessidade por esses centros de acolhimento para essa população, visando oferecer suporte e espaços para a representatividade e a visibilidade desse grupo. Observou-se que a relevância da arquitetura humanizada na concepção do centro de apoio, visando não apenas a funcionalidade do espaço, mas também o bem-estar e a dignidade dos indivíduos atendidos. Os resultados indicaram a relevância de centros de acolhimento que não apenas ofereçam suporte físico e emocional, mas também promovam a conscientização e a

educação sobre questões de gênero. Pensar o ambiente físico com base nas necessidades dessa população pode desempenhar um papel fundamental na reinserção social dessas pessoas, proporcionando um ambiente seguro e empoderador (L. A. P. D. Silva, 2020; L. D. M. Silva, 2019).

A hostilidade enfrentada pela população LGBTI+ em ambientes urbanos também é alarmante, impactando negativamente sua qualidade de vida e segurança, especialmente para pessoas trans e travestis. Um estudo de mapeamento da hostilidade urbana em João Pessoa/PB indicou que essas pessoas enfrentam níveis elevados de violência, com uma expectativa de vida para pessoas trans no Brasil de aproximadamente 35 anos, refletindo uma desestruturação violenta dessa juventude (Nóbrega, 2022).

Outro estudo na cidade de João Pessoa/PB, cujo foco principal foi explorar as experiências de travestis e mulheres trans em relação ao uso de banheiros públicos, demonstrou que travestis e mulheres trans enfrentam desafios significativos frequentemente relacionados ao preconceito e à discriminação, resultando em sentimento de insegurança e medo ao utilizar esses espaços. Muitos dos participantes relataram episódios de violência verbal e física, além de serem alvo de olhares invasivos e comentários ofensivos. Essas experiências negativas contribuem para que travestis e mulheres trans evitem o uso de banheiros públicos, o que pode levar a problemas de saúde física e mental devido à retenção prolongada de necessidades fisiológicas. Ressalta-se a necessidade de medidas que garantam o acesso seguro e digno de travestis e mulheres trans aos banheiros públicos (Rodrigues et al., 2022).

Pessoas LGBTI+ frequentemente enfrentam situações de vulnerabilidade e hostilidade em espaços urbanos, culminando em exclusão social que se manifesta tanto em contextos cotidianos quanto em eventos públicos. Esses indivíduos são alvos frequentes de violência e discriminação, com uma alta percepção de insegurança nos espaços públicos, muitas vezes resultando em uma exclusão velada ou explícita. Apesar da maior visibilidade e aceitação social da população LGBTI+ em eventos como o Carnaval, ainda há uma demanda por ambientes urbanos mais seguros e diversos. A presença de hostilidade e o medo de ataques físicos ou verbais limitam a liberdade de expressão e a participação plena dessa comunidade, logo, é necessária a implementação de políticas públicas e intervenções no *design* urbano que considerem as especificidades da população LGBTI+, promovendo uma acessibilidade genuína e segura em todos os aspectos da vida urbana (R. C. Oliveira et al., 2020).

Em síntese, os estudos convergem para a necessidade urgente de ambientes que acolham a diversidade sexual, tanto no espaço doméstico quanto no urbano e coletivo, que promovam segurança, dignidade e integração da população LGBTI+. A promoção de espaços físicos acolhedores e de políticas públicas eficazes são fundamentais para enfrentar a violência e melhorar as condições de vida dessa população. Assim, ao direcionar o olhar para as complexas interações entre a identidade de gênero, a orientação sexual e o ambiente, torna-se possível pensar nas possibilidades de entender também a vivência das pessoas LGBTI+ em seus lares. A Psicologia Ambiental nos fornece uma estrutura para entender as relações dinâmicas entre os indivíduos e seus espaços físicos, sendo possível direcionar essa perspectiva para os ambientes residenciais. A necessidade de estudos que investiguem essas relações torna-se ainda mais evidente, uma vez que o ambiente residencial não é apenas um local de habitação, mas um espaço simbólico de identidade e segurança.

Ambientes Residenciais

Os ambientes residenciais abrangem a área interna do local de moradia e as suas adjacências (vizinhança e bairro). O conceito de Ambiente Residencial possui três níveis de análise, que são o bairro, a casa e a vizinhança e cada um desses elementos possui aspectos físicos e sociais. O aspecto físico corresponde aos equipamentos e serviços disponíveis nesse ambiente e o aspecto social incorpora as redes sociais que se estabelecem nas áreas compartilhadas da residência ou do bairro. O ambiente residencial não é somente a área delimitada pelas residências, mas também o espaço próximo a ela, seja físico ou social, e onde o sujeito realiza grande parte das suas atividades cotidianas (Aragonés & Amérigo, 2004; Albuquerque & Günther, 2019).

Em relação à casa, Aragonés e Amérigo (2004) descrevem cinco dimensões que a definem. Primeiramente, a casa pode ser permanente ou temporal, quando elas se diferenciam pelo fato de serem fixas, móveis (como tendas ou cabanas) ou temporárias (como as casas de aluguel). Na segunda dimensão as casas podem se diferenciar entre compartimentadas ou homogêneas. Nas casas compartimentadas, os cômodos são bem delimitados e cada área da casa cumpre sua função. Em outras residências, por outro lado, essa delimitação pode não existir e formar um espaço mais homogêneo. A casa também pode ser comum ou não comum, ou seja, diferenciando-se pelo grau em que uma mesma residência é compartilhada pelos membros da família nuclear. Em alguns casos os

membros da família tendem a sair da casa de origem e fundar novos lugares e, em outros casos, é mais comum que várias gerações residam na mesma casa. A quarta dimensão faz referência ao binômio identidade/comunidade, no qual o primeiro polo indica o quanto uma casa exprime os interesses e as necessidades próprias dos residentes e o segundo o quanto a casa representa o estereótipo compartilhado por uma determinada cultura. Por último, a casa pode ser aberta ou fechada de acordo com o grau de abertura que a casa oferece às pessoas estranhas. Destaca-se que o fator cultural é a principal influência associada a qual polo dessas dimensões irá prevalecer em uma determinada residência.

A casa desempenha funções psicossociais essenciais, como as de intimidade, segurança psicológica e socialização. É um espaço de intimidade porque oferece proteção contra o mundo exterior, funcionando como um abrigo onde o indivíduo se sente seguro e protegido. É um lugar de enraizamento psicológico que oferece estabilidade, ponto de referência para onde se retorna periodicamente. A função de segurança psicológica implica que a vida dos moradores de uma residência não seja perturbada de forma inesperada, brusca ou violenta por perigos que poderiam tornar o ambiente um lugar onde é necessário estar constantemente em alerta contra ameaças. Tanto a casa quanto as sensações e sentimentos resultantes dessa relação estão associados à ligação entre uma propriedade e o afeto, representando o que chamamos de lar. É, acima de tudo, um lugar de trocas afetivas, onde o sujeito se sente autêntico e onde encontra seu próprio espaço. Por fim, o ambiente doméstico é um lugar de repouso, não apenas físico, mas também psicológico, onde o indivíduo se sente mais à vontade para agir segundo suas próprias normas, livre das demandas sociais externas que pesam ao longo do dia. A casa e seus cômodos tendem a refletir a personalidade, os interesses e o estilo de vida de seus residentes, pois não só expressam as características pessoais dos moradores, mas também seus valores sociais e as características culturais da sociedade a que pertencem, revelando sua personalidade e status socioeconômico (Aragonés & Amérigo, 2004; Fischer, s/d).

Nesse contexto cabe pensar no conceito de território enquanto um espaço delimitado que pode ser categorizado de acordo com a qualidade das relações estabelecidas nele e com ele. Nessa perspectiva, o território pode ser dividido nos níveis primário, secundário e terciário. A casa seria um exemplo de território primário pois se constitui em um espaço privado, é um local de intimidade que exerce uma função mais privada e pessoal para aqueles que o frequentam, garantindo intimidade e refúgio. O território secundário encontra-se em um nível intermediário por carregar características

tanto do território primário quanto do terciário, não sendo nem totalmente privado e nem totalmente público. Já o território terciário é predominantemente público, ocupado temporariamente por pessoas ou grupos (Fischer s/d).

O bairro corresponde ao nível intermediário da organização social, localizado entre o local de moradia e a cidade, e possui potencial de despertar sentimentos de comunidade e pertença. É uma área menos ampla próxima ao local de moradia do indivíduo, que fornece uma série de serviços e onde podem ser estabelecidos laços amistosos com as pessoas que também a habitam. Esse espaço social e geográfico é caracterizado por uma interdependência entre as pessoas, moradias e diferentes tipos de instituições e estabelecimentos. Os limites do bairro geralmente são definidos a partir da percepção dos sujeitos que ali residem, bem como pelo sentimento de pertencimento associado, ainda que possam não corroborar os dados oficiais das prefeituras (Aragonés & Amérigo, 2004). A função primordial do lugar é gerar senso de pertencimento e conexão. O sentimento de pertencimento a um lugar está no centro de uma estrutura psicológica responsável pela capacidade de se apropriar, de se vincular e de se enraizar em um espaço. Tais processos se manifestam a partir da necessidade de ter um lugar para expressar a subjetividade. A casa é o maior exemplo deste sentimento de pertença, por ser um espaço que permite a autorregulação do indivíduo e a manutenção das suas coerência e autoestima. Para tanto, o ambiente precisa dispor de elementos que satisfaçam as necessidades, exigências e desejos do sujeito que o frequenta (Mourão & Cavalcante, 2011).

A vizinhança refere-se ao nível de análise do ambiente residencial entendido como a dimensão social daquele espaço. O estudo desse componente está centrado em avaliar até que ponto as características da casa e do bairro podem afetar o padrão de interação entre os residentes. Sendo assim, as duas áreas de investigação neste campo são a proximidade entre os vizinhos e o sentimento de comunidade, em que a distância física e comunicacional entre os vizinhos influencia o sentimento de pertença e os vínculos afetivos estabelecidos no ambiente residencial (Aragonés & Amérigo, 2004).

Os espaços residenciais representam o habitar e o estar em uma casa. A casa é uma palavra que gera forte ressonância social e emocional e entre todos os espaços é aquele que mais evoca o sentido do lugar de vida de cada um. Habitar um espaço é uma parte essencial da relação entre ser humano e território: estabelecer nele a sua casa. Diante da diversidade de construções para moradias ao redor do mundo que variam de acordo com

as condições do meio natural e a cultura dos povos, em todos os casos o habitar tem uma função vital, qual seja ofertar um espaço que protege seus moradores dos perigos exteriores. Uma análise psicossocial do habitat não deve só dar conta dos mecanismos que definem as relações do indivíduo com o seu habitat, mas o modo de organização social no qual este se inscreve. Não é possível compreender esse espaço sem considerar o lugar e o valor do grupo humano e do papel da instituição familiar em cada cultura. Logo, cabe avaliar a partir das percepções e experiências individuais e coletivas de moradores, o quanto sentem-se satisfeitos com seus ambientes residenciais. Para tanto, faz-se necessário compreender o que pode compor e influenciar essa satisfação (Fischer, s/d).

O tema do ambiente residencial está presente em diversos trabalhos e pesquisas nos estudos pessoa-ambiente de diversos países latino-americanos, norte-americanos, europeus e africanos. O ambiente residencial é investigado nas suas atribuições físicas e sociais em relação ao interior da moradia, às propriedades visuais, aos valores afetivos das áreas residenciais, à interação social segundo a organização espacial da moradia, ao significado do lar, à avaliação da satisfação residencial, aos usos de diferentes espaços residenciais, à identidade de lugar, à percepção da qualidade do ambiente residencial, à relação entre privacidade e design, dentre outros aspectos (Wiesenfeld, 2005). Ou seja, os estudos têm buscado incorporar de maneira cada vez mais ampla, as dimensões física, cognitiva, afetiva e relacional/comportamental das interações de distintos grupos com o seu entorno.

Há o entendimento de que o ambiente residencial possui influência sobre o envelhecimento, afetando diretamente a saúde geral dos idosos de forma a favorecer ou não a longevidade. Para essa população, são observadas as vivências, significações e os riscos no ambiente residencial, considerando as limitações dessas pessoas e as adaptações necessárias no ambiente para que os riscos sejam diminuídos e a autonomia seja preservada. São estudados os comportamentos no ambiente residencial, dando destaque para a forma como os idosos e seus familiares e rede de apoio operam nas adaptações às limitações e às barreiras impostas pelo meio. É essencial considerar aspectos individuais e sociais da pessoa idosa, destacando tanto os elementos funcionais quanto os elementos estéticos do ambiente. Um ambiente residencial saudável para pessoas idosas se caracteriza pela preservação da identificação do morador com o local, de acordo com a sua personalidade e suas preferências, além de atender às necessidades funcionais do dia-a-dia, atentando para as necessidades de adaptações no local que se adequem às limitações

ocorridas no processo de envelhecimento, para atingir esse objetivo se faz necessária a ação conjunta de amigos, familiares e políticas públicas (Albuquerque & Günther, 2023; Lima, 2011; M. M. Paiva et al., 2016; Panet & Araújo, 2016).

A relação entre a criança e seu ambiente residencial também é considerada essencial para determinar a qualidade do desenvolvimento infantil. O contexto da casa e do bairro oferecem diferentes gradações de disponibilidade para atividades físicas, de lazer e interações sociais. Espaços seguros e bem equipados são indispensáveis para o favorecimento destes aspectos. Esses estudos demonstram a importância da segurança do bairro para as atividades das crianças, bem como a proximidade com parques e áreas de lazer e espaços verdes, considerando a maior atratividade infantil por espaços amplos e de lazer. A segurança é um fato primordial para os pais na decisão de conceder os acessos, isso é relevante destacar pois quando a convivência na rua é favorável muitas crianças a consideram uma segunda casa, sobretudo as ruas residenciais, tendo em vista a disponibilidade intensa de brincadeira e jogos infantis. Os estudos defendem o protagonismo nas crianças na relação com o ambiente, respeitando suas formas únicas de ser e estar no espaço. (Albuquerque & Günther, 2023, Luz et al., 2010, Lopes & Fichtner, 2017). No aspecto estético, segundo julgamentos feitos por profissionais do design e da arquitetura de cenários de ambientes residenciais para crianças, o contraste baixo e a complexidade moderada presentes nesses ambientes estão relacionados com a preferência visual percebida por especialistas e não especialistas em projetos. Isso indica que para favorecer a qualidade visual percebida de um ambiente infantil, deve-se evitar o contraste entre formas, cores, texturas e materiais, além de um número moderado de elementos na cena (L. A. Oliveira & Filho, 2020).

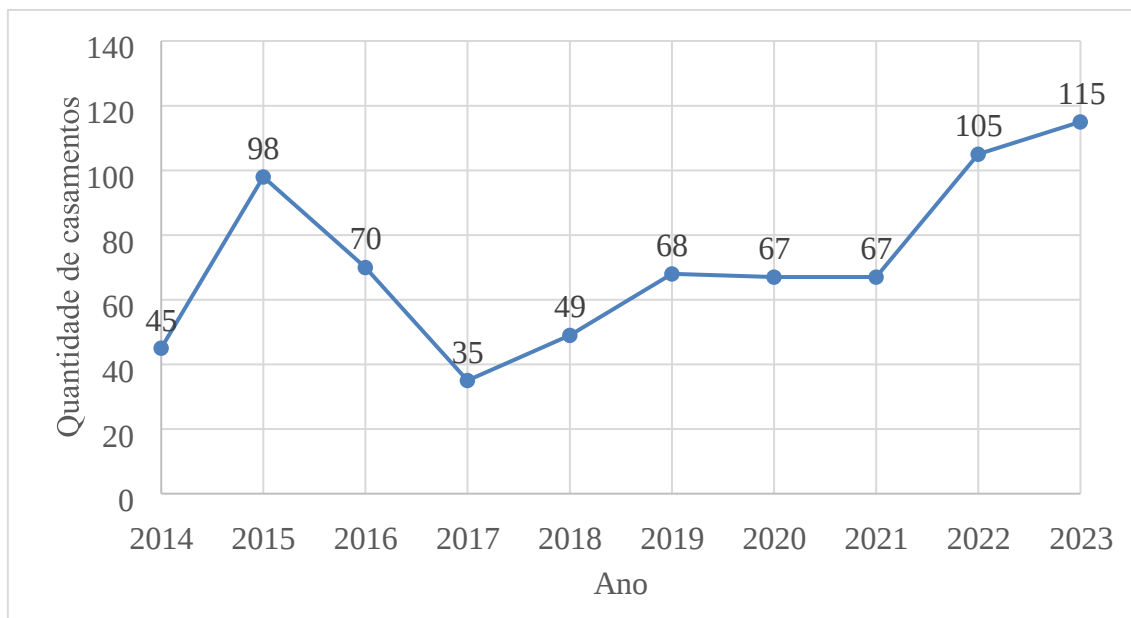
Em 2023 as características gerais dos domicílios e dos moradores no Brasil demonstraram que da estimativa de 77,7 milhões de domicílios particulares permanentes, 62,3% são domicílios próprios de algum morador, já pagos, 6% é próprio de algum morador, ainda pagando, 22,4% alugado e 9% cedido; 89,1% desses domicílios são de alvenaria/taipa com revestimento. A distribuição da população residente, segundo os grupos de idade, apresentou percentual de 24,5% para pessoas de 0 a 17 anos, 18,3% de pessoas com 18 a 29 anos, 41,7% de pessoas com 30 a 59 anos e 15,5% de pessoas com 60 anos ou mais, mulheres correspondem a 51,1% do total. O perfil de arranjo domiciliar mais frequente era o nuclear, formado por um único núcleo composto por um casal com ou sem filhos ou enteados. Nesse arranjo nuclear também são incluídas unidades

domésticas de mãe com filhos ou pai com filhos, chamadas monoparentais. Em 2023, 65,9% dos arranjos se enquadraram no tipo nuclear, 14,8% são de unidades estendidas, constituídas por uma pessoa responsável com pelo menos um parente, formando uma família que não se enquadra em um dos tipos descritos como nuclear. Além disso, 18% das unidades domésticas eram unipessoais, com apenas um morador, e 1,3% dos domicílios restantes se enquadram no modelo de família composta, compostas pela pessoa responsável, com ou sem parentes, e com pelo menos uma pessoa sem parentesco (IBGE & Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios, 2024)

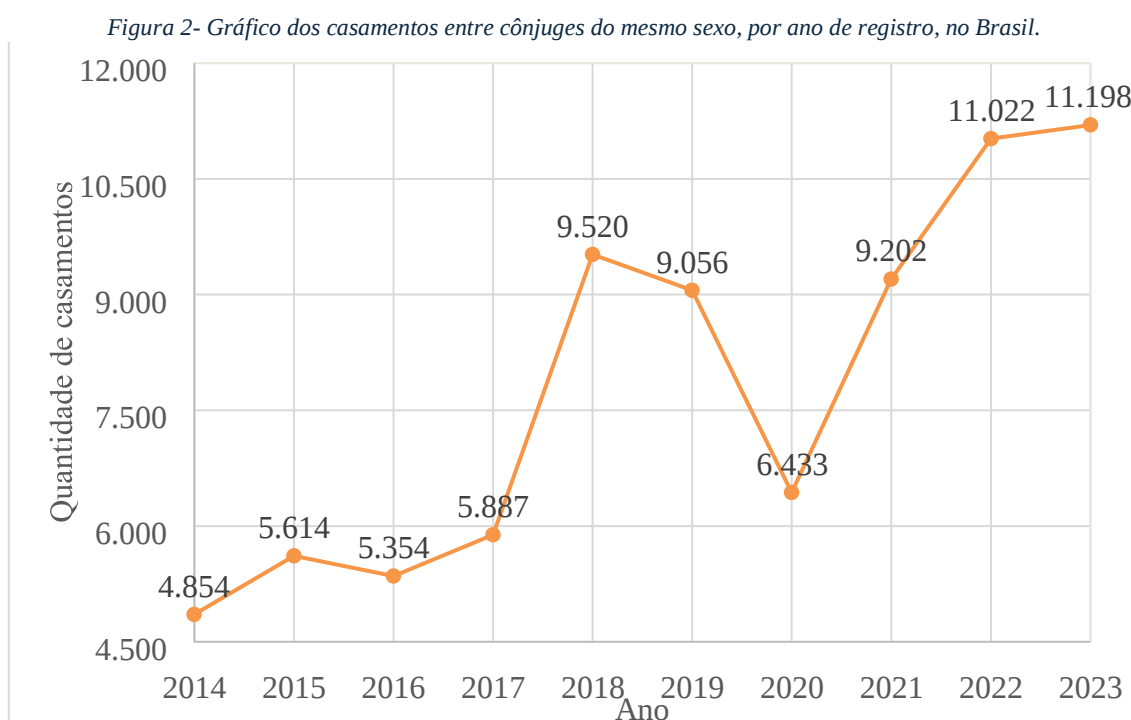
Dados em relação à vivência na casa e no bairro demonstram que 10,3% dos brasileiros com 15 anos ou mais relataram sentir-se inseguros em seus domicílios, enquanto 26,8% relataram insegurança em seus bairros. Mulheres, especialmente pretas ou pardas, sentiram-se mais inseguras em relação aos homens brancos, tanto no ambiente doméstico quanto nos arredores. A sensação de insegurança foi mais acentuada entre os 20% mais pobres da população, demonstrando uma relação entre vulnerabilidade socioeconômica e percepção de insegurança. Embora a sensação de insegurança no domicílio fosse semelhante entre moradores de áreas urbanas e rurais, o sentimento de insegurança no bairro era mais prevalente nas áreas urbanas, refletindo as dinâmicas urbanas de violência e a falta de proteção pública. Em termos de renda, os brasileiros mais pobres demonstraram maior sensação de insegurança, tanto em casa quanto nos bairros, enquanto os mais ricos relataram níveis mais baixos de preocupação (IBGE & Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2023).

Nesse cenário de ambientes residenciais estão inseridas diferentes pessoas, famílias e grupos que compartilham esses locais públicos e privados. É nesse aglomerado de condições físicas, psicológicas e sociais que estão inseridas as pessoas e famílias LGBTI+, embora muitas vezes negligenciadas em estudos e nas estatísticas oficiais. Em uma busca mais detalhada sobre esse perfil, identificou-se que no estado do Amazonas foram realizados 719 casamentos entre cônjuges do mesmo sexo entre os anos de 2014 a 2023. Nesse período, o estado apresenta uma tendência de crescimento na quantidade dessas uniões, contribuindo com o índice nacional que apresenta recordes anuais de uniões homoafetivas a cada ano desde a sua legalização no Brasil, conforme apresentado nos Gráficos 1 e 2 (IBGE, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2020, 2021, 2022, 2023).

Figura 1 – Gráfico dos casamentos entre cônjuges do mesmo sexo, por ano de registro, no Amazonas.



Nota. Gráfico de elaboração própria utilizando dados de Registro Civil do IBGE de 2014 a 2023.



Nota. Gráfico de elaboração própria utilizando dados de Registro Civil do IBGE de 2014 a 2023.

O ambiente residencial é o espaço que não é um só, mas se torna único pela interação mútua entre casas, bairros, moradores e vizinhos. É nessa interação que acontece a vida íntima e comunitária nas cidades, carregando o potencial de favorecer ou desfavorecer as diversas funcionalidades apresentadas até aqui. É nesse aspecto que entra

em cena a avaliação que as pessoas fazem sobre seus ambientes residenciais, e essa avaliação pode ou não resultar em uma satisfação plena com o ambiente residencial.

Satisfação Residencial

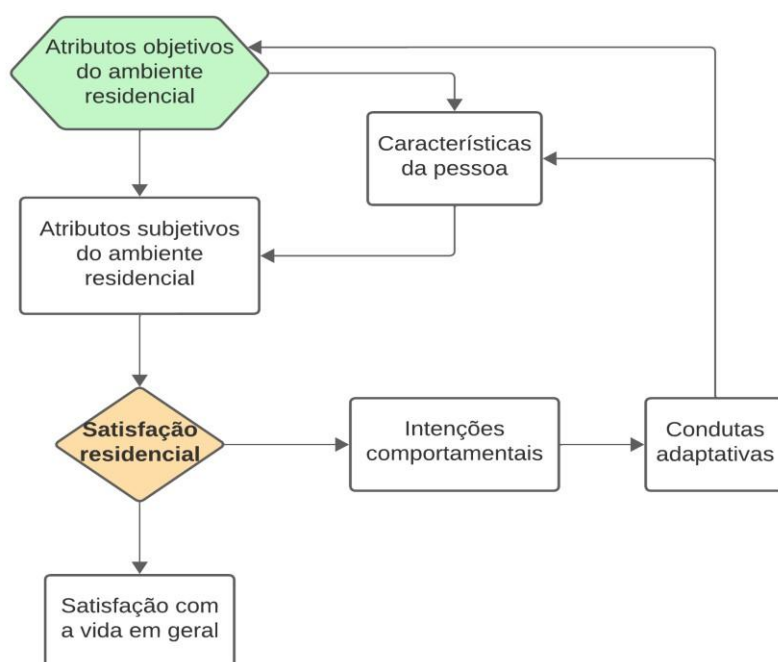
A satisfação com o ambiente residencial é considerada um importante preditor da qualidade de vida e bem-estar humanos. Para produzir esse efeito, múltiplos componentes precisam ser considerados em suas capacidades de contribuir para o bem-estar físico, social e mental: 1) a garantia de segurança contra desastres naturais; 2) a capacidade de proteger do som e da temperatura externa, da sujeira e de animais ou pessoas indesejadas; 3) o fornecimento eficaz de serviços de água, esgoto e descarte de resíduos; 4) as condições atmosféricas, qualidade do ar, clima local e ventilação dentro e ao redor do local de residência; 5) as condições do local que podem influenciar na transmissão de doenças infecciosas; 6) a acessibilidade para comércio, educação, emprego, lazer e assistência médica; 7) o fornecimento de alimentos frescos e seguros e, 8) o controle de vetores e hospedeiros de doenças. Esses são alguns dos principais fatores que compõem um ambiente residencial saudável, mas não são os únicos, devendo também ser considerada a sua capacidade de nutrir e sustentar processos sociais e psicológicos (Lawrence, 2002).

A satisfação residencial não depende apenas das características da moradia, mas compõe um conjunto de fatores físicos e sociais relacionados ao meio urbano no qual a habitação está inserida. Ao estudar o ambiente residencial três aspectos têm sido abordados com mais frequência: características da habitação, aspectos do meio urbano e relações sociais na vizinhança. Este é um tema complexo e resultados contraditórios são frequentemente apresentados entre os estudos sobre o tema, variando de acordo com o atributo que é enfocado como elemento que influencia nesta avaliação. O estudo da satisfação com o bairro, envolvendo aspectos como segurança, privacidade, acessos e áreas verdes, tem ganhado destaque em diversos campos de estudo, que desenvolvem pesquisas acerca da qualidade de vida nas cidades e seu papel na qualidade de vida dos moradores. Resultados indicam que as pessoas precisam não só de um espaço individual, mas também de acessos de qualidade aos espaços externos. Assim, o acesso aos diferentes serviços, a relação com os vizinhos e o comércio, em seus aspectos físicos e subjetivos enriquecem a vivência no ambiente residencial. Avaliações positivas das instalações do

bairro são apontadas como um fator importante da satisfação residencial (Esperidião, Neto et al., 2024).

A definição de satisfação residencial pode ser agrupada em duas categorias. A primeira destaca o polo afetivo e emocional que engloba a gratificação ou o prazer derivado da localidade de habitação. A segunda categoria dá destaque a uma dimensão mais cognitiva, na qual a satisfação residencial se constitui a partir da comparação entre a situação de moradia atual e as expectativas e aspirações do indivíduo para uma moradia ideal. Aragonés e Amérigo (2004) propõem um modelo teórico para guiar a investigação sobre a satisfação residencial por meio de um modelo sistêmico (Figura 3) que se inicia com a avaliação que o indivíduo faz do ambiente em que reside, um ambiente residencial objetivo, caracterizado por atributos físicos e sociais, que também se converte em subjetivo toda vez que é avaliado pelos usuários. Assim, são contempladas as percepções e vivências dos residentes, pois as próprias características pessoais dos moradores imprimem características a esse ambiente residencial, convertendo-o em único e permitindo ao usuário ser afetado positiva ou negativamente por ele. A consequência desse estado de satisfação resulta na emissão de determinadas condutas e/ou mecanismos adaptativos que conduzem o indivíduo a uma situação congruente com o lugar em que reside.

Figura 3- Modelo sistêmico da satisfação residencial



Nota. Figura de elaboração própria adaptada de Aragonés, J. I., & Amérigo, M. (2004). *Psicología Ambiental*. Piramide Ediciones Sa.

Estudos que buscam compreender a satisfação residencial evidenciam também aspectos determinantes para a insatisfação, como o tamanho e *design* de cômodos. A boa localização e proximidade de serviços, bem como a presença de boa ventilação natural são fatores do ambiente que favorecem maiores níveis de satisfação. Além disso, observase uma tendência de menor nível de satisfação residencial para maiores níveis de escolaridade, sugerindo que esses indivíduos possam ter maiores expectativas que não são atendidas em seus locais de moradia (Guimarães et al., 2021).

A satisfação residencial não é a mesma para todos, pois distintos grupos podem apresentar preferências contraditórias. Em relação ao gênero, os homens podem considerar como fatores de satisfação a existência de atividades culturais, bom comércio, e vagas de estacionamento e como fatores de insatisfação a presença de buracos nas ruas. Em contrapartida, as mulheres estão mais satisfeitas quando há presença de boas escolas, quando o bairro é mais habitável, seguro e adequado para pessoas com necessidade especiais (Esperidião et al., 2021).

O relato de uma família homoafetiva de duas mulheres e uma filha de 5 meses indica que muitos dos aspectos que são comumente considerados promotores de satisfação residencial podem não ser determinantes no momento da escolha de um local de moradia. A proximidade do trabalho, o aluguel mais barato e a boa estrutura da cidade não as fazia se sentirem em casa. Faltava natureza, vizinhança, contato, espaço para a cadela e um ambiente seguro longe de olhares julgadores, tudo isso somado ao contexto político de 2018, fazia com que elas não se sentissem acolhidas. Na escolha da nova moradia, as janelas grandes que permitiam um ambiente fresco e o contato com o ambiente externo foram os primeiros elementos atrativos para o casal. Após a mudança, a implementação de modificações no ambiente que imprimisse a personalidade da família e a adequação da rotina familiar na casa e no bairro e a presença de pessoas mais esclarecidas sobre os direitos de pessoas LGBTI+ desenvolveu o sentimento de segurança e favoreceram a identificação com a casa e a comunidade (Dias, 2024).

Esses conceitos elucidam a importância de compreender uma das premissas da Psicologia Ambiental de que os sujeitos, além de possuírem uma existência social no mundo, também estabelecem uma existência física no ambiente que posiciona a pessoa nesse espaço. Nesse sentido, o meio físico não se trata somente do cenário onde a vida

ocorre, mas um dos elementos que pode facilitar ou dificultar processos, tal como interação social e uso e gestão de recursos materiais. Por isso, entende-se que o sujeito opera um processo de incorporação e formação de ideias a respeito do seu entorno físico e das relações que se associam com ele e a subjetividade de cada um é um dos aspectos centrais nas respostas que cada pessoa dá ao seu estímulo ambiental (Higuchi et al., 2011).

OBJETIVOS

Objetivo geral

Compreender a percepção ambiental de famílias homoafetivas sobre os seus ambientes residenciais na cidade de Manaus.

Objetivos específicos

- Descrever o modo como famílias homoafetivas se relacionam com o ambiente residencial;
- Identificar os aspectos que influenciam a satisfação residencial para famílias homoafetivas;
- Caracterizar as singularidades da satisfação residencial em famílias homoafetivas.

MÉTODO

Delineamento metodológico

O presente estudo buscou avaliar a satisfação residencial de famílias homoafetivas residentes na cidade de Manaus através de uma pesquisa do tipo quali-quantitativa, ou mista, que faz uma combinação dos enfoques quantitativos e qualitativos de pesquisa. O enfoque quantitativo se caracteriza pela medição de fenômenos e utilização de estatísticas, buscando uma análise objetiva da realidade. O enfoque qualitativo explora os fenômenos em profundidade, contextualizando os fenômenos e analisando múltiplas realidades subjetivas (Sampieri et al., 2013).

Técnicas e instrumentos

Os dados quantitativos foram coletados por meio de um formulário composto por:
a) um questionário sociodemográfico que coletou dados sobre idade, gênero, orientação sexual, estado civil, nível de escolaridade, nível socioeconômico e informações familiares

e residenciais e, b) uma Escala de Satisfação Residencial adaptada (Furtado et al., 2013), para a mensuração dos níveis de satisfação residencial em relação a aspectos da residência de moradia, do bairro e da vizinhança (Apêndice 1). Por meio da escala de satisfação residencial buscou-se medir a satisfação dos respondentes em relação a diversos aspectos do ambiente residencial, como conforto, segurança, privacidade, qualidade das instalações e das interações sociais, além da avaliação de serviços nas imediações do ambiente residencial e de aspectos relacionados ao acolhimento com famílias homoafetivas.

Para a coleta dos dados qualitativos foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada de elaboração própria (Apêndice 2) que buscou aprofundar o entendimento sobre as percepções e a relação das famílias com o ambiente residencial. A partir desse instrumento foi possível investigar os conceitos em destaque por meio de perguntas mais abertas, permitindo aos participantes elaborar os temas sobre a moradia de forma mais detalhada.

Participantes

Participaram da pesquisa pessoas adultas maiores de 18 anos, residentes na cidade de Manaus, que se auto identificaram como gays, lésbicas, bissexuais ou outra orientação sexual da sigla LGBTI+ e que estavam em um relacionamento conjugal e constituindo uma família na condição homoafetiva, com ou sem filhos. No caso da presença de filhos foram incluídos na pesquisa os maiores de 18 anos. Não foram incluídas pessoas integrantes de famílias que não estivessem residindo juntas há pelo menos 1 ano e que não fossem socialmente reconhecidas como integrantes de família homoafetiva. As pessoas que responderam ao formulário da primeira etapa foram recrutadas a partir da divulgação nas redes sociais e pelo método de amostragem por conveniência. A coleta foi realizada de forma online e individualizada por meio da plataforma Google Forms a partir do dia 16/10/2024 e foi finalizada no dia 22/11/2024. Não houve limite de participantes nesta fase, porém almejava-se uma participação mínima de 100 pessoas. Durante o preenchimento da escala, os respondentes indicaram seu interesse e disponibilidade para possivelmente participar de uma entrevista subsequente. A maioria dos participantes recrutados acessaram o formulário a partir chegaram por meio da divulgação em redes sociais e esta fase de coleta foi facilitada pelos diversos contatos realizados com pessoas

conhecidas pela população LGBTI+ da cidade de Manaus que aceitaram compartilhar os cartazes eletrônicos de divulgação para aos seus seguidores nas redes sociais.

Procedimentos de coleta de dados

A coleta de dados foi conduzida em duas etapas. Na primeira etapa, a escala de satisfação residencial foi aplicada por meio da plataforma *Google Forms* em conjunto com a coleta de dados sociodemográficos. Na segunda etapa, entre as pessoas que responderam à escala, foram contatadas 5 (cinco) famílias para participar da entrevista semiestruturada, realizada presencialmente.

Procedimentos de análise de dados

Os dados coletados a partir da aplicação do questionário sociodemográfico e da escala de satisfação residencial, foram extraídos da plataforma *Google Forms* e em seguida submetidos a análises estatísticas utilizando o *software R* para obtenção das frequências dos dados sociodemográficos, dos índices de satisfação residencial encontrados na escala e as possíveis associações. Inicialmente, foi realizada uma etapa de limpeza e padronização dos dados, com ajustes em categorias, reformulações de variáveis e correção de inconsistências. Em seguida, foram feitas análises descritivas das variáveis sociodemográficas e da escala de satisfação, seguidas de testes do tipo qui-quadrado para identificar possíveis associações entre esses dois conjuntos de variáveis. Por fim, aplicouse a regressão ordinal, com o intuito de identificar quais fatores influenciam os níveis de satisfação residencial relatados pelos participantes.

Os dados obtidos nas entrevistas foram analisados por meio da técnica de Análise de Conteúdo Temática (Bardin, 2016) com apoio do *software Iramuteq (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires)*, um programa gratuito que indica frequências, contrastes, similitudes e hierarquização do conteúdo textual produzido a partir das falas dos participantes. Este recurso permite a organização e exploração dos dados textuais por meio de recursos computacionais que auxiliaram a análise qualitativa (Albuquerque, 2019).

Inicialmente foi realizada a transcrição das gravações das entrevistas e uma leitura inicial flutuante do material coletado, visando obter uma visão geral do conteúdo e permitindo captar primeiras impressões e representações sociais que emergem dos dados.

A partir dessa transcrição foi gerado o corpus textual de onde foram extraídas informações estatísticas e de conteúdo por meio da análise computacional do Iramuteq (Camargo & Justo, 2013; Souza et al., 2018). Foram identificadas nas entrevistas os principais temas que emergiram para a criação das categorias temáticas, as quais foram estabelecidas por meio da técnica de Classificação Hierárquica Descendente, que faz agrupamentos no conteúdo textual considerando a frequência e a proximidade de sentidos do vocabulário utilizado pelos participantes (Albuquerque, 2019; Bardin, 2016).

A partir daí realizou-se a exploração do material e o processo de codificação, no qual organizam-se os dados brutos em unidades com significados, seguindo da criação das categorias temáticas com base na relevância para o estudo e no potencial de atender aos objetivos da pesquisa. Esse material passará pelo tratamento de interpretação, procurando compreender os fenômenos e experiências apresentados nas falas dos participantes e relacionando-os com o aporte teórico da Psicologia Ambiental e das discussões sobre Gênero e Sexualidade.

Cuidados éticos

Foram considerados os preceitos éticos previstos na Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que orienta pesquisas realizadas com seres humanos na área das ciências humanas e sociais. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP-UFAM) - CAAE: 82595124.3.0000.5020. Após a aprovação sob parecer de número 7.091.985, foram iniciados os procedimentos de coleta de dados. Durante a fase de coleta foi disponibilizado a cada um dos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que solicita a indicação do aceite em participar da pesquisa, bem como informa os detalhes da pesquisa, incluindo contribuições do estudo, possíveis riscos e contato das pesquisadoras responsáveis (Apêndices 3 e 4).

RESULTADOS

Perfil dos participantes

A primeira etapa do estudo incluiu 106 participantes, dos quais 104 foram considerados na pesquisa. Dois participantes foram excluídos por não estarem em um relacionamento conjugal homoafetivo e/ou não residindo com seu par há pelo menos 1 ano. As análises estatísticas deste estudo foram realizadas com apoio da Assessoria

Estatística do Laboratório de Estatística da Universidade Federal do Amazonas (LabEst), um programa de extensão promovido pelo Departamento de Estatística. Para análise adequada dos dados, optou-se por modificar determinadas variáveis que apresentavam baixa frequência ou respostas inconsistentes e sem padronização. O banco de dados original está disponível a partir do código na Figura 4.

Figura 4 - Código R para obter o banco original

```
require(gsheet)
url <-
'https://docs.google.com/spreadsheets/d/1jppVkwCNDgLzYEX5Zt5D_uyXBWL
jhrXV/edit?usp=sharing&ouid=107709247123753864571&rtpof=true&sd=true'
base_de_dados <- gsheets2tbl(url)
```

Nota. Elaboração própria com apoio técnico do LabEst.

Na limpeza e padronização dos dados foram realizadas algumas alterações. Na variável sexualidade, por exemplo, houve uma entrada de resposta 'Lésbica' na opção outra e ela foi alterada para Homossexual. A variável 'Estado civil' obteve muitas repostas com baixa frequência e foi recodificada para 'Solteiro' em uma nova variável binária com as categorias 'Sim' e 'Não'. Para a variável 'Com qual gênero você se identifica?' as classes 'Homem Gay', 'Homens Transgênero', 'Mulher Transgênero' e 'Não Binário' tiveram somente uma resposta e foram agrupadas como 'Outros'. A variável 'Com quantas famílias homoafetivas você tem contato no seu bairro?' obteve respostas difusas e difíceis de serem convertidas em classes ou números. Por conta disso, optou-se por reformular a variável para 'Você tem contato com pelo menos uma família homoafetiva no seu bairro?', indicando as possibilidades de respostas como 'Sim' e 'Não'. A partir dos dados tratados foi elaborada uma tabela descritiva apresentando a frequência absoluta e relativa para cada categoria das variáveis socioeconômicas.

Entre os principais pontos observados na Tabela 1, destacam-se a predominância de mulheres cisgênero (64,2%) e participantes homossexuais (70,9%). A maioria encontra-se em relacionamento homoafetivo estável (98,1%), sem filhos no domicílio (88,3%) e com elevado nível educacional, sendo 72,8% com ensino superior completo. A renda familiar concentra-se entre 1 e 3 salários mínimos (34%), com 14,6% acima de 12 salários. Quanto à moradia, as maiores frequências são casas alugadas (46,6%) e casas em via pública (40,8%), com tempo de residência de até cinco anos em 83,4% dos casos. Geograficamente, os participantes distribuem-se principalmente nas Zonas Centro-Sul

(27.2%) e Norte (28.2%) de Manaus, sendo que 63,2% não têm contato com outras famílias homoafetivas no bairro.

Tabela 1- Perfil sociodemográfico dos participantes da primeira etapa do estudo

Variável	Categoria	n	%
Está em um relacionamento conjugal homoafetivo e residindo com seu par na mesma residência há pelo menos 1 ano?	Não	2	1.9
	Sim	103	98.1
Solteiro	Não	45	42.5
	Sim	61	57.5
Vocês possuem filhos que ainda moram com vocês?	Não	91	88.3
	Sim	12	11.7
Com qual gênero você se identifica?	Homem cis	30	28.3
	Mulher cis	68	64.2
	Outro	8	7.5
Qual é a sua sexualidade?	Bissexual	26	25.2
	Homossexual	73	70.9
	Pansexual	4	3.9
Você tem contato com pelo menos uma família homoafetiva no seu bairro?	Não	67	63.2
	Sim	39	36.8
Escolaridade	Ensino fundamento incompleto	1	1
	Ensino médio completo	6	5.8
	Ensino médio incompleto	1	1
	Ensino superior completo	75	72.8
	Ensino superior incompleto	20	19.4
Renda familiar mensal	Até 1 salário mínimo (até R\$1.501,94).	7	6.8
	De 1 a 3 salários mínimos (de R\$1.501,95 até R\$4.505,82).	35	34
	De 3 a 6 salários mínimos (de R\$4.505,83 até R\$9.011,64).	24	23.3
	De 6 a 9 salários mínimos (de R\$9.011,65 até R\$13.517,46).	13	12.6

Variável	Categoria	n	%
	De 9 a 12 salários mínimos (de R\$13.517,47 até R\$18.023,28).	9	8.7
	Mais de 12 salários mínimos	15	14.6
A casa onde você mora é?	Alugada	48	46.6
	Cedida	14	13.6
	Própria	41	39.8
Qual é o modelo da sua residência?	Apartamento em condomínio fechado	32	31.1
	Apartamento em via pública	20	19.4
	Casa em beco	2	1.9
	Casa em condomínio fechado	6	5.8
	Casa em via pública	42	40.8
	Kitnet	1	1
Há quanto tempo vocês residem nessa moradia?	De 1 a 2 anos	43	41.7
	De 10 a 15 anos	2	1.9
	De 2 a 5 anos	43	41.7
	De 5 a 10 anos	11	10.7
	Mais de 20 anos	4	3.9
Sua casa está localizada em qual zona da cidade de Manaus?	Zona Centro-Oeste.	7	6.8
	Zona Centro-Sul	28	27.2
	Zona Leste	11	10.7
	Zona Norte.	29	28.2
	Zona Oeste.	17	16.5
	Zona Sul	11	10.7

Nota. Elaboração própria com apoio técnico do LabEst

A etapa das entrevistas iniciou com a tentativa de contato com os participantes da primeira fase que indicaram interesse em participar das entrevistas. As tentativas ocorreram entre o final do mês de janeiro e início do mês de fevereiro de 2025 e as entrevistas foram realizadas entre os dias 14 de fevereiro e 8 de março de 2025, tendo sido audiogravadas com o consentimento dos participantes. Embora 53 pessoas tenham indicado aceite em participar da entrevista, a maioria dos contatos foram frustrados e

houve uma certa dificuldade em conseguir realizar os encontros; muitas famílias supuseram que as entrevistas seriam realizadas por meio de vídeo chamada e se mostraram relutantes em marcar um encontro presencial, além disso, como havia necessidade de fazer a entrevista de forma coletiva foi também necessário conciliar as agendas de todos os participantes. Por esse motivo optou-se pela realização de todas as entrevistas aos fins de semana e feriados no local de preferência dos participantes. Diante disso, a fase de coleta de dados por meio do formulário se mostrou uma alternativa essencial para recrutar uma quantidade razoável de famílias dispostas a participar das entrevistas, tornando viável alcançar um número apropriado para posterior análise e discussão.

As entrevistas foram realizadas com 5 (cinco) famílias totalizando 11 participantes, pois houve a participação de uma filha com idade superior a 18 anos. As gravações tiveram tempo médio de duração de 00:53:50 (53 minutos e 50 segundos). As entrevistas foram realizadas em local de escolha das famílias, sendo que 4 (quatro) delas optaram pela realização da entrevista em suas residências e uma família optou pela realização em um local público. Para a identificação dos participantes optou-se pela utilização de nomes fictícios (Tabela 2).

Tabela 2 – Famílias participantes das entrevistas

Nome e idade	Tipo	Modelo	Tempo residindo	Bairro e zona
Maria (33) e Luiza (28)	Alugada	Apartamento em condomínio	2 anos	Lírio do Vale (ZO)
Bianca (63), Ruth (60) e Inara (36)	Própria	Casa em via pública	25 anos	Gilberto Mestrinho (ZL)
Robson (44) e Vagner (36)	Própria	Apartamento em condomínio	7 anos	Ponta Negra (ZO)
Elen (26) e Roberta (27)	Alugada	Apartamento em via pública	1 ano e 2 meses	Novo Aleixo (ZN)
Fred (28) e José (26)	Alugada	Casa em via pública	2 anos e 3 meses	Centro (ZCS)

Nota. Tabela de elaboração própria com dados de identificação informados pelos participantes.

Legenda. ZO – Zona Oeste; ZL – Zona Leste; ZN – Zona Norte; ZCS – Zona Centro-Sul

Primeira fase do estudo – formulários

Na tabela 3 são apresentadas as variáveis de satisfação residencial, exibindo suas respectivas médias e desvios padrão. As médias mais elevadas se encontram nas variáveis de satisfação relacionadas a casa e ao bairro. O conforto (4,13), a segurança dentro de casa (3,95), a privacidade no nível da residência/casa (3,95) e o comércio (3,86) foram os que agruparam os maiores níveis de satisfação em comparação com os outros elementos

do ambiente residencial. Porém, quando consideramos as variáveis relacionadas ao acolhimento da população LGBTI+, os números de satisfação caem. A satisfação com a liberdade para demonstrações de afeto (2,60), com a segurança contra atos homofóbicos (2,66) e com a qualidade da relação com outras famílias homoafetivas (2,80) são significativamente mais baixas em relação às demais. Esses resultados nos sugerem que os níveis de satisfação são maiores nos aspectos objetivos dos ambientes residenciais do que nos aspectos relacionados à convivência social e acolhimento.

Tabela 3 - Resultados para a Escala de Satisfação Residencial

Variável	Média	Desvio Padrão
Satisfação com a casa - Conforto	4.13	1.01
Satisfação com a casa - Segurança da casa	3.95	1.11
Satisfação com a casa - Privacidade	3.95	1.11
Satisfação com o bairro - Lazer	2.91	1.40
Satisfação com o bairro - Vizinhança	3.36	1.27
Satisfação com o bairro - Segurança do bairro	3.02	1.39
Satisfação com o bairro - Comércio	3.86	1.10
Satisfação com o bairro - Serviços Públicos	3.18	1.23
Satisfação com o bairro - Transporte	3.23	1.21
Satisfação com o bairro - Serviços de saúde	3.21	1.05
Aceitação da comunidade do bairro com famílias homoafetivas	3.18	1.09
Qualidade da relação com outras famílias homoafetivas no bairro	2.80	1.19
Sensação de liberdade para demonstrações de afeto em público no bairro	2.60	1.35
Sensação de segurança contra atos homofóbicos no bairro	2.66	1.20
Sentimento em relação ao bairro (Escala de 1 a 3)	2.29	0.83

Nota. Elaboração própria com apoio técnico do Labest

Em seguida foram aplicados testes qui-quadrado buscando realizar uma análise exploratória e identificar possíveis relações entre o perfil socioeconômico dos participantes e suas percepções sobre satisfação residencial. O objetivo desta etapa foi verificar quais variáveis socioeconômicas apresentavam associações estatisticamente significativas ($p\text{-valor} \leq 5\%$) com cada uma das variáveis de satisfação residencial. A

Tabela 4 resume esses resultados, separando as variáveis em significativas e não significativas.

Tabela 4 - Teste qui-quadrado com as variáveis socioeconômicas que apresentam associações significativas

Variáveis de Satisfação	Variáveis Significativas (p-valor <= 5%)	Variáveis Não significativas
Conforto	Renda; Condição de moradia; Tipo de moradia; Zona da cidade.	Solteiro; Filhos; Gênero; Sexualidade; Contato com família homoafetiva no bairro; Idade; Tempo de residência;
Segurança da casa	Contato com família homoafetiva no bairro; Renda; Condição de moradia; Tipo de moradia;	Solteiro; Filhos; Gênero; Sexualidade; Idade; Tempo de residência; Zona da cidade.
Privacidade	Solteiro; Renda; Tipo de moradia.	Filhos; Gênero; Sexualidade; Contato com família homoafetiva no bairro; Idade; Condição de moradia; Tempo de residência; Zona da cidade.
Sentimento em relação ao bairro	Renda	Solteiro; Filhos; Gênero; Sexualidade; Contato com família homoafetiva no bairro; Idade; Condição de moradia; Tipo de moradia; Tempo de residência; Zona da cidade.
Vizinhança	Idade; Zona da cidade.	Solteiro; Filhos; Gênero; Sexualidade; Contato com família homoafetiva no bairro; Renda; Condição de moradia; Tipo de moradia; Tempo de residência;
Segurança do bairro	Idade; Renda; Condição de moradia; Tipo de moradia.	Solteiro; Filhos; Gênero; Sexualidade; Contato com família homoafetiva no bairro; Tempo de residência; Zona da cidade.
Comércio	Tipo de moradia; Zona da cidade.	Solteiro; Filhos; Gênero; Sexualidade; Contato com família homoafetiva no bairro; Idade; Condição de moradia; Renda; Tempo de residência.
Serviços Públicos	Sexualidade; Zona da cidade.	Solteiro; Filhos; Gênero; Contato com família homoafetiva no bairro; Idade; Condição de moradia; Renda; Tipo de moradia; Tempo de residência.
Serviços de saúde	Condição de moradia	Solteiro; Filhos; Gênero; Sexualidade; Contato com família homoafetiva no bairro; Idade;

		Renda; Tipo de moradia; Tempo de residência; Zona da cidade.
Aceitação da comunidade do bairro com famílias homoafetivas	Renda	Solteiro; Filhos; Gênero; Sexualidade; Contato com família homoafetiva no bairro; Idade; Condição de moradia, Tipo de moradia; Tempo de residência; Zona da cidade.
Qualidade da relação com outras famílias homoafetivas no bairro	Contato com família homoafetiva no bairro	Solteiro; Filhos; Gênero; Sexualidade; Idade; Renda; Casa onde mora é; Condição de moradia, Tipo de moradia; Zona da cidade.
Sensação de liberdade para demonstrações de afeto em público no bairro	Gênero	Solteiro; Filhos; Sexualidade; Contato com família homoafetiva no bairro; Idade; Renda; Condição de moradia, Tipo de moradia; Tempo de residência; Zona da cidade.
Sensação de segurança contra atos homofóbicos no bairro	Tempo de residência; Zona da cidade.	Solteiro; Filhos; Gênero; Sexualidade; Contato com família homoafetiva no bairro; Idade; Renda; Condição de moradia, Tipo de moradia.

Nota. Elaboração própria com apoio técnico do Labest

Os testes indicam que fatores como ‘Renda’, ‘Tipo de moradia’ e ‘Condição de moradia – própria, alugada ou cedida’ foram os mais associados às variáveis de satisfação residencial. Em contrapartida, variáveis como ‘Gênero’ e ‘Filhos’ raramente apresentaram significância estatística. Estes resultados preliminares foram utilizados posteriormente para direcionar a seleção das variáveis incluídas na etapa de regressão ordinal.

A regressão ordinal é um método estatístico indicado para analisar variáveis resposta que seguem uma ordem entre as categorias, como no caso dos níveis de satisfação utilizados neste estudo, que variavam de 1 a 5 (Agresti & Finlay, 2012). Nesse contexto, o modelo permitiu investigar de que maneira as diferentes características socioeconômicas influenciam os níveis de satisfação residencial relatados pelos participantes, ou seja, quais aspectos estavam associados a maiores ou menores níveis de satisfação.

Em relação ao ‘Conforto’ (Tabela 5), a estimativa para o efeito do nível ‘Renda maior que 12 salários mínimos’ é positiva, o que implica que são esperados níveis mais elevados de satisfação com o conforto para pessoas nessa faixa de renda, se comparados com aqueles que ganham menos de um salário mínimo. A chance estimada de que os que recebem mais de 12 salários mínimos estejam na direção de insatisfação é $e^{-4,1511} \approx 0,016$ vezes a chance estimada para aqueles que recebem até um salário mínimo.

A estimativa para o efeito do nível ‘Renda entre 1 e 3 salários mínimos’ também é positiva. A chance estimada de que casais com essa renda estejam na direção de insatisfação é $e^{-2,2069} \approx 0,11$ vezes a chance estimada para os que recebem até um salário mínimo. O mesmo ocorre em ‘Renda entre 3 e 6 salários mínimos’, sendo a chance estimada de que os casais com essa faixa de renda estejam na direção de insatisfação de $e^{-3,0683} \approx 0,047$ vezes a chance estimada para os casais com renda inferior a um salário mínimo. A mesma tendência se repete em ‘Renda entre 6 e 9 salários’ ($e^{-2,9583} \approx 0,052$) e na ‘Renda entre 9 e 12 salários mínimos’ ($e^{-3,7187} \approx 0,024$).

Tabela 5 - Estimativas do modelo ordinal ajustado para Conforto

Níveis	Estimativa	Erro Padrão	T-valor	P-valor
Renda > 12	4.1511	0.9771	4.2482	2e-05 ***
Renda 1 a 3	2.2069	0.8174	2.7000	0.00693 **
Renda 3 a 6	3.0683	0.8762	3.5016	0.00046 ***
Renda 6 a 9	2.9583	0.9305	3.1792	0.00148 **
Renda 9 a 12	3.7187	1.0520	3.5348	0.00041 ***

Nota. O nível Renda < 1 não aparece pois ele foi utilizado como referência. Elaboração própria com apoio técnico do LabEst.

Quanto à ‘Segurança da casa’ (Tabela 6), a estimativa para o efeito do nível ‘Renda maior que 12 salários mínimos’ é positiva, o que implica que são esperados níveis mais elevados de satisfação com a segurança da casa para casais nessa faixa de renda, se comparados com aqueles que recebem menos de um salário mínimo. A chance estimada de que os casais com mais de 12 salários mínimos estejam na direção da insatisfação é $e^{-3,9512} \approx 0,019$ vezes a chance estimada para aqueles com renda inferior a um salário mínimo. As estimativas para os níveis de ‘Renda entre 3 e 6 salários mínimos’, ‘Renda entre 9 e 12 salários mínimos’ também são positivas, o que sugere que casais nessa faixa também tendem a apresentar maior satisfação com a segurança da casa, em comparação com os que ganham menos de um salário mínimo. A chance estimada de estarem na direção da insatisfação é $e^{-2,1429} \approx 0,12$ e $e^{-4,1171} \approx 0,016$ vezes respectivamente a chance estimada para aqueles com renda até um salário.

Os níveis ‘Renda entre 1 e 3 salários mínimos’ e ‘Renda entre 6 e 9 salários mínimos’ não apresentaram p-valores estatisticamente significativos e não há evidências suficientes para afirmar que a satisfação com a segurança da casa se modifica nesses casos, em comparação com os grupos com renda inferior a um salário mínimo. O mesmo ocorre com o nível ‘Possui contato com família homoafetiva no bairro’, indicando que não há evidências suficientes de que a satisfação com a segurança da casa se altera nesses casos, em comparação com os casais que não possuem contato com famílias homoafetivas no bairro.

Tabela 6 - Estimativas do modelo ordinal ajustado para Segurança da Casa

Níveis	Estimativa	Erro Padrão	T-valor	P-valor
Renda > 12	3.9512	1.1183	3.5332	0.00041 ***
Renda 1 a 3	1.5827	0.9280	1.7054	0.08811 .
Renda 3 a 6	2.1429	0.9597	2.2328	0.02556 *
Renda 6 a 9	1.8595	0.9997	1.8601	0.06287 .
Renda 9 a 12	4.1171	1.1997	3.4319	6e-04 ***
Possui contato com família homoafetiva	0.7778	0.4445	1.7496	0.08018 .

Nota. O nível Renda < 1 não aparece pois ele foi utilizado como referência. Elaboração própria com apoio técnico do LabEst.

Os resultados também indicam que o nível de renda exerce uma influência positiva na satisfação com a ‘Privacidade da casa/residência’ (Tabela 7). De forma geral, quanto maior a renda, maiores são os níveis esperados de satisfação, quando comparados aos casais cuja renda é inferior a um salário mínimo. Especificamente, participantes com ‘Renda superior a 12 salários mínimos’ apresentam uma chance de insatisfação aproximadamente 0,018 vezes menor em relação ao grupo de menor renda. Da mesma forma, casais com ‘Renda entre 9 e 12 salários mínimos’ apresentam maiores níveis de satisfação, com uma chance de insatisfação cerca de 0,031 vezes menor. Para aqueles com ‘Renda entre 6 e 9 salários mínimos’, essa chance é aproximadamente 0,089 vezes menor, e para a faixa de ‘Renda de 3 a 6 salários’, 0,080 vezes menor. Mesmo na faixa de ‘Renda entre 1 e 3 salários mínimos’, observa-se um efeito positivo, com a chance de insatisfação sendo 0,073 vezes menor em comparação aos que recebem menos de um salário. Esses

resultados evidenciam que, independentemente da faixa, o aumento da renda está associado a uma redução na probabilidade de os casais se sentirem insatisfeitos com sua privacidade.

Tabela 7 - Estimativas do modelo ordinal ajustado para Privacidade

Níveis	Estimativa	Erro Padrão	T-valor	P-valor
Renda > 12	4.0315	1.0779	3.7401	0.00018 ***
Renda 1 a 3	2.6121	0.9224	2.8318	0.00463 **
Renda 3 a 6	2.5205	0.9407	2.6793	0.00738 **
Renda 6 a 9	2.4203	1.0138	2.3873	0.01697 *
Renda 9 a 12	3.4808	1.1019	3.1589	0.00158 **
Solteiro	1.3126	0.3977	3.3009	0.00096 ***

Nota. Os níveis Renda < 1 e Não Solteiro não aparece pois foram utilizados como referência. Elaboração própria com apoio técnico do LabEst.

Para o item ‘Sentimento em Relação ao bairro’ (Tabela 8) a estimativa para o efeito do nível ‘Renda entre 6 e 9 salários mínimos’ é negativa, o que indica que são esperados níveis menores de satisfação com os sentimentos em relação ao bairro para casais nessa faixa de renda, quando comparados com os que recebem menos de um salário mínimo. A chance estimada de que os casais que recebem essa faixa de renda estejam na direção de insatisfação é 9,25 vezes a chance estimada para aqueles com renda inferior a um salário. Os p-valores para os níveis de ‘Renda entre 1 e 3’, ‘Renda entre 3 e 6’, ‘Renda entre 9 e 12’, e ‘Renda acima de 12 salários mínimos’ não apresentaram significância estatística, o que implica que não há evidências de que a satisfação com os sentimentos em relação ao bairro se modifique nessas faixas de renda quando comparadas ao grupo que recebe até 1 salário mínimo.

Tabela 8 - Estimativas do modelo ordinal ajustado para Sentimento em Relação ao Bairro

Níveis	Estimativa	Erro Padrão	T-valor	P-valor
Renda > 12	-0.8366	0.8352	-1.0017	0.31649

Níveis	Estimativa	Erro Padrão	T-valor	P-valor
Renda 1 a 3	-0.9837	0.7786	-1.2633	0.20647
Renda 3 a 6	-1.2850	0.8169	-1.5730	0.11572
Renda 6 a 9	-2.2245	0.9308	-2.3899	0.01685 *
Renda 9 a 12	-1.1565	0.9278	-1.2465	0.21257

Nota. O nível Renda < 1 não aparece pois ele foi utilizado como referência. Elaboração própria com apoio técnico do LabEst.

No que se refere à ‘Vizinhança’ (Tabela 9), a estimativa para o efeito da ‘Idade’ foi positiva, o que sugere que, à medida que a idade aumenta, são esperados níveis mais elevados de satisfação com a vizinhança. A estimativa para o efeito do nível ‘Zona Centro-Sul’ foi positiva, indicando que são esperados níveis maiores de satisfação com a vizinhança para os casais moradores dessa zona, se comparados com os que moram na ‘Zona Centro-Oeste’, que foi estimado como o valor de referência aleatoriamente designado pelo *software* estatístico. A chance estimada para que os participantes que residem na ‘Zona Centro-Sul’ estejam na direção de insatisfação é de 0,16 vezes a chance estimada para os que vivem na ‘Zona Centro-Oeste’.

Os níveis ‘Zona Leste’, ‘Zona Norte’, ‘Zona Oeste’ e ‘Zona Sul’ não apresentaram p-valores com significância estatística, o que indica que não há evidências suficientes de que a satisfação em relação a vizinhança se altere para os moradores dessas zonas, em comparação com aqueles que moram na ‘Zona Centro-Oeste’.

Tabela 9 - Estimativas do modelo ordinal ajustado para Vizinhança

Variável	Estimativa	Erro Padrão	T-valor	P-valor
Idade	0.0589	0.0235	2.5046	0.01226 *
Zona Centro-Sul	1.8134	0.7617	2.3807	0.01728 *
Zona Leste	1.0007	0.8443	1.1852	0.23592
Zona Norte.	1.4831	0.7623	1.9456	0.0517 .
Zona Oeste.	1.0849	0.7911	1.3715	0.17023
Zona Sul	1.2001	0.8550	1.4035	0.16045

Nota. O nível Zona Centro-Oeste não aparece pois ele foi utilizado como referência. Elaboração própria com apoio técnico do LabEst.

Em relação à ‘Segurança no Bairro’ (Tabela 10) a estimativa para o efeito do nível ‘Renda maior que 12 salários mínimos’ é positiva, portanto, são esperados níveis maiores de satisfação com a segurança no bairro para essa faixa de renda se comparados com os que ganham menos de um salário. A chance estimada de que aqueles que recebem mais de 12 salários mínimos estejam na direção de insatisfação é 0,03 vezes a chance estimada para aqueles que recebem até um salário mínimo. A estimativa para o efeito do nível ‘Renda entre 6 e 9 salários mínimos’ também é positiva com chance estimada de insatisfação de 0,11 vezes a chance estimada para aqueles que recebem até um salário mínimo. O efeito do nível ‘Renda entre 9 e 12 salários mínimos’ é positiva e de 0,04 vezes a chance estimada para aqueles que recebem até um salário mínimo. O p-valor para a ‘Renda entre 1 e 3 salários’ não deu significativo, assim como para ‘Renda entre 3 e 6 salários’.

A estimativa para o efeito do nível ‘Moradia Cedida’ é negativa, o que implica que são esperados níveis menores de satisfação com a segurança no bairro para casais nesse nível se comparados com os que alugam a moradia. A chance estimada de que os casais que moram em moradia cedida estejam na direção de insatisfação é 7,58 vezes a chance estimada para aqueles em moradia alugada. O p-valor para ‘Moradia Própria’ não apresentou significância estatística, demonstrando não haver evidências de que a satisfação com a segurança no bairro se altera para casais nesse tipo de moradia, se comparado com os que residem em moradia alugada.

Tabela 10 - Estimativas do modelo ordinal ajustado para Segurança do Bairro

Níveis	Estimativa	Erro Padrão	T-valor	P-valor
Renda > 12	3.4992	1.1251	3.1102	0.00187 **
Renda 1 a 3	1.5127	1.0034	1.5075	0.13168
Renda 3 a 6	1.1493	1.0394	1.1057	0.26887
Renda 6 a 9	2.1318	1.0847	1.9654	0.04937 *
Renda 9 a 12	3.1735	1.1694	2.7138	0.00665 **
Moradia Cedida	-2.0262	0.6133	-3.3036	0.00095 ***

Níveis	Estimativa	Erro Padrão	T-valor	P-valor
Moradia Própria	-0.7387	0.4047	-1.8252	0.06797 .

Nota. Os níveis Renda < 1 e Moradia Alugada não aparecem pois foram utilizados como referência. Elaboração própria com apoio técnico do LabEst.

Na avaliação do ‘Comércio’ (Tabela 11) a estimativa para o efeito da ‘Zona Centro-Sul’ foi positiva e estatisticamente significativa, indicando que são esperados níveis mais altos de satisfação com comércio no bairro entre os moradores dessa zona em comparação com os da ‘Zona Centro-Oeste’. A chance estimada de estarem na direção da insatisfação é 0,11 vezes a chance estimada para as pessoas que moram na zona de referência. Os p-valores para as ‘Zonas Leste’, ‘Norte’, ‘Oeste’ e ‘Sul’ não apresentaram significância estatística, sugerindo ausência de evidências de que a satisfação com o comércio nesses locais seja diferente da observada na ‘Zona Centro-Oeste’.

Tabela 11 - Estimativas do modelo ordinal ajustado para Comércio

Níveis	Estimativa	Erro Padrão	T-valor	P-valor
Zona Centro-Sul	2.1904	0.8075	2.7124	0.00668 **
Zona Leste	1.2038	0.8624	1.3958	0.16276
Zona Norte	0.9408	0.7827	1.2020	0.22938
Zona Oeste	0.3347	0.8157	0.4103	0.68156
Zona Sul	1.5242	0.9205	1.6559	0.09774 .

Nota. O nível Zona Centro-Oeste não aparece na tabela pois ele foi utilizado como referência. Elaboração própria com apoio técnico do LabEst.

Em ‘Serviços Públicos’ (Tabela 12), a estimativa para o efeito do nível ‘Zona Centro-Sul’ foi positiva e estatisticamente significativa, o que implica que são esperados níveis mais elevados de satisfação com os serviços públicos entre os moradores dessa zona, em comparação com aqueles que vivem na ‘Zona Centro-Oeste’. A chance estimada de que moradores da ‘Zona Centro-Sul’ estejam na direção da insatisfação é de 0,20 vezes a chance estimada para os moradores da zona de referência. As estimativas para as ‘Zonas Leste’, ‘Norte’, ‘Oeste’ e ‘Sul’ não apresentaram significância estatística.

Tabela 12 - Estimativas do modelo ordinal ajustado para Serviços Públicos

Níveis	Estimativa	Erro Padrão	T-valor	P-valor
Zona Centro-Sul	1.6089	0.7636	2.1070	0.03512 *
Zona Leste	0.9495	0.8335	1.1392	0.25464
Zona Norte	0.1531	0.7487	0.2045	0.83794
Zona Oeste	-0.2245	0.7882	-0.2848	0.77581
Zona Sul	1.3811	0.8912	1.5497	0.12122

Nota. O nível Zona Centro-Oeste não aparece na tabela pois ele foi utilizado como referência. Elaboração própria com apoio técnico do LabEst.

Os resultados para a ‘Aceitação da comunidade do bairro com famílias homoafetivas’ (Tabela 13) indicam que o nível de renda exerce influência positiva sobre a satisfação dos casais com a aceitação da comunidade do bairro em relação às famílias homoafetivas e quanto maior a renda, maiores são os níveis esperados de satisfação, quando comparados àqueles com renda inferior a um salário mínimo. Particularmente, casais com ‘Renda superior a 12 salários mínimos’ apresentam uma chance de insatisfação aproximadamente 0,03 vezes menor em relação ao grupo de menor renda. Casais com ‘Renda entre 9 e 12 salários mínimos’ também apresentam níveis mais altos de satisfação, com uma chance de insatisfação cerca de 0,041 vezes menor. Da mesma forma, para aqueles com ‘Renda entre 6 e 9 salários mínimos’, essa chance é de aproximadamente 0,049. A faixa de ‘Renda entre 3 e 6 salários mínimos’ também demonstra efeito positivo, com a chance de insatisfação sendo cerca de 0,07 vezes menor, e entre aqueles com ‘Renda de 1 a 3 salários’, de 0,09 vezes menor, em comparação ao grupo de referência, que recebe até um salário mínimo. Esses achados indicam que o aumento da renda está associado à percepção mais positiva sobre como a comunidade do bairro aceita as famílias homoafetivas.

Tabela 13 - Estimativas do modelo ordinal ajustado para Aceitação da comunidade do bairro com famílias homoafetivas

Níveis	Estimativa	Erro Padrão	T-valor	P-valor
Renda > 12	3.4657	0.9498	3.6487	0.00026 ***
Renda 1 a 3	2.4284	0.8762	2.7716	0.00558 **

Níveis	Estimativa	Erro Padrão	T-valor	P-valor
Renda 3 a 6	2.6442	0.9085	2.9106	0.00361 **
Renda 6 a 9	3.0148	0.9659	3.1213	0.0018 **
Renda 9 a 12	3.1831	1.0240	3.1086	0.00188 **

Nota. O nível Renda < 1 não aparece pois ele foi utilizado como referência. Elaboração própria com apoio técnico do LabEst.

Na avaliação em relação à ‘Sensação de liberdade para demonstrações de afeto em público no bairro’ (Tabela 14), o p-valor para o nível ‘Mulher cis’ não foi significativo, o que implica que não há evidências de que a satisfação com a sensação de liberdade para demonstrações de afeto em público no bairro se modifique para esse grupo se comparado ao grupo de ‘Homens cis’. O p-valor para o nível ‘Outros’ também não apresentou significância estatística, indicando ausência de evidências de que a sensação de liberdade para manifestações públicas de afeto seja diferente para essas pessoas.

Tabela 14 - Estimativas do modelo ordinal ajustado para Sensação de liberdade para demonstrações de afeto em público no bairro

Níveis	Estimativa	Erro Padrão	T-valor	P-valor
Gênero Mulher cis	-0.5209	0.3802	-1.3701	0.17065
Gênero Outro	0.5582	0.8924	0.6256	0.53161

Nota. O nível Gênero Homem cis não aparece pois ele foi utilizado como referência. Elaboração própria com apoio técnico do LabEst.

Na categoria ‘Sensação de segurança contra atos homofóbicos’ (Tabela 15) a estimativa para o efeito do ‘Tempo de residência de 2 a 5 anos’ foi positiva e estatisticamente significativa, indicando que são esperados níveis mais elevados de satisfação com a sensação de segurança contra atos homofóbicos no bairro entre os moradores que vivem há esse período no local, em comparação com aqueles cujo tempo de residência é de 1 a 2 anos. A chance estimada de estarem na direção da insatisfação é de aproximadamente 0,38 vezes a chance observada para os indivíduos que residem no bairro há 1 a 2 anos. As estimativas referentes aos ‘Tempos de residência de 5 a 10 anos’, ‘de 10 a 15 anos’ e ‘acima de 20 anos’ não apresentaram significância estatística, o que significa que não foram encontradas evidências suficientes de que os moradores desses

grupos apresentem níveis diferentes de satisfação com a sensação de segurança contra atos homofóbicos no bairro em comparação com o grupo de referência, formado por aqueles que residem no local há 1 a 2 anos.

No que se refere à variável ‘Zona’ a estimativa para a ‘Zona Centro-Sul’ foi positiva e estatisticamente significativa, indicando que são esperados níveis mais elevados de satisfação com a ‘Sensação de segurança contra atos homofóbicos’ entre os moradores dessa região, quando comparados aos residentes da ‘Zona Centro-Oeste’, que foi utilizada como categoria de referência. A chance estimada de estarem na direção da insatisfação para os moradores da ‘Zona Centro-Sul’ é de 0,09 vezes a chance estimada para os moradores da ‘Zona Centro-Oeste’. As estimativas para as demais zonas — ‘Leste’, ‘Norte’, ‘Oeste’ e ‘Sul’ — não apresentaram significância estatística, indicando ausência de evidências de que os níveis de satisfação com a ‘Sensação de segurança contra atos homofóbicos’ nessas zonas sejam diferentes dos observados na zona de referência, Centro-Oeste.

Tabela 15 - Estimativas do modelo ordinal ajustado para Sensação de Segurança contra atos homofóbicos

Níveis	Estimativa	Erro Padrão	T-valor	P-valor
Tempo de residência de 10 a 15 anos	1.6726	1.2009	1.3928	0.16368
Tempo de residência de 2 a 5 anos	0.9552	0.4132	2.3118	0.02079 *
Tempo de residência de 5 a 10 anos	0.6451	0.6254	1.0315	0.30231
Tempo de residência de mais de 20 anos	0.1199	1.2037	0.0996	0.92062
Zona Centro-Sul	2.3999	0.8036	2.9866	0.00282 **
Zona Leste	0.8183	0.8917	0.9177	0.35877
Zona Norte	0.7909	0.7640	1.0351	0.30062
Zona Oeste	0.1619	0.8359	0.1937	0.84644
Zona Sul	0.2096	0.8540	0.2454	0.80614

Nota. Os níveis Tempo de residência de 1 a 2 anos e Zona Centro-Oeste não aparecem pois foram utilizados como referência. Elaboração própria com apoio técnico do LabEst.

Como resumido na Tabela 16, os resultados da regressão ordinal indicaram que, entre as diversas variáveis analisadas, existe um padrão frequente no qual a ‘Renda’ e a ‘Zona da Cidade’ foram os principais fatores que influenciaram a percepção de satisfação residencial entre as famílias homoafetivas em Manaus que participaram deste estudo. Indivíduos com renda mais elevada tendem a relatar maior satisfação com aspectos como conforto, segurança da casa, segurança do bairro, privacidade e aceitação da comunidade. Morar na Zona Centro-Sul mostrou-se associado a maiores níveis de satisfação com a vizinhança, serviços públicos, comércio e com a sensação de segurança contra atos homofóbicos. Além disso, o tipo de moradia também apresentou relevância: participantes residentes em moradias cedidas apresentaram menores níveis de satisfação com a segurança do bairro e os serviços de saúde. Esses resultados sugerem que melhores condições socioeconômicas e localização mais privilegiada favorecem experiências residenciais mais satisfatórias entre as famílias homoafetivas.

Tabela 16 - Principais fatores associados à satisfação residencial

Fatores	Tipo de impacto	Variáveis de Satisfação
Renda alta	Positivo	Conforto, Segurança da Casa, Segurança do bairro, Privacidade, Aceitação da Comunidade
Zona Centro-Sul	Positivo	Vizinhança, Comércio, Serviços Públicos, Sensação de segurança contra atos homofóbicos
Moradia Cedida	Negativo	Segurança do bairro, serviços de saúde

Nota. Elaboração própria com apoio técnico do LabEst.

A Zona Centro-Sul da cidade de Manaus engloba os bairros Adrianópolis, Aleixo, Chapada, Flores, Nossa Senhora das Graças, Parque Dez de Novembro e São Geraldo. Essa região é reconhecida por concentrar alguns dos mais altos indicadores socioeconômicos da cidade, sendo caracterizada por maior renda domiciliar, melhor acesso a serviços, infraestrutura urbana de maior qualidade e presença significativa de empreendimentos comerciais, educacionais e de saúde. Essa configuração socioespacial distingue a Centro-Sul das demais zonas urbanas de Manaus apresentando também maiores níveis nos índices de desenvolvimento humano, renda, educação e longevidade, especialmente em comparação às zonas Norte e Leste, que historicamente apresentam maiores índices de vulnerabilidade social (A. A. Ramos, F. Lima et al., 2022; Rocha & Rezende, 2016; SEDECTI, 2021a; SEDECTI, 2021b).

A Zona Centro-Sul possuía uma população estimada de aproximadamente 191.229 habitantes em 2021, com renda média mensal geral em torno de R\$ 3.417,7 no

ano de 2010. A zona Centro-Sul se destaca como a região de maior renda média e população significativamente menor em comparação com as Zonas Norte com estimativa de cerca de 627.259 habitantes e renda média mensal de aproximadamente R\$ 891,00; Zona Leste com 560.775 habitantes e renda média de R\$ 867,90; Zona Sul com 358.649 habitantes e renda média de R\$ 1.301,66; Zona Oeste com 317.461 habitantes e renda média mensal de aproximadamente R\$ 1.806,75 (influenciada pelo bairro Ponta Negra, de alto padrão) e Zona Centro-Oeste com 185.660 habitantes e renda média R\$ 1.736,2. Esses dados revelam que as Zonas Norte e Leste concentram as maiores populações, porém com as menores rendas médias, enquanto a Centro-Sul se destaca como a região de maior renda média e população significativamente menor (SEDECTI, 2021a; SEDECTI, 2021b).

A violação do direito à moradia é uma realidade para muitas pessoas da cidade de Manaus e fatores como desigualdade de renda e falta de planejamento urbanístico são os principais preditores desse cenário, que somados à ausência de políticas públicas eficazes resulta em uma cidade marcada pelas disparidades sociais e pela segregação, refletidas nos espaços físicos com as regiões mais pobres sistematicamente negligenciadas pelo poder público (Pinto & Azevedo, 2024). O efeito do território é um elemento importante para compreender as desigualdades sociais, entendidas no Brasil não somente a partir da renda, mas como um fenômeno multidimensional e geograficamente heterogêneo, atingindo de formas diferentes cada coletivo, com menor ou maior grau de escolaridade e renda. No contexto da pandemia da COVID-19, por exemplo, a cidade de Manaus ficou conhecida como um dos epicentros da circulação do vírus, no qual a maior vulnerabilidade foi observada em bairros periféricos, com maior risco de infecções e mortes (Bega & Souza, 2021).

Esses resultados corroboram com estudos que indicam uma relação inversa da satisfação residencial com a localização isolada de um bairro, o que pode facilitar a compreensão pela escolha por morar no centro da cidade, tendo em vista a maior oferta e proximidade de boas escolas, que atendem às expectativas e necessidade dos pais e estudantes. Além disso, a variedade de atividades culturais, edificações volumosas e usos diversificados relacionados a serviços, como comércio, serviços de saúde e escritórios. A insatisfação em residir em bairros mais periféricos pode ocorrer em decorrência da menor oferta de serviços e atividades culturais nos bairros, que geralmente estão concentradas em áreas centrais ou com maior concentração econômica. Em um cenário que a estrutura

de mobilidade e a qualidade do transporte público de uma cidade impõem dificuldades de deslocamento entre as regiões, as pessoas são levadas a morar mais perto dos serviços, acentuando o processo de segregação socioespacial. A lógica fragmentária se expande preservando o modelo centro (rico e perto) - periferia (pobre e distante) que se estrutura em função do peso das heranças histórico-geográficas que metrópoles da região Norte carregam (Cao et al., 2020; Esperidião, Neto et al., 2024; M. L. Silva, 2023).

Esses resultados também contradizem estudos que apontam que a satisfação residencial não está ligada ao nível de renda, afirmando que os mais pobres estão mais acostumados a aceitar seu destino de maneira passiva e têm expectativas muito limitadas sobre como deveria ser seu bairro ideal, enquanto as exigências das classes favorecidas economicamente são mais elevadas em razão do grau de instrução também mais elevado. É importante salientar que a imagem do bairro não é construída somente a partir dos elementos objetivos, mas também sofre influência dos afetos e valores de cada grupo social. Portanto, a prioridade nessa avaliação é o padrão de qualidade residencial determinado pelo grupo de referência do sujeito e os fatores subjetivos condicionados pelas características intrínsecas de cada indivíduo. Por esta razão, a aplicação de questionários de satisfação residencial comumente revela diferenças entre indivíduos de classe alta e baixa (Algaba, 2003).

Martín-Baró (2017) defende que os processos de colonização e os golpes de estado sofridos pelas nações da América Latina colocaram sua população em um estado de dormência forçada que os mantém à margem de sua própria história. Esse processo desemboca no clássico fatalismo latino-americano, o pensamento internalizado nestes povos de que há um destino inevitável, trágico e infeliz reservado a eles e não resta mais nada além de aceitar seus destinos. Isso se traduz em comportamentos de conformismo, submissão frente à ordem social estabelecida, resignação e apagamento da própria história passada e futura. Esse fatalismo está na matriz da estereotípica imagem do latinoamericano preguiçoso, inconstante, irresponsável, folião e muito religioso. O autor questiona se essa é de fato uma característica dos latino-americanos ou se são traços atribuídos a eles, o que acaba exercendo impacto sobre sua existência. A estrutura social vigente contribui para a manutenção desses traços psíquicos. Essa visão psicologista nada mais é do que uma forma de atribuir à vítima a culpa por sua situação. A verdade é que a marginalização desses povos não decorre de supostas características de personalidade e sim pela falta de oportunidades sociais mínimas para realizar seus feitos e superar as

dificuldades da luta de classes. O fatalismo erra no diagnóstico quando ele nega as explicações que são dadas para a origem desse traço de personalidade latino-americano.

Por outro lado, o fatalismo acerta no seu sintoma, pois evidencia que de fato a qualidade de vida das maiorias marginalizadas se mantém prejudicada ao longo das décadas. O fatalismo é uma interiorização da dominação social e em sua essência serve para atender a uma funcionalidade política que beneficia as classes sociais dominantes com a impossibilidade de uma mudança social que combata as desigualdades entre classes. Essa realidade se expressa de diversas formas e impacta negativamente os mais pobres em diversas esferas da vida humana. A distribuição da riqueza socialmente produzida tem afetado de maneira direta a saúde mental dos sujeitos nos países periféricos com o aumento significativo de quadros de sofrimento psíquico e social. Quanto maior o controle que as pessoas e os grupos possuem sobre sua realidade presente menor será a convicção fatalista, portanto, uma alternativa de ruptura do fatalismo, da submissão e da docilidade social dessas populações é mudar a relação entre a pessoa e o mundo, o que supõe tanto mudança pessoal quando mudança social. Para atingir esse objetivo é necessário um processo dialético que envolve três importantes mudanças: a recuperação de sua memória histórica; a organização popular; e a prática de classe articulada em torno dos interesses populares e que busca mudança revolucionária no âmbito político, econômico e psicossocial (Martín-Baró, 2017; Santos & Passos, 2024).

Porém, é possível observar que também há indignação diante da "desassistência" social e da negação de direitos que ferem as possibilidades dessas populações. Ao mesmo tempo em que há descrença e resignação, há desejo e esperança por alternativas mais igualitárias de vida e de sociabilidade. Ainda que em muitos cenários a passividade e o conformismo ainda prevaleçam, a luta e a organização coletiva se mostram como possibilidades de enfrentamento, sobretudo quando observamos que muitos não estão completamente alheios a esse cenário e expressam isso por mesmo de indignação, críticas, desconfianças e apatia à tradicional política institucional. A sociedade brasileira e os demais países da América Latina, que se estruturaram a partir de um processo de colonização caracterizado por extermínios, epistemicídios e violências, observam um movimento em que a violência colonial vem se atualizando e está presente em todas as relações. O mundo colonial moderno capitalista possui uma rica heterogeneidade histórica e é marcado pelas violências estruturais e suas respectivas resistências. Nesse cenário, povos tradicionais do Brasil frequentemente exigem outros modos possíveis de habitar o

mundo e tecer subjetividades e corporificações territorializadas (Fernandes et al., 2022; Pinto & Paiva, 2021).

Nos resultados relacionados ao acolhimento da população LGBTI+, os índices de satisfação com o ambiente residencial reduzem e são significativamente mais baixos em relação aos demais aspectos avaliados, demonstrando que a cidade de Manaus parece ainda não representar um local seguro e confortável. Nessa categoria chama também atenção o nível de satisfação para a aceitação da comunidade com famílias homoafetivas, que apresentou média de 3,18 sendo o maior nível de satisfação dessa categoria. Por outro lado, essa aceitação percebida não parece refletir a sensação de liberdade para demonstrações de afeto em público no bairro que apresentou média de 2.60, nem na sensação de segurança contra atos homofóbicos no bairro com média de 2.66. A qualidade da relação com outras famílias homoafetivas no bairro apresentou média de 2.80, provavelmente em razão da baixa presença ou ausência total de outras famílias homoafetivas nessa convivência, com apenas 36.8% dos participantes afirmando terem contato com pelo menos uma família homoafetiva nas imediações do bairro.

Esses resultados trazem à tona a discussão em torno do conceito de territorialidade na medida em que é um constructo que auxilia pensar em que nível essas famílias homoafetivas são permitidas a utilizarem os espaços do bairro de forma que se sintam pertencentes a esses territórios e livres para expressar suas escolhas de vida. No campo dos estudos pessoa-ambiente, o conceito de territorialidade é relevante para pensar os contextos urbanos em sua dimensão social e em seus aspectos físicos e simbólicos. A territorialidade envolve a possibilidade de uso, atribuições de significado e controle sobre determinado território, portanto, envolve uma construção social de pertencimento e de identificação. Na perspectiva da Psicologia Ambiental, a territorialidade é uma das dimensões sociais do espaço urbano que viabiliza o espaço pessoal, a privacidade e a liberdade de escolha de comportamento. Pensar na territorialidade a partir da forma como as pessoas agem e como permitem que outras pessoas ajam em seus territórios ou espaços de vida é uma forma de pensar o quanto essas famílias sentem que possuem liberdade de escolha sobre seus comportamentos nessa relação com a vizinhança e sobre quem exerce domínio nas relações estabelecidas nos espaços urbanos. É um fenômeno possível de ser compreendido, tendo em vista os aspectos afetivos que o mobilizam e que não estão descolados do cenário político, econômico, físico, cultural e social (Sousa et al., 2021).

A heteronormatividade se constitui como uma regra social que permite relações amorosas e sexuais com pessoas do sexo oposto. É uma obrigação construída para normatizar as relações sexuais baseada na naturalização de uma associação entre a heterossexualidade e a reprodução. Nesse contexto, quem se arrisca a se comportar fora dessa norma pode sofrer consequências e as demonstrações públicas de afeto e a falta de segurança contra um eventual ato homofóbico diante dessas mesmas demonstrações parece refletir um cenário em que se aceita a homossexualidade apenas em certa medida. Esse é um cenário possível de se relacionar com os personagens homossexuais nas telenovelas brasileiras, que normalmente são representados como criminosos, afetados, heterossexualizados e sem vida sexual, com raras encenações de algum tipo de demonstração física de afeto (Colling, 2007).

Nesse sentido, tanto nas obras fictícias quanto na realidade dos espaços públicos do ambiente residencial, a heteronormatividade parece impor normas de conduta permitindo apenas as demonstrações de afeto entre casais heterossexuais. O que se observa é que há uma rejeição às demonstrações de afeto em público de homossexuais e para algumas pessoas é desconfortável ver casais gays se abraçando ou se beijando. É comum se ouvir como justificativa para mascarar intensões preconceituosas a fala de que cada um pode fazer o que quiser desde que isso se restrinja a ambientes privados, condenando esses casais à invisibilidade. Pelo exposto, muitos casais preferem não demonstrar que são um casal, mesmo após ‘sair do armário’ elas permanecem ‘dentro do armário’, ao menos em público, como uma forma de se proteger contra violências homofóbicas (Colling, 2007; Matta et al., 2021; Ribeiro, 2022).

Observou-se que esse aspecto da aceitação da comunidade do bairro em relação às famílias homoafetivas e a sensação de segurança contra atos homofóbicos no bairro também foi fortemente relacionado com a renda e a localização, apresentando níveis mais elevados para os participantes residentes na Zona Centro-Sul e/ou que possuem nível de renda elevado. Esse cenário de hostilidade contra pessoas LGBTI+ influenciada por níveis de renda e escolaridade vem sendo problematizado em outros estudos que apontam a importância de recortes de gênero, classe e raça, pois são considerados agravantes de marginalização. Nesse cenário, a percepção de homofobia na comunidade pode ser mais elevada em bairros periféricos, sendo que homens gays com menor poder aquisitivo, residentes nas periferias de grandes centros urbanos e de cor negra os mais vulneráveis a situações de violências. Os crimes de homofobia no Brasil também são mais prevalentes

em regiões mais periféricas e em pequenas cidades, sobretudo nas regiões Norte e Nordeste, historicamente negligenciadas. Pertencer a essas minorias sociais sendo nãoheterossexual e dispor de menor renda também são apontados como fatores de risco para violências, adoecimentos e, conseqüentemente, insatisfações com o ambiente percebido como não acolhedor para essa população (Alckimin-Carvalho et al., 2023; Oliveira & Barbosa, 2021; Ramos et al., 2021).

Para compreender essa realidade é necessário considerar as diferenças intragrupais, pois tratar esses grupos como se fossem homogêneos acaba descontextualizando as identidades e diferenças como se estas fossem entidades fixas dotadas de uma visão única. Nesse processo, a compreensão e o enfrentamento das violências contra minorias sociais tornam-se superficiais. Desse modo, a violência experimentada por muitas mulheres, por exemplo, se relaciona com outras dimensões das suas identidades, como raça, classe, sexualidade, geração. Isso significa dizer que o racismo, o sexismo, a homofobia, a luta de classes, entre outros dispositivos de poder, se entrecruzam facilmente na vida das pessoas, são as chamadas interseccionalidades. Sob essa perspectiva os reducionismos são evitados ao evidenciar as articulações das estruturas modernas que tornam a identidade vulnerável, investigando contextos, colisões e fluxos entre as estruturas (Cordeiro, 2023).

Nesse sentido, há uma matriz de dominação que se caracteriza por opressões que se intersectam, remetendo à tese de uma natureza interligada da opressão, fundada pelo movimento feminista negro, que propõe superar a mera explicação de como se dão as opressões de raça, gênero e classe, e pretende determinar quais são os elos entre esses sistemas, objetivando uma abordagem mais holística. Destaca-se a necessidade de explorar essas interseções entre os diferentes marcadores sociais, pois ela é essencial na estruturação da posição que populações em vulnerabilidade ocupam. Assim, é possível compreender de que forma e onde essas pessoas são posicionadas dentro da sociedade, para isso é importante elaborar metodologias específicas, capazes de entender as condições complexas e multifacetadas de opressão (Collins, 1986/2016; Rodrigues, 2013).

A insatisfação em relação à sensação de segurança contra atos homofóbicos é um dos reflexos do cenário observado no contexto nacional. De acordo com análise da Pesquisa Nacional de Saúde de 2019, a violência contra a população LGB+ apresentou alta prevalência no Brasil, apresentando mais que o dobro de chances de sofrer qualquer

tipo de violência, sendo as mulheres LGB+ as que sofrem as maiores prevalências de todos os subtipos de violência, mesmo quando comparadas às mulheres heterossexuais. Já os homens heterossexuais apresentam menor prevalência, enquanto homens LGB+ mostraram chances quase oito vezes maiores de sofrer violência sexual (Vasconcelos et al., 2023).

O perfil de alguns bairros ou vizinhanças pode sinalizar para a população quem merece ser bem acolhido ou ser alvo de violências, ao apresentar maiores incidências de crimes de ódio contra pessoas LGBT+, níveis mais elevados de atos e de agressões simbólicas e maior tolerância social à violência contra essa população, configurando ambientes hostis e com fortes sinalizadores ambientais de risco (Hatzenbuehler et al., 2015). Por outro lado, características físicas e sociais do espaço urbano também colaboram para a existência de populações marginalizadas quando operam com a finalidade de abrigar essa população e contribuir para a redução da violência e segregação (Moraes et al., 2018).

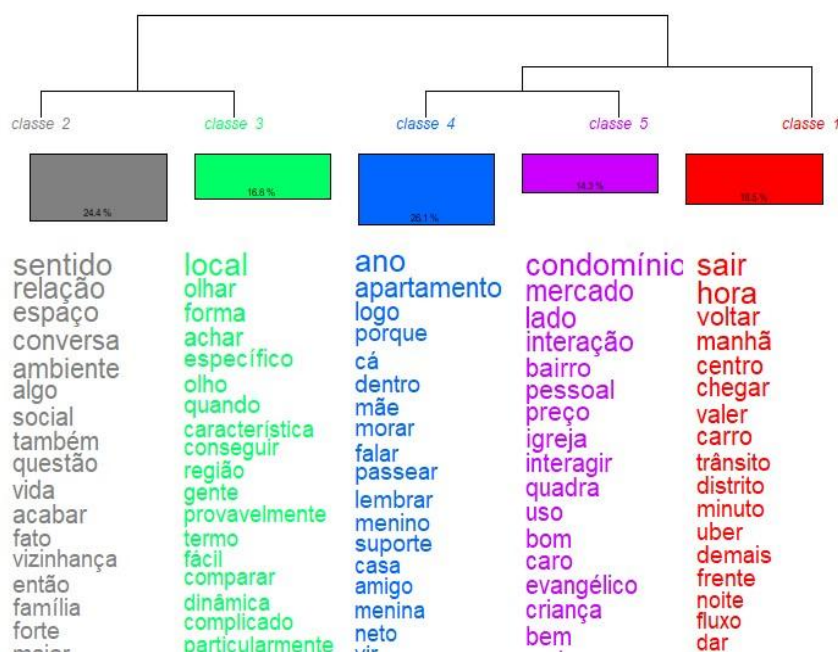
No contexto amazônico, dados do ano de 2024 indicam que o estado do Amazonas recebeu 77 denúncias no Disk 100 de casos de violência contra a população LGBTQIA+, ocupando a 12ª posição entre 28 colocados. No caso de mortes violentas foram 8 ocorrências, também estando na 12ª posição. Este número coloca a cidade de Manaus na lista das 15 capitais mais violentas para a população LGBT+, sendo a 6ª mais violenta da lista (Grupo Gay da Bahia, 2024; Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2024). Esse é um contexto de uma cidade diversa e que ao mesmo tempo pratica LGBTfobia e diversas outras discriminações de diferentes naturezas e que afastam indivíduos de suas casas, escolas ou dos espaços de lazer e circulação, muitas vezes permeados por sensações de medo e/ou insegurança. Essas violências vão além da ação e da linguagem e se expressam também no não dito (Lima, 2021).

Nesse sentido, é possível que as avaliações realizadas sobre o acolhimento que essas famílias recebem e a liberdade que possuem para expressar suas escolhas de vida nos bairros de Manaus seja um reflexo desse cenário. A partir das entrevistas na fase posterior deste estudo entende-se em maior profundidade como essas avaliações ocorrem no cotidiano.

Segunda fase do estudo – entrevistas

Após a transcrição das entrevistas, o material foi transformado em *corpus textual*, que consiste em agrupar todas as entrevistas em um texto único, suprimindo a fala da entrevistadora e preservando somente as falas dos integrantes da família. As estatísticas descritivas informaram um número de 1212 segmentos de texto, 41.344 ocorrências, 2378 formas e 990 hapax (formas que têm apenas uma ocorrência ao longo dos textos). O número de hapax representou 2,39% das ocorrências. A Classificação Hierárquica Descendente (CHD) gerou a classificação de 5 classes (Figura 5).

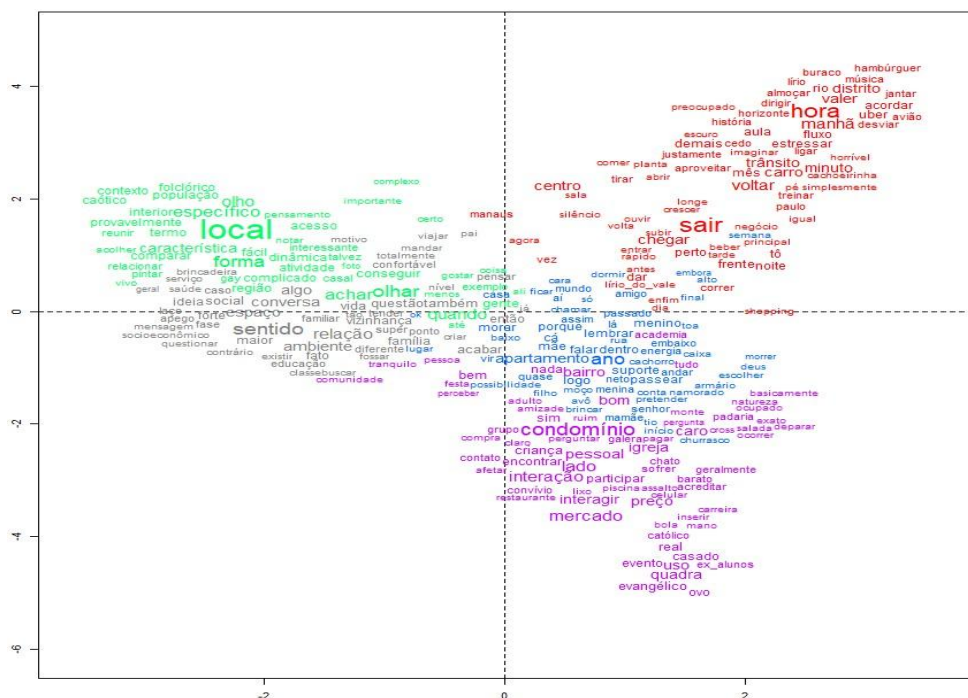
Figura 5 - Dendograma com segmentos de texto resultantes da CHD



Nota. Gráfico extraído do IRAMUTEQ.

A classe 1, representada pela cor vermelha, foi a mais independente e representou 18,47% dos segmentos de texto. As classes 2 (24,4%) e 3 (16,75%) apresentaram similaridades entre si, conforme é possível observar no emaranhado de palavras nas cores cinza e verde no quadrante esquerdo da representação gráfica do dendograma em plano cartesiano (Figura 6). E as classes 4 (26,12%) e 5 (14,26%), representadas pelas cores azul e roxo respectivamente, também apresentaram semelhanças observadas pela proximidade espacial na representação gráfica, no quadrante inferior direito (Figura 6).

Figura 6 - Representação gráfica do dendograma em plano cartesiano



Nota. Gráfico extraído do IRAMUTEQ.

Com base na CHD e nas similaridades entre as classes geradas por ela optou-se pela apresentação dos dados qualitativos a partir de 3 categorias: 1) Deslocamentos: representada pela classe 1 (vermelha) e totalizando 18,47% dos segmentos de texto, foi associada às falas que faziam referência às facilidades ou dificuldades de locomoção entre o ambiente residencial e pontos de interesse dos moradores como trabalho, faculdade, atividades de esporte e lazer, comércio, serviços e moradia de outras pessoas do ciclo social familiar; 2) Atributos subjetivos: representada pelas classes 2 e 3 (cinza e verde) e totalizando 41,15% do texto, foi relacionada às falas que se referem a aspectos mais subjetivos da relação com o ambiente residencial e com as pessoas que residem em seu entorno, trazendo a caracterização dessas relações, bem como os sentidos, significados, desafios e possibilidades gerados para a vida familiar; 3) Atributos objetivos: representada pelas classes 4 (azul) e 5 (roxo), totalizando 40,38% dos segmentos de texto, abrange os conteúdos relacionados à caracterização e avaliações do ambiente da casa onde reside a família, emergindo conteúdos mais associados ao universo mais particular e da família e do cotidiano em ambiente interno, integrando também as referências a oferta de atividades e serviços do bairro, destacando aspectos como preços de serviços e produtos, qualidade e proximidade de comércio e atividades de lazer e cultura, acesso à saúde, educação e segurança.

Maria (33) e Luiza (28) são um casal de mulheres lésbicas que se relacionam há 3 anos e moram juntas há 2 anos. Ambas possuem ensino superior completo, com renda familiar de 6 a 9 salários mínimos. Ambas relataram sua experiência vivendo dois anos no bairro Lírio do Vale, onde moravam em um apartamento em condomínio. Durante a entrevista detalharam os motivos para mudança de bairro, tendo se deslocado para o Centro da cidade, onde na ocasião da entrevista estavam morando há duas semanas.

Bianca (63) e Ruth (60), com contribuição da filha Inara de 36 anos, contaram as suas vivências residindo há mais de 25 anos no bairro Gilberto Mestrinho, na zona leste da cidade, em uma casa própria em via pública. O casal é constituído por duas mulheres que não indicaram suas orientações sexuais e estão juntas há 30 anos. Ambas possuem ensino médio completo e são aposentadas; a filha Inara possui ensino superior completo. Além das três participantes da entrevista, também reside na casa uma filha de 19 anos. Juntas, as 4 somam uma renda familiar de 6 a 9 salários mínimos.

Robson (44) e Vagner (36) são um casal de homens homossexuais em união estável. Os dois possuem pós-graduação e atuam como engenheiros, residem em um apartamento próprio em condomínio fechado no bairro Ponta Negra, localizado na zona oeste da cidade; a renda familiar é de mais de 12 salários. Eles estão juntos há 15 anos e moram nessa residência há 7 anos.

Elen (26) e Roberta (27) formam uma família de duas mulheres bissexuais que estão juntas há 4 anos e moram na atual residência há 1 ano e 2 meses. Elen possui ensino superior completo e atua como psicóloga, enquanto Roberta tem ensino médio completo e é auxiliar de produção. A renda familiar está entre 3 a 6 salários mínimos. O casal reside em um apartamento alugado, localizado em via pública no bairro Aleixo, zona norte de Manaus.

Fred (28) e José (26) são dois homens homossexuais que estão juntos há 5 anos e moram na atual residência há 2 anos e 3 meses, localizada no bairro Centro, zona centrosul de Manaus. A residência é uma casa alugada situada em via pública. Ambos são pósgraduados e professores de educação básica, compondo renda familiar de 1 a 3 salários mínimos.

Deslocamentos

Os participantes se referiam à categoria Deslocamentos (1) em falas como a de Maria que diz *“o que eu mais ficava mais estressada era o trânsito que é uma coisa assim*

meu Deus parece de outro mundo assim” ou “a rua é estreita” (Inara); “eu tô indo todos os dias pegar esse trânsito para ir pegar esse trânsito para voltar” (Robson); “eu vou ter que demorar muito pra chegar no trabalho pra voltar do trabalho é mais esse quesito né” (Elen); “nos outros bairros que eu morei que eu morei primeiro foi no parque das laranjeiras longe de tudo do que eu tinha que fazer” (José). Esta temática foi colocada com bastante destaque por quatro das cinco famílias entrevistadas, se referindo a esse fator como um dos principais determinantes para o nível de satisfação residencial. Aqueles que apontam o tema da mobilidade como um fator positivo da localidade em que vivem descrevem uma rotina mais facilitada em razão do tempo de locomoção mais reduzido para os locais de interesse da família, sobretudo o local de trabalho.

Essa característica do ambiente residencial se apresentou não somente como um determinante do nível de satisfação residencial, mas um fator crucial para as decisões de mudança de moradia. As participantes Maria e Luiza, um casal lésbico sem filhos, relataram a experiência em moradia alugada, em um apartamento em condomínio fechado no bairro Lírio do Vale. Na ocasião da entrevista o casal havia acabado de se mudar, em razão disso a entrevista foi direcionada para a experiência no Lírio do Vale, onde viveram por cerca de 2 anos, e contemplou os motivos que as levaram a mudar de região e a optar pelo bairro Centro. Para elas, a distância dos locais de trabalho, lazer e casa de amigos e familiares, somada à dificuldade de locomoção em razão dos engarrafamentos, foi o principal motivo para a mudança para uma área mais acessível *“eu sou uma pessoa de muitos amigos eu tenho bons amigos e eu sentia muita falta disso lá porque era difícil as pessoas irem sabe era muito longe”*.

O casal Robson e Vagner também foi uma das famílias que se referiram a esse tema como uma característica negativa do seu ambiente residencial, que está localizado no bairro da Ponta Negra e é muito distante do local de trabalho de ambos. O engarrafamento que eles enfrentam diariamente impacta o bem-estar do casal, que relata estresse e cansaço extremos em razão disso, o que colabora para a ideia de mudança para um local mais próximo ao trabalho, sobre isso Robson expressa *“pegar esse trânsito para ir pegar esse trânsito para voltar já está me deixando assim um nível de estresse absurdo eu chego em casa morto coisa.”*

Elen e Roberta relatam que essa é uma característica positiva do seu local de moradia e demonstram apego ao bairro Novo Aleixo, sendo a segunda vez em que moram nessa localidade em razão da proximidade com local de trabalho, faculdade e casa de

familiares *“a minha tia mora aqui próximo então a gente sempre vai lá leva alguma coisa toma um café e o meu trabalho também é perto então é mais por conveniência eu às vezes assim ah surgiu uma casa maior melhor aqui não sei aqui no Manôa aí eu fico caraca mas pra ir pro Manôa eu vou ter que demorar muito pra chegar no trabalho pra voltar do trabalho.”*

A família composta por Fred e José mora no Centro e optaram por residir ali após morarem em outro bairro onde a locomoção era mais dificultada pela distância, engarrafamentos e qualidade do transporte público; no Centro eles relatam maior facilidade de locomoção mesmo para lugares mais distantes devido à maior oferta de opções de linha de ônibus *“é uma região de fácil acesso para o trabalho dele quando eu preciso ir à UFAM eu tenho ônibus de fácil acesso, dois ônibus na verdade, com ar condicionado, se a gente quer sair a gente também está próximo dos locais que a costuma sair então se a gente fosse pra um condomínio dependendo da região a gente está totalmente isolado desses locais estratégicos.”*

A temática dos deslocamentos não foi mencionada pela família composta por Bianca e Ruth e nem pela filha Inara, apenas tendo sido citado em algum momento no relato de que a rua onde moram é estreita, não sendo uma característica que causa grandes transtornos associados à mobilidade. Ressalta-se que Bianca e Ruth são aposentadas e ambas têm uma rotina que se restringe ao próprio bairro e por esse motivo podem não ter destacado esse tema como as outras famílias participantes. Nota-se que o casal frequenta mais os serviços de comércio localizados nas proximidades, os quais elas conseguem acessar a pé. Por esse motivo, embora não tenham mencionado como um ponto importante, elas parecem também se beneficiar da pouca distância de serviços e equipamentos no entorno da residência. Essa facilidade de deslocamento é um aspecto central na qualidade de vida da pessoa idosa na medida em que possibilita o encontro com as suas necessidades diárias mesmo nos casos em que a mobilidade é reduzida em razão das limitações físicas próprias do envelhecimento. Um ambiente residencial que não viabiliza esse deslocamento para a pessoa idosa comumente se converte em isolamento do convívio comunitário e menores índices de bem-estar-social, portanto, características do ambiente que permitem a locomoção no bairro facilitam a percepção de um ambiente menos opressor e reduz o estresse ocasionado pelo isolamento social (Albuquerque et al., 2023; Albuquerque & Gunther, 2023).

A infraestrutura de transporte também é importante para a satisfação com a vizinhança em residentes de áreas urbanas. Observa-se que a insatisfação com esse ponto é menos associada com a distância entre as localidades e mais associada justamente à qualidade das estruturas que viabilizam esses deslocamentos como o transporte público e a infraestrutura da malha urbana de uma cidade. Tais características incluem calçadas de qualidade, vias exclusivas para ciclistas, serviço de trânsito, iluminação das ruas, nível de tráfego de veículos e quietude na vizinhança, além da disponibilidade e articulação de modais para os deslocamentos diários (Cao et al., 2020).

A questão da mobilidade urbana nos grandes centros urbanos tem se apresentado na literatura como um grande desafio para as suas populações e gestores. A esse respeito, a percepção dos usuários de transporte coletivo e particular da cidade de Manaus indica a ausência de ruas com boas condições de trafegabilidade e ressalta que os condutores de veículos não estão preparados para lidar com a realidade. Há uma insatisfação generalizada em relação à mobilidade urbana em Manaus e as dificuldades são associados à imprudência dos condutores, más condições das vias e excesso de congestionamentos em razão da grande quantidade de veículos. A pavimentação irregular, os buracos, a falta de sinalização, juntamente com a impunidade, a falta de fiscalização, as ruas mal planejadas e a ausência de projetos de engenharia adequados, bem como a precariedade do transporte público colaboram para esse quadro (Neto & Nogueira, 2024; Pontes et al., 2022). Apesar de algumas das famílias participantes disporem de veículos próprios que facilitariam o acesso a localidades mais distantes da residência isso permanece sendo um ponto de insatisfação em razão das condições de deslocamento na cidade.

A forma como essa temática foi abordada pelos participantes evidencia o quanto a satisfação com o ambiente residencial ultrapassa também os limites do próprio bairro e inclui ainda uma avaliação do quanto a localização da residência facilita ou dificulta o acesso a outros pontos de interesse que fazem parte da rotina laboral, acadêmica, social e de lazer. É possível relacionar essa discussão com o ponto apresentado nos dados quantitativos a respeito dos níveis de satisfação residencial mais altos para aqueles com maior renda e residentes de áreas de localização mais privilegiadas. Com isso, o deslocamento pode ser um fator que leva as pessoas a morarem mais perto dos serviços, porém, nem todos têm condições para escolher o local de moradia.

Macedo e Oliveira (2024) contextualizam a capital amazonense com características sociais, econômicas, políticas e históricas que influenciam diretamente na

mobilidade urbana da cidade, que atualmente vive em um cenário de crescente demanda por mobilidade, influenciado por características geográficas e socioeconômicas que exigem estratégias adaptadas para um sistema de transporte mais eficiente e acessível. Esses problemas são agravados por uma concentração de faculdades e pela presença do Polo industrial em regiões específicas da cidade, em conjunto com poucas vias de acesso a estes pontos da cidade, ocasionando fluxos excessivos de pessoas e veículos em áreas particulares. Além disso, a qualidade do serviço de transporte público tem se mostrado insuficiente para atender a demanda da população.

A oferta e a qualidade do transporte público e o tempo de deslocamento por conta do tráfego são problemáticas de uma cidade marcada pela segregação socioespacial, evidenciada pela concentração das populações pobres em áreas periféricas e que possuem infraestrutura precária em vários segmentos. São sintomas históricos de uma urbanização tardia a partir da industrialização promovida pelo Polo Industrial, gerando um crescimento desordenado sem investimentos e políticas públicas. Hoje, esse cenário é reforçado pela especulação imobiliária e pela omissão estatal (Castro & Jesus, 2024; Ramos, 2022). Fica evidente a necessidade urgente de ampliação de opções de mobilidade urbana e de investimento na sua qualidade e eficácia de forma a viabilizar os deslocamentos de forma mais fluida, facilitando o cotidiano da população manauara.

Atributos subjetivos

Sobre os Atributos subjetivos (2) são relatadas experiências como a de Maria, esposa de Luiza, que relata *“em nenhum momento eles foram homofóbicos com a gente”* sobre a relação que possuíam com os vizinhos religiosos na qual notaram no início da relação atitudes cordiais da parte deles e após um tempo de convivência o tratamento mudou e eles passaram a tratá-las de forma *“estranha”*. Elen, noiva de Roberta, expõe que *“a gente gosta do invisível porque quando alguém viu foi muito difícil foi muito doloroso então a gente foi muito mal acolhido né”*, aqui o casal já relata vivências mais explícitas de discriminação em uma antiga moradia e por isso optam por serem mais reservadas atualmente.

Inara afirma *“a gente é bem recebido aqui”* e descreve uma relação amistosa com a vizinhança e completa sua fala afirmando que todos ali têm conhecimento de que ela é filha de Bianca e Ruth e por isso a tratam bem visto que as duas são muito conhecidas e queridas na região. Vagner traz relato semelhante quando diz que *“em nenhum momento eu também me senti sabe meio acanhado de ser quem eu sou de demonstrar em ser gay*

né homossexual então sempre me senti super à vontade”. Da mesma forma Fred também relata uma vivência satisfatória *“eu me sinto muito acolhido assim é um refúgio”*.

Nessa categoria foram agrupadas experiências tanto positivas quanto negativas sobre o estabelecimento das relações sociais com a vizinhança. As experiências de acolhimento não foram unânimes e por isso essa é uma categoria em que os relatos das famílias tendem a trazer ambivalências. Dentre as 4 famílias sem filhos observamos uma diferença clara entre aquelas compostas por dois homens e as compostas por duas mulheres. De um modo geral os casais lésbicos relataram mais a percepção de sensação de desconforto diante de comentários homofóbicos, olhares intimidadores e ofensas diretas no convívio com os vizinhos, assim como elas relataram mais a sensação de insegurança e de desconforto nesses contatos cotidianos. Por outro lado, os casais compostos por homens gays trouxeram predominância de experiências positivas nesse convívio e descrevem a experiência de sentirem-se bem acolhidos e sem ocorrências de discriminação. Embora observadas essas diferenças a partir do recorte de gênero, a única família com filhos incluídos na entrevista, que é composta por um casal de duas mulheres, foi a que mais enfatizou essa temática das relações sociais com a comunidade como um dos principais determinantes para a satisfação com o ambiente residencial. Observou-se que a dinâmica familiar para elas é muito diferente das outras famílias, marcada por um convívio intenso com os vizinhos.

Aqui cabe destacar que a utilização do acrônimo LGBTI+ pode levar à ilusão de que essa população é homogênea, no entanto, ao mesmo tempo que as experiências dessas coletividades convergem em alguns pontos ao estarem sujeitas aos estigmas, preconceito e violências, cada uma dessas letras representa um mundo de diversidade de experiências, influenciadas por diferentes situações e marcadores interseccionais. Uma crítica presente em estudos voltados para pessoas LGBTI+ é a concentração em cidades metropolitanas e em espaços e momentos de lazer/divertimento e de consumo, uma limitação que reforça essa visão homogeneizada e descarrilhada das experiências cotidianas (Belarmino & Dimenstein, 2021; Ferreira & Bonan, 2020). Nesse sentido, este estudo buscará entender essas ambivalências a partir dessa diversidade nas quais cada uma das famílias está inserida.

A experiência de Bianca e Ruth e da filha Inara destoa nesse aspecto como uma família composta por um casal de duas mulheres que, embora morem há mais de 25 anos no bairro Gilberto Mestrinho, localizado na Zona Leste de Manaus, contradizem alguns

dos dados apresentados neste estudo e na literatura ao relatarem nunca terem sofrido experiências de discriminação, conseguindo manter uma rotina de contato frequente com a comunidade local. As três demonstraram altos níveis de satisfação residencial, sem indicar quaisquer incômodos em relação às três categorias temáticas. Descrevem uma comunidade com oferta satisfatória de serviços, comércio, saúde, educação e segurança. Em relação à estrutura física da casa, embora planejem reformas para o futuro, estas não são associadas a uma insatisfação atual. Ao se referirem às atividades que costumam fazer no bairro, elas referem a própria casa como o local central para a realização dos eventos comunitários, sendo elas as promotoras desses momentos em datas comemorativas e aos finais de semana. A partir disso, observa-se que há um vínculo forte entre a família e os vizinhos e o casal relata nunca ter sofrido discriminação pelo fato de serem um casal homoafetivo, sendo muito conhecidas e respeitadas no bairro. Esse foi um fator citado pela filha Inara como protetivo contra qualquer violência *“eu não me lembro de ter sofrido algum tipo de preconceito por ser filha de duas mulheres não, não consigo me recordar acho que pelo fato de a gente ser muito querida acho que nunca chegou e se alguém chegou as pessoas queridas blindavam a gente de qualquer tipo de preconceito”*.

A vizinhança para elas parece de fato significar a extensão físico-afetiva do lar, embora cidades contemporâneas estejam vivenciando mudanças em suas relações sociais. Tais mudanças aparecem nas características físicas com casas sendo substituídas por construções verticais, ruas destinadas aos veículos e o lazer transferido para espaços privados como shoppings, clubes e condomínios. Assim, a urbanização e os avanços tecnológicos fomentam uma supervalorização da privacidade e do individualismo, reduzindo esses espaços à existência material e pragmática.

A sociabilidade com a vizinhança para essa família parece ir ao encontro do conceito de ‘vizinhanças vivas’, espaços urbanos que apesar dessas transformações ainda preservam relações de sociabilidade, cooperação, intimidade e pertencimento. Os fatores que podem fortalecer as vizinhanças vivas envolvem laços familiares, tradição local, permanência prolongada no bairro, apropriação dos espaços públicos e redes de suporte cotidiano. As vizinhanças vivas, nesse caso, parecem servir como um potente fator protetivo contra modelos urbanos excludentes e individualistas, sendo alternativa para o fortalecimento de bem-estar coletivo e pertencimento mesmo em regiões onde se espera que haja maiores níveis de preconceito e violência (Farias & Pinheiro, 2013).

Para Robson e Vagner, a condição de família homoafetiva não foi apresentada como um problema no convívio com a vizinhança, tendo um deles afirmado que associa o acolhimento e respeito da comunidade ao perfil socioeconômico mais elevado do bairro *“eu acho que a questão da educação mesmo, da educação, não educação, educação, educação mesmo de, o nível de educação das pessoas, na Ponta Negra, por ser um pouco maior e por ser um ambiente também que proporciona um poder aquisitivo um pouquinho maior também, acho que isso é mais brando para a gente. Então a gente acaba não sentindo muito, ou sentindo quase nada mesmo. A gente, em muitos lugares que a gente vai aqui, a gente é bem recebido, ninguém olha torto, até restaurantes que a gente vai aqui, a gente, sabe, é supernormal, é uma coisa mais normalizada”*. Ao final da entrevista um deles pontua que se reconhece em posição de privilégio e acredita que outras famílias homoafetivas não têm a mesma experiência de acolhimento na cidade *“A gente tem esse privilégio de estar morando aqui e estar nesse conforto, então a gente acaba não passando por muitas coisas que outros casais passam em outras comunidades. Mas, sim, acho que acaba tendo esse ponto de excelência pra gente, de estar nesse ambiente que pra gente é seguro e não faz a gente se mover daqui, justamente por isso”*.

Antes de decidirem concretizar a mudança para o local escolhido, o casal Fred e José considerou importante abordar com o proprietário do imóvel sobre serem uma família homoafetiva: *“a gente foi e falou, nós somos um casal, né? E eu não sei se vocês veem problema nisso. Mas se veem, façam esse, nos deem esse feedback, porque a gente também precisa saber, né? Então eles também foram super receptivos e não tivemos nenhum problema”*. Sobre essa conduta, um deles afirma que prefere trazer logo à tona esse aspecto para evitar problemas futuros.

Como foi apresentado anteriormente, em relação aos aspectos físicos da residência, a moradia alugada se mostrou um elemento influente na satisfação e aqui esse elemento volta a aparecer. As três famílias que residem em moradia alugada relatam que o grau de satisfação com o ambiente residencial costuma estar condicionado à aceitação da(o) proprietária(o) do imóvel sobre a condição de casal homoafetivo, sendo necessário que esse fato seja previamente informado ou omitido, o que gera uma preocupação prévia. Em relação à convivência com os vizinhos eles relatam sentirem-se bem acolhidos e respeitados. Ao refletirem sobre essa experiência, eles afirmam que ela pode estar associada ao fato dos dois serem profissionais bem estabelecidos e serem conhecidos por serem professores. Além disso, ressaltaram a hipótese de que talvez caso se expressassem

de outras formas esse respeito não ocorreria *“eu fico pensando que se talvez fôssemos mais afeminados, de repente, os olhares fossem [diferentes]...”*.

A observação de Fred e José corrobora com estudos sobre a homossexualidade masculina. Homens gays são alvos de violência sistemática ao circularem pelas cidades e o ambiente urbano é qualificado como um ambiente heteronormativo e violento às performances afeminadas. De fato, a afeminação é um vetor de vulnerabilização e imprime particularidades às vivências subjetivas urbanas de homens gays afeminados, marcadas pelo medo e sofrimento. O fato dos participantes não se identificarem como homens gays afeminados e associarem a isso a aceitação dos seus vizinhos evidencia o quanto esse aspecto é de conhecimento da própria comunidade (Belarmino et al., 2024).

Observa-se que a conduta dos casais diante de outras pessoas ou as características deles foram elencadas como justificativa para a não experiência de discriminação em seus ambientes residenciais e consequente aceitação da comunidade. Sobre isso, Inara, filha de Bianca e Ruth, afirma: *“mas assim elas mantêm uma postura, elas não são de estar trocando carinho [...] um beijo no máximo, mas nada de ficar aquela agarrção essas coisas então acho que as pessoas respeitam também muito elas por elas manterem essa postura”*.

Esses resultados remontam também o que foi apresentado como o conceito de satisfação residencial, ou seja, é uma avaliação sobre o ambiente residencial, que envolve os atributos objetivos e subjetivos desse ambiente, os quais influenciam e são influenciados pelas características da pessoa e que geram intenções comportamentais e condutas adaptativas. São essas condutas adaptativas que conduzem o indivíduo a uma situação congruente com o lugar em que reside. Nesse sentido, o que alguns casais apresentaram como condutas e características deles próprios favorece o acolhimento ou não pela comunidade. Cabe refletir até que ponto as características pessoais não seriam resultado de condutas adaptativas para alcançar essa satisfação residencial ou o que seria para uma família homoafetiva estar em uma situação congruente com o seu ambiente residencial do ponto de vista da comunidade.

Cisheteronormatividade é um conceito dado à perspectiva da heterossexualidade e da matriz cisgênera como uma norma para as relações de parentesco para as identidades de gênero. Um conceito que se relaciona a isso é o de homonormatividade: uma forma particular de heteronormatividade através da qual a população gay e lésbica se torna aceitável por meio de uma semelhança à heteronormatividade. Essa semelhança confere

a algumas pessoas LGBTI+ o atributo da “passabilidade”, que torna essas pessoas menos evidentes em relação às suas identidades sexuais, o que pode ser utilizado como um artifício de enquadramento e conformidade aos padrões e às normas socialmente aceitos e valorizados, gerando na própria comunidade hierarquizações e graus de aceitabilidade. Ou seja, mesmo em lugares em que se sabe e, em alguma medida, se aceita a homossexualidade, ainda se faz necessário manejar a passabilidade heterossexual (Belarmino et al., 2024).

Quando se aborda a relação entre o comportamento e o entorno, o conceito de qualidade de vida, bem-estar, satisfação e felicidade são frequentemente utilizados. A utilização desses diferentes conceitos remete a uma questão de perspectiva, pois enquanto o bem-estar e a qualidade de vida podem ser utilizados em perspectiva macrossocial, filosófica e política para falar sobre processos de socialização da felicidade; estes mesmos conceitos também são utilizados numa perspectiva mais subjetiva quando associados a uma satisfação em função de necessidades ou operacionalizações de aspirações. No campo dos estudos pessoa-ambiente, o conceito de satisfação apresenta-se como um indicador subjetivo de qualidade de vida e bem-estar pois se direciona para elementos como identificação, equacionamento e posicionamento relativo de necessidades, aspirações, preferências, percepções, crenças, valores, atitudes e processos adaptativos (Freitas et al., 1996).

No campo dos estudos *queer* é possível pensar em uma perspectiva macrossocial. A conquista de uma família e de uma casa própria nos moldes heterocisnormativos é uma ideia de felicidade construída socialmente que opera como um imperativo moral e acaba sendo usada como uma forma de opressão, pois o objetivo é descrever como feliz a situação em que se deseja colocar o outro. Na medida em que algumas coisas são mais atribuídas a causas da felicidade do que outras, alguns casais performam um jeito hétero de fazer um amor *queer*. Se pessoas *queer* precisam se aproximar destes sinais de felicidade para serem reconhecidas, então talvez precisem minimizar os sinais de *queerness*. Existe então uma pressão social implícita de que você tem que ser o tipo certo de pessoa *queer* para ser minimamente aceito (Ahmed, 2010).

Sara Ahmed (2010) oferece uma história alternativa da felicidade considerando aqueles que são banidos dela, como mulheres, pessoas negras e a população *queer*. A autora relembra o histórico de escritas de romances *queer* que tinham como condição para sua publicação um final infeliz, o que funcionava para assegurar uma distinção moral

entre o que se considera vida boa e ruim. Segundo Ahmed (2010), pessoas *queers* infelizes é um aspecto crucial da genealogia *queer* e por isso não se deve ignorar os sentimentos ruins que têm sido centrais na existência *queer* no último século. As histórias *queer* são histórias daqueles que estão dispostos a arriscar sofrer as consequências de desviar dos padrões estabelecidos socialmente e por isso é importante dar atenção às vivências de infelicidade, sofrimento e vulnerabilidade. Portanto, a infelicidade *queer* não se atrela ao desejo de ser heterossexual, mas ao fato de terem que conviver com a infelicidade do outro sobre as suas escolhas de vida, com isso, finais infelizes não são simplesmente infelicidade, mas as consequências infelizes de ser a causa da infelicidade social e familiar (Ahmed, 2010).

Elen e Roberta mencionam que possuem planos de se mudar de Manaus, e apontam algumas razões para tomarem essa decisão: *“Eu sinto que Manaus é uma cidade um pouco atrasada, né? [...] É questão profissional, baixa remuneração [...]. Eu sinto que às vezes é um olhar um pouco torto, às vezes é uma oportunidade que falta, não sei definir exatamente porque. Eu sinto que a gente está com um pouco de dificuldade em oportunidades aqui, né? [...] E um dos motivos é também minha mãe. Minha mãe nunca aceitou muito bem a minha sexualidade. Então como a gente vai casar, o impacto pra ela vai ser muito grande. Então talvez seja uma fuga aí também, né? Um pouco de fuga nesse sentido. [...] então eu quero só fazer as coisas por mim, sem estar precisando pensar nela o tempo todo.”*. Em relação às projeções de futuro elas consideram que Manaus também não seria uma cidade adequada para ter filhos sendo uma família homoafetiva *“não sei se Manaus seria um ambiente legal pra criar uma criança, sabe? Eu tenho muito medo dos olhares de julgamento, do que as pessoas vão falar, que tipo de escola o meu filho vai estar, que tipo de piada ele não vai ouvir”*.

Antes de morarem na atual localidade, o casal relata uma experiência negativa com a proprietária da antiga moradia que ocasionou a mudança após poucos dias: *“eu acho que a mulher percebeu, né? Que se tratava de um casal. Então, depois disso, a nossa convivência, ela era horrível. Ela reclamava de tudo [...] ficava disparando no meio da noite o nosso ar condicionado. [...] Apareceu um problema de energia lá só no nosso apartamento. E quando foi assim [...] duas semanas, a gente nem dormia lá. Porque os olhares, o julgamento, ele era muito, muito intenso. [...]Aí a moça pegou e pediu o apartamento. Disse que a gente ia precisar se mudar. E aí eu peguei e disse que ela não precisava falar nada, porque a gente já estava se retirando. Mas foi uma experiência muito dolorosa, né? Meus amigos, eu recebi uma amiga lá [...] E ela mandou uma*

mensagem dizendo que aquele era um lugar de família. Era um ambiente familiar. E que ela não ia aceitar esse tipo de coisa na casa que era dela. Então assim, são lembranças muito dolorosas. Porque o quê que ela pensou que a gente estava fazendo? O que ela tem a ver com o que estava fazendo? Quem era, quem não era? Então foi bem complicado”.

Elen e Roberta relatam ainda uma experiência de pouco convívio com a vizinhança e as atividades que costumam realizar juntas no bairro são saídas a lanches e restaurantes nas proximidades. Nas ocasiões em que saem de casa juntas dizem que preferem não expor que são um casal por vergonha ou insegurança em relação a atos homofóbicos pois já sofreram isso em outros bairros da cidade. Em razão de não terem problemas com o proprietário nem com os vizinhos da atual moradia pelo fato de serem uma família homoafetiva, consideram que tem sido uma experiência satisfatória viver ali *“Aqui a gente tá bem invisível. E na verdade eu acho que a gente gosta do invisível, porque quando alguém viu, foi muito difícil, foi muito doloroso. Então a gente foi muito mal acolhido, né? De certa forma a gente foi violentada, né? Então a gente prefere estar aqui, num lugar mais invisível [...] eu acho que por questão de segurança o invisível é melhor, por enquanto”.*

O casal avalia com satisfação a segurança do bairro verbalizando que nunca foram vítimas de assalto ou furto, tampouco ouviram falar de alguma ocorrência com algum dos vizinhos e por isso sentem-se seguras em relação a isso. Por outro lado, ao falarem sobre demonstrações de afeto em público elas afirmam que já não se sentem tão seguras contra atos homofóbicos, sobre isso uma delas afirma que *“A gente confia em relação a um assalto, a um furto”*, mas em relação a possíveis atos homofóbicos não se sentem tão seguras. É importante destacar que essa fala se relaciona com alguns dos dados quantitativos desta pesquisa que mostra cenários diferentes entre a sensação de segurança no bairro e a sensação de segurança contra atos homofóbicos. Enquanto a segurança no bairro apresenta 39% de insatisfação, 38% de satisfação e 22% de indiferença, a segurança contra atos homofóbicos apresenta uma concentração maior para a insatisfação com 43%. A partir disso vemos que não é uma experiência somente de Elen e Roberta e muitas famílias homoafetivas sentem-se mais seguras de que não sofrerão um assalto do que seguras de que não sofrerão um ato discriminatório.

Essa insegurança também foi relatada por elas como uma ocorrência mesmo dentro dos limites do apartamento, ao precisarem receber algum serviço no imóvel, sobre isso elas relataram *“a gente precisou mexer no ar-condicionado, e aí o cara vinha aqui.*

Eu falei meu Deus, ele vai chegar e vai ver uma única cama, ele vai saber que a gente... Então são preocupações que [...] na verdade eu acho que a gente não deveria ter, mas a gente acaba tendo”.

Maria e Luiza afirmam que nunca sofreram ataques homofóbicos diretamente, mas relataram enfrentar olhares de julgamentos quando andavam juntas de mãos dadas ou após perceberem que são um casal, além de já terem presenciado comentários homofóbicos no grupo de *Whatsapp* do condomínio ou direcionados para outras famílias homoafetivas que viviam ali. Elas atribuem a esse cenário um dos motivos pelos quais elas não tinham convivência com a vizinhança, pois se sentiam desconfortáveis com a possibilidade de julgamentos *“mas a gente percebeu que alguns vizinhos mudaram conosco e principalmente quando a gente saía para passear com o nosso cachorro então a gente saía para passear e a gente andava de mão dadas né [...] à noite e geralmente a galera tá chegando nesse horário então eles ficavam olhando né e ficavam observando... Muito comentário ruim também nos nossos grupos né sempre tinha muita homofobia nos grupos do condomínio.”*

Silveira et al. (2019) apresentam reflexões a respeito das violências sofridas pelas mulheres no contexto urbano, buscando evidenciar a posição de vulnerabilidade ocupada por elas ao transitarem nos diferentes ambientes da cidade. Observa-se que essas mulheres que transitam cotidianamente nas ruas e espaços públicos têm seus direitos à cidade cerceados por uma percepção de insegurança e medo constante. A construção de um espaço defensável, que proporcione às mulheres sentirem-se seguras, é imprescindível na garantia do direito de ir e vir dessa população e da percepção de espaços seguros para existir na cidade. Essa é uma problemática construída a partir da naturalização da hegemonia masculina que envia projetos de planejamento urbano pensados por e para pessoas específicas, contribuindo para a construção e a manutenção de espaços hegemônicos e excludentes das minorias em direitos.

Nesse contexto urbano, os diferentes grupos ocupam espaços com o objetivo de perfazer territorialidades para afirmar seus direitos em espaços que podem ser tanto promotores quanto limitadores de possibilidades. Um exemplo é a juventude feminina, que lida com espaços tradicionalmente projetados por e para homens, por isso, a noção de territorialidade apresenta-se de forma incompleta quando não se considera as especificidades da diversidade humana em sua interpretação. Observa-se que as mulheres estão mais expostas e ameaçadas nas ruas das cidades, sendo mais vulneráveis a

abordagens sexuais e exposição a violências. Somado a isso, as mulheres também não possuem as mesmas condições que os homens para enfrentar essas demandas, sobretudo mulheres da classe trabalhadora, evidenciando as desigualdades de criação, acesso e usabilidade de espaços e trazendo à tona a reflexão sobre como isso impacta na promoção de saúde de mulheres. As mulheres jovens estão submetidas a diversos fatores de risco, que ameaçam a qualidade de vida e o bem-estar, dentre os quais destaca-se o racismo, a violência urbana e a desigualdade de gênero. Em contrapartida, há fatores de proteção, associados à promoção de qualidade de vida e bem-estar, como a arte e a cultura, engajamento em grupos, participação política e o fortalecimento da identidade. Esses fatores de proteção exercem um papel fundamental na conquista da territorialidade e do direito à cidade por essas mulheres, permitindo pensar as cidades enquanto lugares de possibilidades diversas, seguras e saudáveis para todas as populações (Sousa & Albuquerque, 2022).

Isso se relaciona com aquilo que explica a formação de uma satisfação residencial, pois são razões relacionadas com as características dos indivíduos; com a natureza e qualidades dos espaços residenciais; e com os processos relacionais entre os indivíduos e os seus contextos residenciais. A combinação dessas três dimensões explica que a satisfação residencial resulta em uma quarta fonte de razões que influenciam e explicam a satisfação e, conseqüentemente, os comportamentos e estratégias diante do ambiente. A concepção desse modelo teórico se materializa nos processos onde o valor das coisas ultrapassa as suas qualidades intrínsecas e é determinado por processos de construção social e coletiva em um sistema relacional do próprio *habitat*. Nesse contexto, os indivíduos e os espaços têm seu valor determinados pelas suas respectivas posições que conquistam e desenvolvem no ambiente. Assim, é possível compreender porque mesmo havendo associações entre os aspectos objetivos dos espaços e os níveis de satisfação residencial, quando se busca entender em profundidade as explicações para essa avaliação, conclui-se que os fatores objetivos não são os que exercem maiores níveis de influência em primeira linha. Por esse motivo, o ambiente residencial não pode ser reduzido à sua função residencial e sim, percebido enquanto campo de ação coletiva, onde os indivíduos se confrontam com outros e se constituem como cidadãos ativos (Freitas, 2004).

Para Butler (2018), existem diversas formas de mobilização pelo direito que minorias de gênero e de gêneros dissidentes têm de andar livremente pelas ruas, de manter

seus empregos, de resistir a assédios, patologização e criminalização. Isso implica que a política não ocorre exclusivamente na esfera pública; a política já existe dentro de casa, ou nas ruas, ou na vizinhança, ou até nos espaços virtuais que ultrapassam os limites da casa ou da rua. A organização de corpos em alianças nas ruas, em movimentos que buscam por seus direitos e ocupam espaços comumente não ocupados na lógica do sistema dominante já é uma forma de resistência que impõe importantes avanços.

Para finalizar esta seção, destaca-se a fala de Fred e José, que formam um casal inter-racial que reside no Centro da cidade de Manaus. A família pontua percepções que trazem à tona a importância do recorte racial e de uma análise interseccional das opressões. Sobre isso Fred afirma *“O que eu acredito que me faça pensar no Centro com uma experiência mais negativa é do ponto de vista racial [...] ali é uma população mais branca, né. Então além de sermos um casal homoafetivo, né, eu sendo branco e o José sendo um homem negro, a gente também precisa pensar nessa perspectiva dentro da nossa relação”*. Na perspectiva deles o fato de serem um casal de homens homossexuais parece não influenciar na relação com a vizinhança, no entanto, o racismo foi destacado como uma característica negativa da comunidade local e que no período inicial após se mudarem para o Centro foi um desafio para Fred conviver com o estranhamento em relação à sua presença *“ali nessa região que a gente mora eu acho que ele é muito mais racista do que homofóbico [...] então eu já passei por algumas situações em que o início ali principalmente era muito desconfortável [...] hoje melhorou muito mais mas é porque depois de quase dois anos por exemplo agora eles me veem como uma pessoa que já frequenta né aí por exemplo veem com crachá de uma empresa ah então não é uma pessoa que vem fazer x coisa né”*.

Aqui se faz necessário retomar a discussão das diferenças intragrupo à luz do conceito de Interseccionalidades e evidenciar as articulações das estruturas de opressão (Cordeiro, 2023). Em uma lógica metodológica de estudos interseccionais onde busca-se compreender a articulação das opressões na produção dessas experiências sociais busca-se ampliar o foco indo além da identificação dessas identidades e compreendendo como os diferentes marcadores sociais, sobretudo o marcador de raça, se apresentam na determinação das diferentes experiências que emergiram neste estudo. (Collins, 1986/2016; Rodrigues, 2013).

Chama-se atenção para a base excludente e desigual da urbanização brasileira, evidenciando que as subjetividades subalternas que frequentam as cidades são associadas

a diversos estigmas que acabam por permear os processos de segregação socioespacial no espaço urbano, regido fortemente pelas lógicas racista e sexista. Os verdadeiros detentores da cidade estão implicados em naturalizar as desigualdades planejando as cidades de forma machista e falocêntrica. Portanto, o planejamento urbano e a questão da terra e da propriedade devem ser entendidos a partir da perspectiva da interseccionalidade de raça, gênero e classe, superando inclusive um enfoque demasiadamente centralizado no prisma socioeconômico e classista. As possíveis soluções das problemáticas que envolvem os processos de segregação e exclusão urbanas devem procurar combater esses mecanismos estruturais que historicamente determinam a concepção de um território neutro que pensa a cidade sob a visão de uma universalidade e homogeneidade dos corpos, privilegiando padrões hegemônicos e colocando à margem populações vulneráveis, sobretudo as mulheres negras periféricas (Chaves, 2025; Lima, 2024).

Atributos objetivos

Em relação aos Atributos objetivos (3) surgiram relatos direcionados para a estrutura da casa/apartamento como a de Luiza: *“o apartamento em si estruturalmente é muito bom”*; *“trocar as portas as janelas todinhas fazer mais uma laje aqui atrás que eu estou querendo a piscina”* (Bianca); *“a energia aqui também é muito cara”* (Robson) e aspectos relacionados ao bairro foram citados em falas como *“a gente pensava conversava né por que não faz uma quadra não faz um parque para agregar a comunidade porque lá só é rua só é rua”* (Luiza); *“a gente nunca sofreu nenhum tipo de violência por aqui por perto a gente tem tudo muito aqui perto também tem o mercado tudo material de construção”* (Inara); *“um sabão sei lá um detergente que acabou ou um ovo um suco a gente consegue comprar rápido aqui no mercadinho do condomínio então isso foi uma facilidade que veio pra cá que era uma coisa que a gente reclamava bastante”* (Robson); *“é uma escola estadual que ela não é muito boa a UBS eu não uso daqui eu tô usando a do bairro aqui ao lado”* (Elen). Aqui foram agrupadas as falas que se referiam aos aspectos físicos e funcionais da casa e do bairro, nesse sentido, foram destacadas as características físicas do imóvel de residência em termos de estrutura e decoração e o quanto elas atendem ou não as necessidades dos moradores e refletem as suas personalidades, identidades e valores.

Nesse tópico, as famílias puderam relatar as mudanças estruturais que já realizaram e aquelas que ainda pretendem realizar como um dos modos de ampliar ainda

mais a satisfação com o ambiente. Este foi um aspecto em que foi observada uma diferença entre aquelas famílias que possuem casa própria e aquelas que residem em imóvel alugado. As duas famílias que possuem casa própria trouxeram relatos positivos sobre os aspectos físicos da moradia, sendo dois imóveis que já passaram por muitas modificações ao longo dos anos. Essa foi uma questão trazida como limitação para as famílias em moradias alugadas porque em razão disso ou elas não podem fazer modificações no imóvel ou embora possam não se sentirem motivados a fazê-lo pela casa não ser de propriedade da família.

Elen afirma que *“essa ideia de ir pra um lugar que seja alugado, às vezes o dono não deixa fazer isso, não deixa fazer aquilo.”* Em outro momento ela também cita a moradia alugada como uma das coisas que mudaria em seu ambiente residencial para que sua satisfação fosse ainda maior *“E se fosse própria, né? Se a gente tivesse uma casa própria seria melhor ainda”*. Sobre isso Fred afirma *“nós não temos resistência do dono, né? Ele é muito prestativo nesse sentido. Só como é uma moradia antiga, qualquer tipo de reparação seria um gasto excessivo, né?”*. Luiza também afirma que na antiga moradia alugada *“A gente não gostava de perfurar como tá aqui. Porque a gente... Eu pelo menos, tinha sempre essa sensação. A gente não vai ficar muito tempo aqui.”*. A casa própria é citada também como um fator importante e carregado de significados para as outras duas famílias. Bianca diz: *“eu falava assim, um dia eu vou adquirir o que é meu. Um dia eu vou conseguir minha casa, vou levar meus amigos pra lá”* e Inara completa *“A gente literalmente construiu a casa do zero, então o meu apego é esse, né. Mais o orgulho de poder. Porque muita, muita gente... Porque uma coisa que me marca muito dentro da minha infância é que muita gente duvidou muito do que a gente poderia ser, do que eu seria sendo criada por duas mulheres. Então hoje em dia eu morro de orgulho de falar de chegar onde eu cheguei eu não precisei de ninguém, a não ser delas duas, né.”*

Vagner também menciona a conquista da casa própria como a realização de um sonho e todos os esforços empregados para a construção e reforma da moradia se somam aos fatores que o fazem sentir-se vinculado ao apartamento *“Eu [...] vivo um pouco do que a gente passou, o quão foi difícil para a gente dar entrada nesse apartamento. Aí, quando a gente comprou o apartamento, moramos nele durante três anos sem reforma nenhuma, do jeito que veio. [...] com o tempo, fomos reformando, construindo, colocando a nossa cara. [...] compramos o apartamento, aí o sonho era reformar o apartando, reformamos como a gente quis, chamamos arquiteto, nos planejamos, nos apertamos*

financeiramente, nunca foi muito fácil, mas a gente foi conseguindo. Aqui fala-se da casa enquanto um lugar que reflete a personalidade e a história de vida dos seus moradores. O resgate das memórias das histórias vividas ali e das mudanças físicas implementadas na casa ao longo dos anos mantêm uma conexão emocional com o passado e com o ambiente. Fica evidente o quanto o ambiente residencial ocupa um espaço muito significativo na vida das pessoas e é capaz de despertar fortes vínculos afetivos e carregar sentidos de proteção e segurança (Aragonés & Amérigo, 2004; Araújo et al., 2023; Fischer, s/d.).

A expectativa e a concretização de adquirir um imóvel percorre o imaginário da população brasileira com o tão almejado sonho da casa própria. É um discurso amplamente propagado e incentivado por todas as políticas públicas de habitação dos governos federais e estaduais ao redor do país que facilitam a aquisição da propriedade privada sob o propósito de dar concretude ao direito social de moradia, atendendo também interesses políticos e econômicos (Aieta & Costa, 2022). Ao discutir a reciprocidade da relação pessoa-ambiente, Ferreyra (2022) chama atenção para o fato de que essa dicotomia não é uma realidade *a priori*, pois os espaços e ambientes são produzidos social e historicamente e essa relação é produto de processos determinados. Logo, não é possível separar a matéria dos seus sentidos, nem das práticas que a reproduzem e transformam. Os processos de fragmentação territorial, segregação residencial e as possibilidades de apropriação privada e acumulação de bens estão inseridos no espaço abstrato do capitalismo, que é mercantilizado, que fragmenta e homogeneíza as relações.

A avaliação geral de Robson e Vagner em relação ao ambiente residencial é positiva no que se refere à estrutura física do apartamento, sendo um local que atende suas necessidades e esteticamente reflete a personalidade do casal. Robson afirma *“Eu sou uma pessoa muito mais simplista, não gosto de muita coisa, então pra mim é mais funcional ter, até pra arrumar também é mais fácil, né? Ele já gosta de cozinhar [...] queria porque queria essa bancada”* Vagner completa *“Ele adora videogame e TV, então TV grande, sofá, TV pra ele olhar. E eu adoro a cozinha [...] então, tomar um vinho, conversar, rir... E aí foi quando a gente também construiu a adega.”*, em seguida Robson afirma que a casa também expressa algo sobre a profissão de ambos *“A gente é engenheiro também, então pensou nessa questão mais industrial. Aí acho que reflete um pouco na iluminação, um pouco também do amadeirado ali também pra trazer, as paredes mais cinzas também.”*

Maria e Luiza apontam como características que expressam a personalidade do casal os itens de decoração *“exatamente o que está aqui [decoração], então a gente é muito natureza [...] da literatura, da música [...] bastante foto da família [...] nossos adesivos de esquerda, a pessoa entra já vai ver que aqui não é um ambiente do outro lado, né? Então a gente... Era isso, a gente é política dentro, natureza, né? E literatura e música”*. Da mesma forma, a residência de Bianca, Ruth e Inara *“quem entra na nossa casa sabe que a gente é parintinense, não precisa nem perguntar qual é o nosso boi, então ela é muito o reflexo disso, dessa nossa paixão, pela nossa cultura, da nossa terra. E o Flamengo veio de contrapartida, assim, sabe? Veio junto, então elas são as flamenguistas aqui no bairro, porque a casa é conhecida como Garantido Flamengo, então os nossos interesses e as nossas raízes, elas estão muito expressas na casa inteira. Se tu entrou na casa tu viu, o sofá é vermelho, a cortina é vermelha, a decoração, tudo é vermelho, os talheres são vermelhos.”*.

Embora algumas ressalvas tenham sido apontadas no que se refere à realização de reformas no imóvel em razão de ser alugado, a necessidade de impor algumas características físicas para que a família sinta alguma identificação com o ambiente aparece como um aspecto importante, mesmo que por meio de intervenções mínimas. A esse respeito Elen verbaliza que *“a gente pintou, né? A gente foi colocando coisas que a gente gosta pra sentir que esse é o nosso lugar. Então, uma plaquinha ali, uma foto nossa ali na geladeira. Acho que são coisas pequenas que a gente vai deixando da nossa cara, né? De trazer uma personalidade maior. Então ali no nosso quarto a gente entra, tem um dinossauro ali na cama, que é dela, né? São pequenos itens que vão deixando mais nosso, mesmo sendo alugado.”*. Sobre isso Jonas diz que *“por exemplo, tem uma estante lá que tem uns livros que ele gosta. Eu gosto de fantasia, aí ele tem, por exemplo, os livros de Geografia aí do nada as Crônicas de Gelo e Fogo. Mas tá lá, porque é essa característica dele. Aí quando a gente olha pra uma arte folclórica [...]. É uma coisa que a gente gosta, é uma coisa relacionada ao aspecto religioso dele. Então, quando a gente olha hoje, até os cantos dos gatos, por exemplo. E a gente tem o canto das plantas...”*

Vimos que a experiência de personalização da casa de modo a trazer características que refletem a personalidade, os interesses e o estilo de vida de seus residentes foi unânime entre os participantes. As famílias buscaram ao longo dos anos não somente expressar suas características pessoais, mas também seus valores sociais e as características culturais a que pertencem (Aragonés & Amérigo, 2004; Fischer, s/d), buscando nesse processo sentir que se pode chamar aquele lugar de seu. A identidade de

lugar se referente ao estabelecimento de vínculos emocionais e de pertencimento com o entorno, decorrente desse processo de apropriação do espaço, é uma subestrutura da identidade pessoal, desenvolvida a partir da interação da pessoa com o entorno – tanto físico, como social. Está relacionado com os significados e a função emocional dos lugares, nesse sentido, o indivíduo se torna mais identificado com um lugar à medida que sua pertença a esse lugar permita que ele seja socialmente diferente e valorizado (Gavilan et al., 2024; Zacarias & Higuchi, 2021).

Para Bachelard, em ‘A Poética do Espaço’, o ambiente da casa não representa um mero objeto e nela operam diversas relações simbólicas marcadas por elementos da realidade e da imaginação que fazem com que transcendam do espaço físico e da materialidade diversos sentidos e significados em torno da casa, levando sua definição para muito além de seus atributos utilitários. A casa é o espaço que, quando verdadeiramente habitado, traz em sua essência a noção de abrigo e refúgio, é onde em contraste com um mundo exterior de dispersão e desintegração, ele abriga processos de unificação e integração. O espaço da casa representa também o lugar onde se tem o verdadeiro princípio de integração psicológica, sendo um refúgio das emoções, ofertando ao ser humano sensações de estabilidade, equilíbrio e proteção. Essa dinâmica expõe o quanto são complexas as relações pessoa-ambiente (Celeri & Pereira, 2018). A centralidade da casa na vida humana é evidenciada ao pensarmos que a nossa primeira referência existencial é o espaço doméstico. Ao longo de toda a vida o habitar vai muito além da necessidade de possuir uma habitação, mas inclui também a necessidade de que essa habitação adquira significados para quem a habita, sendo dinâmica, flexível e acolhedora. É possível que alguém precise viver em um espaço que não é reconhecido como um território primário, uma casa necessariamente não significa um lar, enquanto uma expressão da personalidade e dos padrões de vida de seus moradores. A partir disso é possível perceber as ações comuns e os momentos simples do cotidiano com um outro olhar, como elementos que tornam cada sujeito independente, diferente e único, dotados de identidade própria e características únicas, vivenciando experiências que encontram na simplicidade do dia-a-dia o sentido de vida de cada um (Borges et al., 2024).

Em relação ao bairro foram listadas a descrição, as reclamações e os elogios sobre a oferta de serviços de comércio, saúde, educação e segurança e opções de atividades culturais, de esporte e lazer. Esses aspectos foram listados como influentes nas escolhas de moradia, sendo o principal deles os preços de produtos e o acesso e a qualidade dos

serviços e espaços ofertados. Ao se referirem à moradia no Lírio do Vale, a primeira família entrevistada verbaliza que *“ah eu queria tanto que esse apartamento fosse mais perto pra cá porque ia ser tudo”*. Essa fala se refere à satisfação do casal com a estrutura física do apartamento, sendo em um condomínio novo com prédios e espaços de convivência de alta qualidade. No entanto, a localidade é mencionada como um contraponto que influencia fortemente na avaliação geral do ambiente residencial, pois o ideal seria um apartamento com a mesma estrutura física que aquele, porém em uma localização mais conveniente para a família.

Apesar de aprovarem a estrutura do apartamento, Maria e Luiza pontuaram com veemência a insatisfação com o Lírio do Vale, de onde decidiram se mudar recentemente, observou-se nessa categoria o quanto a satisfação residencial é influenciada por diversos fatores que ultrapassam os limites internos da casa. Ao se referirem à distância dos amigos e da família e à escassez na oferta de atividades de lazer uma delas pontua que *“a gente não tava mais vivendo”*, o que as fazem descrever aquele ambiente residencial como apenas o local para onde se retorna diariamente do trabalho e que abriga uma rotina com pouca qualidade de vida. Por isso, um dos critérios para a escolha da nova moradia foi um local mais central, onde os preços do comércio fossem mais acessíveis e onde haveria maior oferta de lazer, cultura e acesso mais facilitado aos amigos da família. Maria e Luiza moram no centro, assim como o casal Fred e José, eles contam que já residiram em outro local e apontam alguns motivos pelos quais optaram pela área atual, o que envolve a facilidade de locomoção para o local de trabalho e mais ofertas de atividades culturais e de lazer como bares, teatros e exposições de arte.

Um aspecto destacado por Maria e Luiza em relação ao perfil do Lírio do Vale foi a presença de muitas igrejas *“em cada esquina tem uma igreja e olha que Manaus é assim né, meio cheia de igreja, mas o Lírio do Vale era a coisa mais absurda”*. Aqui observamos um relato em que um aspecto objetivo e físico do bairro se entrelaça com aspectos subjetivos a partir do significado que algumas estruturas carregam. Elas verbalizam que é um elemento que gera desconforto, sendo associado a um potencial perfil de comunidade que não acolhe famílias homoafetivas. Foi observado que o Lírio do Vale e o Centro são dois bairros com perfis muito diferentes, no qual o primeiro possui muitas igrejas e pouca oferta de atividades que contemplem o estilo de vida do casal, enquanto o Centro é um bairro que atende mais as necessidades dessa família. Sobre isso elas comentam *“E eu acho que é isso que a gente queria... Voltar a ter um pouco... Viver...”*

De saúde mental. A questão de ficar muito presa. [Ficar em casa] todo final de semana é um saco. E eu gosto muito de ir para o teatro também. Toda hora tem alguma coisa. A gente tem uma hamburgueria favorita que é bem aqui”.

O casal Robson e Vagner, residentes no bairro da Ponta Negra, ao se referirem aos aspectos de insatisfação que os fazem querer se mudar indicam o elevado custo de vida no bairro e os problemas da cidade referentes à infraestrutura, mobilidade urbana, oferta de atividades esportivas, lazer e cultura. Apontaram que são bem atendidos em suas necessidades, porém enfatizaram que a insatisfação é com a cidade de Manaus como um todo, elencando algumas reclamações em relação ao ambiente residencial, mas indicando que não observam possibilidades de mudanças para qualquer outra região da cidade e por isso pretendem sair de Manaus nos próximos anos. Sobre isso um deles relata *“a gente tem buscado muito agora, eu acho que qualidade de vida. E não só, vamos dizer assim, financeira, mas assim, qualidade de vida mesmo de convívio, de ter um lugar para ir, poder assistir um teatro, poder, sabe, ter opções, ter parque, você ir para parque, de repente fazer um piquenique. Então, essas coisas estão pesando, ultimamente, para a gente”*. Um aspecto destacado por eles em relação ao deslocamento corresponde à dificuldade de viagens para outros estados ou países *“Então, eu vou, sei lá, viajo numa quinta e volto numa segunda. Então, eu viajo numa sexta e volto no próprio domingo. Então, esse deslocamento, além de caro, ele é cansativo. E os voos são de madrugada. Então, quando chega uma da manhã, aí já tem que trabalhar às sete da manhã. Então, é cansativo. Então, isso é uma das coisas que tem pesado bastante”*. Diferente de Maria, Luiza, Fred e Jonas que residem no Centro, Robson e Vagner parecem relatar uma experiência em que as possibilidades de atividades a serem realizadas no bairro e em seu entorno têm chegado a um ponto de saturação, mesmo que eles se encontrem na localidade mais privilegiada de Manaus e ocupem uma classe social de alto padrão.

As falas em torno dos aspectos objetivos da casa e do bairro vão ao encontro da afirmação de que a satisfação com o ambiente residencial pressupõe a possibilidade de necessidades a serem supridas. Quando se pensa nessa avaliação a partir de uma mudança de residência, a satisfação residencial pode não ser necessariamente o resultado da comparação entre a nova e a antiga casa e sim o resultado do atendimento ou não a um desejo ou expectativa na casa atual, independentemente da situação de uma moradia anterior (Pereira & Palermo, 2015). Em outras palavras, isso significa dizer que a mudança de residência é acompanhada da mudança de expectativas ou de necessidades a

serem atendidas. Os critérios de avaliação também se modificam, isso pode ser capaz de explicar, por exemplo, por que algumas famílias abrem mão de uma estrutura física de moradia excelente em prol de uma localização com maior identificação, nesses casos a mera comparação entre a casa antiga e a casa atual não daria conta de explicar o nível de satisfação residencial como um todo. Considerando as pontuações das quatro famílias entrevistadas, Bianca e Ruth afirmam que não pensam em se mudar daquele local, motivadas por todos os atributos objetivos e subjetivos apresentados até aqui. Nas demais entrevistas, o tema da mudança de moradia foi bastante presente, abordando os motivos pelos quais os casais planejam se mudar futuramente ou os motivos que os fizeram se mudar para a moradia atual.

Um dos motivos para essas diferenças pode ser em razão da faixa etária dos entrevistados que em sua maioria são jovens adultos. Em estudo cujo objetivo foi avaliar a qualidade de vida de idosos atendidos nos Centros de Atenção Integral à Melhor Idade (CAIMI) de Manaus realizado com 741 idosos com média de idade de 69 anos, os resultados indicaram que embora a maioria possua baixa renda e baixa escolaridade, quando avaliada a qualidade de vida ela se mostra satisfatória, inclusive apresentando níveis mais altos em comparação com outras regiões do Brasil e países desenvolvidos. Um dado importante para compreender esse cenário está relacionado ao fato de que 79,76% dos idosos participantes ainda trabalham, mesmo que a maioria também seja aposentada. Isso foi relacionado pelos autores com o elevado custo de vida da cidade de Manaus, o que faz com que o idoso tente buscar outras formas de complementar sua renda (Neto & Corrente, 2018).

De um modo geral as motivações se concentraram nesses aspectos objetivos relacionados à qualidade e ao preço dos serviços, equipamentos, produtos e atividades de consumo e lazer nas proximidades, assim como a proximidade e a facilidade de acesso abordadas na categoria ‘Deslocamentos’. Esses resultados vão ao encontro dos estudos que mostram que a satisfação residencial está mais ligada ao bairro do que à casa. A identificação com o bairro e os vizinhos exerce mais importância do que a qualidade, o tamanho ou a adequação do imóvel (Algaba, 2003). Isso se reflete no processo de hierarquização dos atributos físicos da casa colados em segundo plano diante das possibilidades dos participantes se mudarem para outros bairros ou cidades que atendam a essas expectativas do cotidiano.

A Zona Centro-Sul de Manaus é a que apresenta os mais elevados índices de custo de vida, atingindo níveis semelhantes ao de São Paulo, maior metrópole brasileira (Seabra & Azzoni, 2015). Esse dado também se soma ao fato de que é nessa região e em suas proximidades onde se concentram a maior oferta de atividades de cultura, consumo e lazer, um dos motivos pelos quais duas das famílias participantes optam por morar no bairro Centro, região também com mais atratividade e vizinha e de fácil acesso à centrosul. Os preços dos produtos em mercadinhos e supermercados foi um fator de insatisfação nos bairros Ponta Negra e Lírio do Vale. De acordo com a pesquisa mensal realizada pela Universidade Estadual do Amazonas (UEA) dos preços da cesta básica em Manaus, no mês de abril de 2025 os valores foram para a zona Centro-Sul de R\$ 655,36, Leste R\$ 643,62, zona Sul R\$ 642,40, zona Oeste R\$ 634,03, zona Centro-Oeste R\$ 631,68 e zona Norte R\$ 622,70. Considerando o salário mínimo líquido no valor de R\$ 1.404,15 e o valor médio da cesta básica em Manaus de R\$ 637,71, esse preço compromete 45,4% da renda mensal de um trabalhador que recebe o piso salarial (UEA, 2025). Nesse sentido, morar em regiões de Manaus que possam propiciar maior oferta e qualidade de equipamentos e serviços representa um sacrifício financeiro ou completa impossibilidade para a maioria da população.

Dentre alguns dos principais fatores que compõem um ambiente residencial saudável foi destacado pelos participantes a acessibilidade para comércio, educação, emprego, lazer e assistência médica. Esses resultados indicam que a existência de bom comércio, de boas escolas, de atividades culturais e de áreas verdes exercem correlações muito significativas em relação aos níveis de satisfação com o bairro (Lawrence, 2002). O indivíduo busca no entorno de sua habitação ter as suas necessidades cotidianas atendidas, portanto as características do meio urbano impactam significativamente a satisfação do indivíduo. Além disso, a satisfação com o bairro varia de acordo com o momento do ciclo de vida, com o gênero, as características sociodemográficas e as condições econômicas (Esperidião, Fontolan et al., 2024). No contexto internacional, características como segurança, tranquilidade, laços com os vizinhos, transporte público, espaços abertos, acessibilidade a serviços e atratividade do local também são características que se associam positivamente com a satisfação residencial, enquanto desigualdades sociais entre e dentro dos bairros gera impacto negativo nessa avaliação (Mouratidis, 2018).

Esses resultados indicam que a satisfação residencial é fortemente influenciada pela satisfação com o bairro, consequentemente, explicitando a importância em investir no conhecimento da relação do indivíduo com sua comunidade e o seu bairro para pensar o desenvolvimento das cidades e o planejamento urbano. Dessa forma, almeja-se pensar cidades com foco em seus moradores, entendendo suas necessidades e expectativas e considerando as particularidades de cada região, município e população (Esperidião, Fontolan et al., 2024; Esperidião, Neto et al., 2024).

Evidenciou-se também que a existência de serviços comerciais, de educação e saúde, assim como as atividades e espaços de esporte, lazer e cultura, não se distribui de forma equânime pelas diferentes regiões da cidade de Manaus. Além disso, na sua existência, a qualidade desses equipamentos também não se observa da mesma forma entre os diferentes bairros. Em razão dessas fortes desigualdades espaciais em função de classe social para a garantia de direitos básicos à população surge a necessidade de uma distribuição mais igualitária na oferta e qualidade de infraestrutura desses serviços, atendendo às reais necessidades da população e garantindo saúde e qualidade de vida na vivência cotidiana e nos espaços de consumo e lazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir análise em conjunto dos dados quantitativos e qualitativos percebemos que as vivências dessas famílias apresentam convergências e divergências influenciadas por particularidades de cada uma delas. A partir dessa variedade e das ambivalências nos discursos compreende-se que as vivências LGBTI+ não são únicas e ao explorar as experiências cotidianas das famílias participantes é possível romper com visões homogeneizantes das coletividades, evidenciando outras formas de viver as dissidências sexuais e de gênero no contexto urbano, bem como buscar compreender como cada uma das famílias homoafetivas constroem da sua própria maneira seus espaços de pertencimento, afetividade e resistência nos bairros da cidade de Manaus. Dessa forma, foi possível atingir ao objetivo geral de compreender a percepção ambiental de famílias homoafetivas sobre os seus ambientes residenciais na cidade de Manaus.

Para descrever o modo como as famílias homoafetivas se relacionam com o ambiente residencial, foram coletadas avaliações e experiências que evidenciaram a vivência cotidiana dos participantes na casa, no bairro e na interação com os vizinhos. E com o propósito de identificar os aspectos que influenciam a satisfação residencial para

essas famílias observamos que essa avaliação é multifatorial e contempla diversos fatores socioeconômicos e geográficos. Foi identificado que a satisfação com o ambiente residencial ultrapassa os muros da residência e a qualidade da relação com os vizinhos, a oferta de serviços e equipamentos do bairro e os acessos à outras localidades são aspectos importantes, interferindo diretamente nas escolhas de moradia.

Ao mesmo tempo foi possível também caracterizar algumas singularidades da satisfação residencial dessas famílias, que além de avaliar os aspectos residenciais relacionados ao bairro, à casa e à vizinhança possuem modos distintos de avaliar como elas se inserem e como são vistas nesses ambientes enquanto famílias homoafetivas dentro de espaços onde são pouco representadas pela presença de pares. O ambiente residencial para famílias homoafetivas se mostrou um espaço ainda contraditório em que para muitas famílias se traduz em locais propícios para vivenciarem de maneira autêntica as suas sexualidades e suas configurações familiares. Para muitos dos participantes, diferentes de outros espaços e/ou outros momentos de vida, foi no ambiente residencial onde puderam vivenciar processos de desconstrução de valores tradicionais enraizados, de autoaceitação e de autoidentificação enquanto pessoas LGBTI+ e famílias homoafetivas. Foram espaços onde, embora não se impere grande diversidade de famílias, é possível cultivar tolerância às diferenças, o que gera maior conforto e bem-estar.

Em contrapartida, outras famílias relatam o inverso, experienciando no ambiente residencial diversos tipos de violências impulsionadas pelos preconceitos e estigmas que essas vizinhanças disseminam em relação à presença de famílias homoafetivas e seus respectivos marcadores interseccionais. Por isso, alguns ambientes residenciais parecem tolher a liberdade dessas famílias em demonstrar suas escolhas de vida levando-as a sentirem-se inseguras sob a ameaça de sofrerem atos homofóbicos. Nesse sentido, algumas famílias precisam recorrer a condutas que mascarem suas sexualidades ou que busquem de certa forma compensar esse fato ao demonstrarem sucesso profissional, por exemplo. Em alguns casos isso não é suficiente e a aceitação da comunidade torna-se um dos motivos determinantes para a mudança de moradia.

O acolhimento ou a hostilidade da comunidade com as pessoas LGBTI+, expressa por meio de olhares de julgamentos, comentários em redes sociais, ofensas, ou até mesmo forte presença de construções que carregam alguns desses significados como igrejas ou bares LGBTI+ se mostraram de fato uma das características do ambiente residencial, que é considerada por famílias homoafetivas nos níveis de satisfação. Essas características do

ambiente evidenciaram uma relação com os sujeitos que vivem ali, imprimindo necessidades de condutas adaptativas para se integrar em um meio que seja acolhedor. Por esse motivo, a relação de respeito percebida por algumas famílias foi associada não somente com o fato de a comunidade acolher bem essas pessoas, mas também às características e condutas que esses casais demonstram como não realizar demonstrações de afeto em público, manterem-se na invisibilidade, reproduzir performances heteronormativas, ou ocupar posições profissionais ou posições socioeconômicas consideradas bem-sucedidas.

Quando observamos o cenário no campo dos estudos pessoa-ambiente e pessoas LGBTI+ vemos que na maioria dos casos o olhar se volta para os ambientes que têm como objetivo abrigar aqueles que estão restritos em seus direitos de moradia. Pessoas LGBTI+ em contexto de casas de acolhimento ao redor do Brasil representam no imaginário social um perfil clássico de sujeito banido do acesso à felicidade: sem família, marido ou esposa, sem filhos e sem casa. Foi dito anteriormente que este estudo surge também do desejo de realçar a interação dessa população em ambientes plurais e comuns a diferentes pessoas e foi colocado aqui em evidência o ambiente residencial. A ideia é não explorar a experiência desses sujeitos somente em ambientes que configuram situações de extrema vulnerabilidade e enxergar a conquista dessas pessoas por espaços, pelas suas moradias e pela formação de suas próprias famílias. Contudo, não se pretende evidenciar que, apesar dos preconceitos famílias homoafetivas podem conquistar casas próprias, filhos e uma vida comum e satisfatória como a de qualquer outra família dentro dos moldes heteronormativos. Isso incorreria em um risco de reforçar a imagem de que famílias homoafetivas deveriam, e muitas delas buscam isso, remontar esses padrões para se enquadrarem em normas e merecerem a aceitação, reconhecimento e validação.

Por esse motivo, os questionamentos sobre a forma que famílias homoafetivas se relacionam com seus entornos e como essas famílias têm sido acolhidas em seus ambientes residenciais na cidade de Manaus foram norteadoras na construção deste estudo, pois buscaram não somente descrever como esses fenômenos ocorrem, mas principalmente compreender como e por que essas famílias se posicionam e são posicionadas da forma em que estão nos ambientes residenciais da cidade de Manaus, além de destacar as suas experiências cotidianas enquanto uma conquista por direitos e possibilidades de tensionamento de normativas excludentes. Portanto, este trabalho não

tem como objetivo confirmar a ocorrência de violência ou posições de vulnerabilidade, mas de explorar e apresentar as impressões subjetivas dos participantes.

Nesse processo, foram observadas algumas possibilidades de pesquisas que exploram outras dinâmicas das relações pessoa-ambiente trazidas pelos próprios participantes, como o estudo da população LGBTI+ e a relação com o ambiente de trabalho e o estudo do ambiente residencial considerando marcadores sociais de raça. Recomenda-se ainda as diversas possibilidades que envolvem a necessidade de se falar mais com a população LGBTI+ nos estudos pessoa-ambiente e na Psicologia Ambiental, evidenciando também nesse cenário o contexto amazônico em sua diversidade de espaços. As contradições em alguns resultados possibilitam na verdade um campo amplo para o aprofundamento, principalmente no aspecto das relações das famílias homoafetivas com a vizinhança e na possibilidade de construir em conjunto com essa população ambientes residenciais mais acolhedores e que de fato expressam o verdadeiro significado de um lar.

Destaca-se que foi observado um perfil restrito de participantes nas duas etapas do estudo, composto predominantemente por pessoas com ensino superior completo, e renda familiar acima de 3 salários mínimos. Também foi predominante a presença de mulheres cis e famílias que não possuem filhos, portanto, em uma amostra mais diversificada é possível que resultados diferentes sejam encontrados. Isso se deve também ao número reduzido de participantes, embora as famílias homoafetivas sejam minoria, considerando algumas estatísticas acredita-se que essa representatividade é maior na cidade de Manaus e é possível que muitos perfis tenham sido negligenciados. Portanto, recomenda-se em estudos futuros a consideração dessas limitações.

REFERÊNCIAS

- Aieta, V. S., & da Costa, J. M. S. A. (2022). O dócil sonho da casa própria. *Pensar-Revista de Ciências Jurídicas*, 27(1), 13-13. <https://doi.org/10.5020/2317-2150.2022.11175>
- Agência Câmara Notícias. (Outubro, 2023). Comissão aprova projeto que proíbe o casamento entre pessoas do mesmo sexo. <https://www.camara.leg.br/noticias/1006272-COMISSAO-APROVA-PROJETO-QUE-PROIBE-O-CASAMENTO-ENTRE-PESSOAS-DO-MESMOSEXO>.

- Agresti, A., & Finlay, B. (2012). *Métodos estatísticos para as ciências sociais*. Penso Editora.
- Ahmed, Sara. (2010). *The Promise of Happiness*. Duke University Press.
- Albuquerque, D. da S. (2019). *A congruência entre a pessoa e o ambiente residencial na perspectiva de crianças e idosos* [Tese de Doutorado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UNB. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/38128>
- Albuquerque, D. da S., Goulart, F. de M., Klavdianos, N. de D., Günther, I. de A., & Portella, A. (2023). ENVELHECIMENTO, SENTIDO DE LUGAR E PLANEJAMENTO URBANO: FACILITADORES E BARREIRAS. *Psicologia Em Estudo*, 28, e54416. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v28i0.54416>
- Albuquerque, D. da S., & Günther, I. de A. (2023). Apropriação dos Espaços Urbanos na Infância e na Velhice em Brasília (DF). *Psicologia: Ciência e Profissão*, 43, e255684. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003255684>
- Albuquerque, D. da S. & Günther, I. A. (2019). Onde em nós a casa mora? Os ambientes residenciais nas relações pessoa-ambiente. In M. I. G. Higuchi, A. Kuhn, & C. Pato (Eds.), *Psicologia Ambiental em contextos urbanos*. Edições do bosque.
- Alckimin-Carvalho, F., Chiapetti, N., & Nichiata, L. I. (2023). Homofobia internalizada e opressão social percebida por homens gays que vivem com hiv. *Psicologia e Saúde em debate*, 9(2), 685-704.
- Algaba, A. (2003). Maria Amerigo, Satisfação residencial. *Biblio 3W, Revista Bibliográfica de Geografia e Ciências Sociais*, Universidade de Barcelona, Vol. VIII, nº 420. [ISSN 1138-9796]. <http://www.ub.es/geocrit/b3w-420.htm>
- Aragonés, J. I., & Américo, M. (2004). *Psicología Ambiental*. Piramide Ediciones Sa.
- Araújo, B. N., Melo, K. K. F., Damasceno, A. R., Filho, V. A. A. A. (2023). ANÁLISE CRÍTICA DO FIME “UP: ALTAS AVENTURAS” SOB A ÓTICA DA PSICOLOGIA AMBIENTAL. In ANAIS IX Seminário de Iniciação Científica da Faculdade Luciano Feijão. v. 1. https://flucianofejao.com.br/flf/wpcontent/uploads/2024/01/ANALISE_CRITICA_DO_FIME.pdf
- Ato, Manuel, López, Juan J., & Benavente, A. (2013). Un sistema de clasificación de los diseños de investigación en psicología. *Anales de Psicología*, 29(3), 1038-1059. <https://dx.doi.org/10.6018/analesps.29.3.178511>
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. Edições 70.

- Bega, M. T., & Souza, M. N. (2021). Pandemia e efeito-território: a desigualdade social como catalisadora da Covid-19. *Revista Brasileira de Sociologia*, 9(21), 25-54.
<https://doi.org/10.20336/rbs.775>
- Belarmino, V. H., & Dimenstein, M. D. B. (2021). Experiência Urbana Gay na Cidade: uma Revisão Sistemática. *Revista Subjetividades*, 21(3), e11461-e11461.
<https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v21i3.e11461>
- Belarmino, V. H., Dimenstein, M., & Leite, J. F.. (2024). Cotidiano e a experiência urbana gay: afeminação como categoria analítica. *Revista Estudos Feministas*, 32(2), e89631. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2024v32n289631>
- Borges, G. S., Braga, A. V., & Cruz, D. S. (2024). A POÉTICA DO COTIDIANO: INQUIETAÇÕES SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE O CORPO E A CASA. *Arteriais-Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes*, 188-202.
<http://dx.doi.org/10.18542/arteriais.v0i0.17701>
- Butler, J. (2018). *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Editora José Olympio.
- Camargo, B. V. & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, 21(2), 513-518.
<https://doi.org/10.9788/TP2013.2-16>.
- Cao, J., Hao, Z., Yang, J., Yin, J., & Huang, X. (2020). Prioritizing neighborhood attributes to enhance neighborhood satisfaction: An impact asymmetry analysis. *Cities*, 105, 102854. <https://doi.org/10.1016/j.cities.2020.102854>
- Castro, B. S. C., & Jesus, A. B. C. (2024). GRUPOS SOCIAIS MARGINALIZADOS NA CIDADE DE MANAUS-AM. *Revista Contexto Geográfico*, 9(20), 205-219.
<https://doi.org/10.28998/contegeo.9i.20.17664>
- Calegare, M. (2021). Processos e interação psicossocial. In M. Calegare, & A. S. C. Mezzalira (Eds.), *Processos psicossociais vol.2: prática e reflexões sobre educação, saúde, ruralidades e política* (pp. 27-48). Alexa Cultural; Edua.
- Celeri, M. J., & Pereira, M. R. (2018). RESENHA BACHELARD, G. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993. *InterEspaço: Revista De Geografia E Interdisciplinaridade*, 4(13), 275–278. <https://doi.org/10.18764/2446-6549.v4n13p275-278>
- Chaves, L. S. (2025). Cidades, gênero e poder: a espacialização das opressões. *Revista*

- Estudos Feministas*, 33(2): e105376. DOI: 10.1590/1806-95842025v33n2105376.
- Colling, L. (2007). Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados. *Revista Gênero*, 8(1), 207.
- Collins, P. H. (2016). Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Sociedade e estado*, 31(1), 99-127. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100006> (Trabalho original publicado em 1986).
- Conselho Federal de Psicologia (Brasil). (2023). *Referências técnicas para atuação de psicólogas, psicólogos e psicólogues em políticas públicas para população LGBTQIA+*. CFP.
- Cordeiro, N. (2023). *Violência contra as mulheres: (re)produção de desigualdades nas políticas públicas*. Recife, PE: SOS Corpo. ISBN 978-65-87864-09-9.
- Dessen, M. A. (2010). Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. *Psicologia: ciência e profissão*, 30, 202-219. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000500010>.
- Dias, A. C. G. (2024). *Visita: histórias brasileiras entre tetos e afetos* [Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação, Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional da UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/255812>
- Esperidião, A. R., Fontolan, B. L., Del Roio, I. G., & Neto, A. I. (2024). Relação entre Características do Meio Urbano e a Satisfação: A Percepção do Brasileiro. *RPER*, (67), 25-39.
- Esperidião, A. R., Neto, A. I., Fortunato, R. A., & de Araujo Lima, C. (2024). O Meio Urbano na Satisfação Residencial: Diferenças entre o Centro da Cidade e os Bairros. *RPER*, (67), 7-23. <https://doi.org/10.59072/rper.vi67.522>.
- Esperidião, A. R., Penteado, A. P. B., Branquinho, R. V., & Neto, A. I. (2021). Estudo de diferenças na satisfação com o bairro em relação ao gênero. *Revista de Morfologia Urbana*, 9(2), e00199-e00199. <https://doi.org/10.47235/rmu.v9i2.199>.
- Farias, T. M., & Pinheiro, J. Q.. (2013). Vivendo a vizinhança: interfaces pessoaambiente na produção de vizinhanças "Vivas". *Psicologia Em Estudo*, 18(1), 27–36.

- Fernandes, S. L., Gonçalves, B. S., & Silva, L. S. P. (2022). Psicologia, Povos Tradicionais e Perspectivas De(s)coloniais: Caminho para Outra Psicologia. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 42(spe), e263863. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003263863>
- Ferreira, A. R. (2022). Que Psicologia Ambiental para que prática profissional? In Conselho Federal de Psicologia (Brasil). *Catálogo de práticas em psicologia ambiental*. 1. ed. Brasília.
- Ferreira, B. de O., & Bonan, C.. (2020). Abrindo os armários do acesso e da qualidade: uma revisão integrativa sobre assistência à saúde das populações LGBTT. *Ciência & Saúde Coletiva*, 25(5), 1765–1778. <https://doi.org/10.1590/1413-81232020255.34492019>
- Fischer, G-N. (s/d). *Psicologia Social do Ambiente*. Instituto Piaget.
- Freitas, M. J. (2004). Por onde passa a satisfação residencial. In *En: ACTAS dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia*. Universidade do Minho, Braga, Portugal (pp. 107-115).
- Freitas, M. J., Menezes, M., & Coelho, A. B. (1996). Contributos Sociológicos para a Análise e Definição de Qualidade Residencial. In III Portuguese Congress of Sociology: Práticas e Processos de Mudança Social, Lisbon, February (pp. 7-9).
- Furtado, J. P., Moreira, M. I. B., Nozabielle, S., Rodrigues, T. D. F., & Montesano, F. (2013). Desenvolvimento de questionário dirigido às condições de moradia de usuários de CAPS. *Saúde em Debate*, 37, 62-75. <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/mRFFnXFYQPs3CwshgkV7wym/?format=pdf&lang=pt>.
- Gavilan, M. A., Elali, G. A., Júnior, S. M., & de Lima Silva, F. J. (2024). VÍNCULOS AFETIVOS COM O LUGAR: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. *Revista Contemporânea*, 4(10), e6368-e6368. <https://doi.org/10.56083/RCV4N10-209>
- Guimarães Junior, D. S., de Sant’anna, C. H. M., Saito, M. B., dos Santos, S. P., & de Melo, F. J. C. (2021). Measurement of residential satisfaction: analysis of a brazilian metropolitan region. *Marketing & Tourism Review*, 6(1). <https://doi.org/10.29149/mtr.v6i1.6303>.
- Günther, H., Pinheiro, J. Q., & Guzzo, R. S. L. (2004). *Psicologia ambiental: entendendo as relações do homem com seu ambiente*. Alínea.
- Grupo Gay da Bahia. (2024, 27 de janeiro). *Observatório 2024 de mortes violentas de*

LGBT+ no Brasil. Grupo Dignidade.
<https://cedoc.grupodignidade.org.br/2025/01/27/observatorio2024-de-mortesviolentas-de-lgbt-no-brasil-grupo-ggb/>

Hatzenbuehler, M. L., Duncan, D., & Johnson, R. (2015). Neighborhood-Level LGBT Hate Crimes and Bullying Among Sexual Minority Youths: A Geospatial Analysis. *Violence and Victims*, 30(4), 663–675. doi:10.1891/0886-6708.vv-d-13-00166

Helena, R. D. M., & Rosa, M. V. D. (2024). Uma história possível do movimento LGBTI+. *Revista Estudos Feministas*, 32(1): e95812.
<https://doi.org/10.1590/1806-9584-2023v32n195812>.

Higuchi, M. I. G., Kuhnen, A. & Bomfim, Z. A. C. (2011). Cognição Ambiental. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Eds.), *Temas Básicos em Psicologia Ambiental*. Editora Vozes.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2015). Estatísticas do Registro Civil (referente ao ano de 2014). Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, v. 41.
<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=7135>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2016). Estatísticas do Registro Civil (referente ao ano de 2015). Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, v. 42.
<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=7135>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2017). Estatísticas do Registro Civil (referente ao ano de 2016). Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, v. 43.
<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=7135>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2018). Estatísticas do Registro Civil (referente ao ano de 2017). Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, v. 44.
<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=7135>.

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2019). Estatísticas do Registro Civil (referente ao ano de 2018). Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, v. 45. <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=7135>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2020). Estatísticas do Registro Civil (referente ao ano de 2019). Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, v. 46. <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=7135>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2020). Estatísticas do Registro Civil de 2020. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9110estatisticas-do-registro-civil.html?edicao=32267>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2021). Estatísticas do Registro Civil de 2021. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9110estatisticas-do-registro-civil.html?edicao=36288>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2022). Estatísticas do Registro Civil de 2022. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9110estatisticas-do-registro-civil.html?edicao=39563>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2023). Estatísticas do Registro Civil de 2023. <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9110estatisticas-do-registro-civil.html?edicao=39563>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) & Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios. (2022). *Pesquisa nacional de saúde: 2019: orientação sexual autoidentificada da população adulta*. Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios. IBGE. <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=2101934>.

- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) & Coordenação de Pesquisas por Amostra de Domicílios. (2024). Características gerais dos domicílios e dos moradores 2023. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102158_informativo.pdf.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística & Coordenação de População e Indicadores Sociais. (2023). Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira.: IBGE. 152 p (Estudos e pesquisas. Informação demográfica e socioeconômica, ISSN 1516-3296; n. 53). <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/bibliotecacatalogo?view=detalhes&id=2102052>
- Kuhnen, A. & Higuchi, M.I.G. (2011). Percepção Ambiental. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Eds.), *Temas Básicos em Psicologia Ambiental*. Editora Vozes.
- Lawrence, R. J. (2002). Healthy Residential Environments. In R. B. Betchel, & A. Churchman. *Handbook of Environmental Psychology*, (pp. 394-412). John Wiley & Sons Inc.
- Lima, A. B. R. (2011). *Ambiente residencial e envelhecimento ativo: Estudos sobre a relação entre bem-estar, relações sociais e lugar na terceira idade* [Tese de Doutorado]. Universidade de Brasília. Repositório Institucional da UnB. <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/10277>.
- Lima, L. S. (2024). "Fazendo a rua ladrilhar": perspectivas interseccionais para a tessitura urbana. *Equatorial – Revista Do Programa De Pós-Graduação Em Antropologia Social*, 11(21), 1–14. <https://doi.org/10.21680/2446-5674.2024v11n21ID34718>
- Lima, V. K. C. (2021). Experiências de medo e segurança entre jovens na cidade de Manaus. *REVISTA ZABELÊ-DISCENTES PPGANT/UFPI*, 2(1), 33-47. <https://revistas.ufpi.br/index.php/REVIZAB/article/view/12246/pdf>
- Luz, G. M., Raymundo, L. S., & Kuhnen, A. (2010). Uso dos espaços urbanos pelas crianças: uma revisão. *Psicologia: teoria e prática*, 12(3), 172-184. <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v12n3/v12n3a14.pdf>.
- Lopes, J. J. M., & Fichtner, B. (2017). O espaço de vida da criança: Contribuições dos estudos de Martha Muchow às crianças e suas espacialidades. *Revista de Educação Pública*, 26(63), 755-774. <https://doi.org/10.29286/rep.v26i63.5564>.
- Lima, V. K. C. (2021). Experiências de medo e segurança entre jovens na cidade de Manaus. *REVISTA ZABELÊ-DISCENTES PPGANT/UFPI*, 2(1), 33-47.

<https://revistas.ufpi.br/index.php/REVIZAB/article/view/12246>

- Macedo Junior, R. L. C. de, & Oliveira, M. A. A. de. (2024). O papel das cidades inteligentes para a mobilidade urbana em comparativo com a cidade de Manaus. *REVISTA DELOS*, 17(61), e2642. <https://doi.org/10.55905/rdelosv17.n61-080>
- Martín-Baró, I. (2017). O latino indolente: caráter ideológico do fatalismo latinoamericano. In I. Martín-Baró, *Crítica e libertação na Psicologia: estudos psicossociais* (pp. 173-203). (Lacerda, F., Jr., Org. Notas e Trad.). (Coleção Psicologia Social). Vozes.
- Matta, T. F., Taquette, S. R., Souza, L. M. B. D. M., & Moraes, C. L. D. (2021). Diversidade sexual na escola: estudo qualitativo com estudantes do ensino médio do município do Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 37, e00330820.
- Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. (2024). Painel de dados do Observatório Nacional dos Direitos Humanos. <https://www.gov.br/mdh/ptbr/ondh/painel-de-dados/2024>
- Morais, F. G., Contre, M. G. S., Santos, M. H. L., Maria, Y. R., & Aguiar, V. M. (2018). Casassa: A relevância de um centro de acolhimento para jovens LGBT marginalizados na Cidade de Presidente Prudente-SP. *Colloquium Socialis*, Vol. 2, No. 3, pp. 13-18.
- Moreira, G. E. (2022). Por trás do monograma do movimento LGBTQIAPN+: vidas, representatividade e esclarecimentos. *Revista Temporis [ação]*(ISSN 2317-5516), 22(02), 20-20. <https://doi.org/10.31668/rta.v22i02.13262>
- Mourão, A. R. T. & Cavalcante, S. (2011). Identidade de Lugar. In S. Cavalcante & G. A. Elali (Eds.), *Temas Básicos em Psicologia Ambiental*. Editora Vozes.
- Mouratidis, K. (2018). Is compact city livable? The impact of compact versus sprawled neighbourhoods on neighbourhood satisfaction. *Urban studies*, 55(11), 2408-2430. <https://doi.org/10.1177/0042098017729109>
- Neto, E. M. de F. & Corrente, J. E. (2018). Quality of life of elderly persons in Manaus measured by the Flanagan Scale. *Revista Brasileira De Geriatria E Gerontologia*, 21(4), 480–487. <https://doi.org/10.1590/1981-22562018021.180013>
- Neto, T. O., & Nogueira, R. J. B. (2024). ANÁLISES GEOGRÁFICAS DA REORGANIZAÇÃO DO SISTEMA DE TRANSPORTE COLETIVO URBANO

- DA CIDADE DE MANAUS. *Boletim De Conjuntura (BOCA)*, 17(49), 700–722.
<https://doi.org/10.5281/zenodo.10613954>
- Nóbrega, A. P. O. (2022). *A rua dá medo: Violência e hostilidade urbana contra a população LGBT no Brasil* [Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação]. Universidade Federal da Paraíba. Repositório Institucional da UFPB.
<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/25049>.
- Oliveira, M. B. & Barbosa, L. P. (2021). Lesbofobia, Homofobia, Bifobia e Transfobia no contexto escolar de Crateús e Sertão dos Inhamuns. *Revista de Ciências Sociais: RCS*, 52(3), 25-63.
- Oliveira, L. A. & Filho, L. C. (2020). A imagem avaliativa de ambientes residenciais voltados para crianças", p. 412-423. In: Anais do VIII Encontro Nacional de Ergonomia do Ambiente Construído e do IX Seminário Brasileiro de Acessibilidade Integral. São Paulo: Blucher. ISSN 2318-6968, DOI 10.5151/eneac2020-39
- Oliveira, R. C., Pereira, M. F., & Bahia, I. P. (2020). O Direito à Ambiências Urbanas: Reflexões Sobre Design e Carnaval. *Colóquio Internacional de Design Edição 2020*. <https://pdf.blucher.com.br/designproceedings/cid2020/90.pdf>.
- Oliveira, R. D. S. & Machado, C. J. S. (2023). Saúde mental de mulheres lésbicas em tempos de pandemia da Covid-19: uma análise sociológica dos impactos da homofobia familiar no contexto do isolamento social. *Revista Ártemis: Estudos de Gênero, Feminismo e Sexualidades*, 35(1).
<https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/60906/37683>.
- Paiva, M. M., Sobral, R. F. A. & Villarouco, V. (2016). AVALIAÇÃO ESTÉTICA EM AMBIENTES RESIDENCIAIS DE IDOSOS. In: Anais do VI Encontro Nacional de Ergonomia do Ambiente Construído & VII Seminário Brasileiro de Acessibilidade Integral [Blucher Design Proceedings, v.2 n.7]. São Paulo: Blucher. ISSN 2318-6968, DOI 10.5151/despro-eneac2016-AMB03-4 Paiva, V. (2008). A psicologia redescobrirá a sexualidade? *Psicologia em estudo*, 13, 641651.
<https://www.scielo.br/j/pe/a/64cZ3VhdyLrpf6FzS8t95Mc/>.
- Panet, M. F. & Araújo, V. M. D. (2016). Considerações sobre os riscos no ambiente residencial e as diferentes posturas da pessoa idosa no processo de adaptação. Anais I CNEH. Campina Grande: Realize Editora.

- Pereira, G. M. & Palermo, C. (2015). O processo de apropriação da casa: separando o deslumbramento da satisfação. *Revista INVI*, 30(85), 215-226. <https://dx.doi.org/10.4067/S0718-83582015000300007>
- Perucchi, J., Brandão, B. C., & Vieira, H. I. D. S. (2014). Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. *Estudos de Psicologia* (Natal), 19, 67-76. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2014000100009>.
- Pinto, C. A., & de Azevedo, T. A. G. (2024). A GARANTIA DO DIREITO À MORADIA EM MANAUS: UMA ANÁLISE A PARTIR DO CASO JORGE TEIXEIRA. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 10(3), 2527-2542. <https://doi.org/10.51891/rease.v10i3.13391>
- Pinto, M. de A., & Paiva, F. S. (2021). O fatalismo no cotidiano da pobreza: do individualismo forjado ao horizonte coletivo. *Estudos de Psicologia* (Natal), 26(2), 185-196. <https://doi.org/10.22491/1678-4669.20210018>
- Pontes, B. S. ., Souza, V. M. da S., Bernardes, J. da S., Viana, A. L., & Silva, J. R. C. da. (2022). Analysis of the perception of urban mobility by users in the city of Manaus. *Research, Society and Development*, 11(17), e215111739156. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i17.39156>
- Preciado, B. (2014). *Manifesto contrassexual*. n-1 edições.
- Quinalha, R. H. (2022). *Movimento LGBTI+: uma breve história do século XIX aos nossos dias*. Autêntica.
- Ramos, A. A. (2022). A RELAÇÃO DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO COM TOPONÍMIA NA METRÓPOLE MANAUS-AM: ANÁLISE DOS CASOS DO IGARAPÉ DO QUARENTA, BAIRRO DA UNIÃO E MANAUS 2000. *Revista GeoAmazônia*, 10(20), 199-223. <http://dx.doi.org/10.18542/geo.v10i20.13665>
- Ramos, A. A., Silva, F., & Lima, M. (2022). Processo de segregação e diferenciação socioespacial em Manaus-AM. *Revista Política e Planejamento Regional*, 9(2), 200-243.
- Ramos, M. M., Rito, S. H. & Cerqueira-Santos, E. (2021). Ansiedade social: gênero, orientação sexual e classe social. *Revista sul-americana de psicologia*, 9(1), 83104.
- Ribeiro, A. B. O. (2022). Heterossexualidade compulsória e violência (s): relatos de experiência de mulheres lésbicas e de homens gays sobre preconceito. *Intercâmbio*, 51, e59400-e59400.

- Rocha, K. M. & Rezende, A. C. C. (2016). UTILIZAÇÃO DE SACOLAS PLÁSTICAS EM SUPERMERCADOS DAS ZONAS CENTRO-SUL E LESTE DE MANAUS-AM. *REVISTA ONLINE BIOLINS*, 1 (1): 44-54.
<https://www.researchgate.net/publication/317150223>
- Rodrigues, C. (2013). Atualidade do conceito de interseccionalidade para a pesquisa e prática feminista no Brasil. *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, 10, 1-12.
- Rodrigues, P. L. R., dos Santos, L. F., dos Santos, L. M. M., da Silva, W. M., & de Queiroz, I. S. (2022). Corpos em Disputa: Experiências de Travestis e Mulheres Trans no Acesso aos Banheiros Públicos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 22(4), 1458-1478. <https://doi.org/10.12957/epp.2022.71746>.
- Sampieri, R., Collado, C., & Lucio, M. (2013). *Metodologia de Pesquisa* (5ª ed.). Penso.
- Santos, C. B. D. O., & Passos, R. G. (2024). As contribuições críticas de Ignacio MartínBaró: notas sobre saúde mental, fatalismo e guerra. *Serviço Social & Sociedade*, 147(2), e-6628409. <https://doi.org/10.1590/0101-6628.409>
- Seabra, D. M. da S., & Azzoni, C. R. (2015). Custo de vida comparativo para os distritos das 100 maiores cidades brasileiras. In *Anais*. São Paulo: ABER. <https://www.fipe.org.br/Content/downloads/publicacoes/bif/2015/bif417-012-024-sear-azzon.pdf>
- Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação - SEDECTI. (2021a). Mapa da população por bairro de Manaus. Governo do Estado do Amazonas. https://www.seducti.am.gov.br/wp-content/uploads/2021/09/mapa_da_populacao_por_bairro_de_manaus.pdf
- Secretaria de Estado de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação - SEDECTI. (2021b). Mapa Divisão Administrativa da Cidade de Manaus e Indicadores. Governo do Estado do Amazonas. <https://cloud.prodiam.am.gov.br/index.php/s/7GENTx2aSbGzLIO>
- Silva, L. A. P. D. (2020). *Projeto Transcender: estudo preliminar de um centro de acolhimento para a população transexual e travesti em São Luís-MA* [Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação]. Repositório Institucional do Centro Universitário UNDB. <http://repositorio.undb.edu.br/handle/areas/304>
- Silva, L. D. M. (2019). *Coração de mãe: anteprojeto de um centro de apoio ao público LGBT na zona oeste de Natal/RN* [Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação]. Repositório Institucional UFRN.

<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/36961>

Silva, M. L. (2023). Estrutura espacial centro-periférica ou fragmentada? Os shopping centers em Belém-PA e Manaus-AM. *Anais do XV ENANPEGE*. Campina

Grande: Realize Editora.

https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enanpege/2023/TRABALHO_COMPLETO_EV187_MD6_ID2198_TB430_21112023161923.pdf

Silveira, B. B. da, Sousa, A. de L., Thurow, C. F. & Santos, P. R. dos. (2019).

VIOLENCIA CONTRA A MULHER NAS CIDADES: PERCEPÇÃO DE

SEGURANÇA NOS ESPAÇOS URBANOS. In: Baggenstoss, G. A., Santos, P.

R., Sommariva, S. S., & HUGLL, M. D. S. G. (Orgs.) (2019). *Não há lugar*

seguro: estudos e práticas sobre violências contra as mulheres à luz da

multidisciplinarietà. Volume 2. Florianópolis: Editora Centro de Estudos

Jurídicos (CEJUR).

Sousa, A. L. & Albuquerque, D. S. (2022). TERRITORIALIDADES E O DIREITO À

CIDADE: fatores de risco e de proteção para as mulheres jovens. In Higuchi, M.

I. G. & Albuquerque, D. S. (Orgs.), *Cronologias na relação pessoa-ambiente* (pp.

171-188). CRV.

Sousa, A. D., Zeni, L. A., & Schneider, D. R. (2021). Territorialidades e Contexto Urbano

nos Estudos sobre a Relação Pessoa-Ambiente: Revisão Integrativa de Literatura.

Estudos e Pesquisas em Psicologia, 21(2), 494-512.

<https://doi.org/10.12957/epp.2021.61053>

Souza, M. A. R. de., Wall, M. L., Thuler, A. C. de M. C., Lowen, I. M. V., & Peres, A.

M.. (2018). O uso do software IRAMUTEQ na análise de dados em pesquisas

qualitativas. *Revista Da Escola De Enfermagem Da USP*, 52, e03353.

<https://doi.org/10.1590/S1980-220X2017015003353>.

Universidade do Estado do Amazonas (UEA). (2025). Boletim Mensal: Preço da Cesta

Básica Manaus Abril 2025. [https://www.uea.edu.br/wp-](https://www.uea.edu.br/wp-content/uploads/2025/05/Boletim-cesta-basica-ABRIL-2025-UEA.pdf)

[content/uploads/2025/05/Boletim-cesta-basica-ABRIL-2025-UEA.pdf](https://www.uea.edu.br/wp-content/uploads/2025/05/Boletim-cesta-basica-ABRIL-2025-UEA.pdf)

Vasconcelos, N. M. D., Alves, F. T. A., Andrade, G. N. D., Pinto, I. V., Soares Filho, A.

M., Pereira, C. A., & Malta, D. C. (2023). Violência contra pessoas LGB+ no

Brasil: análise da Pesquisa Nacional de Saúde 2019. *Revista Brasileira de*

Epidemiologia, 26, e230005. [https://doi.org/10.1590/1980-](https://doi.org/10.1590/1980-549720230005.supl.1.1)

[549720230005.supl.1.1](https://doi.org/10.1590/1980-549720230005.supl.1.1)

- Wiesenfeld, E. (2005). A psicologia ambiental e as diversas realidades humanas. *Psicologia USP*, 16, 53-69. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642005000100008>.
- Zacarias, E. F. J., & Higuchi, M. I. G. (2021). Panorama dos estudos sobre identidade de lugar. *Novos Cadernos NAEA*, 24(1). <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/8821/7177>.

APÊNDICES

Apêndice 1 - Questionário Sociodemográfico e Escala de Satisfação Residencial

Você está em um relacionamento conjugal homoafetivo e residindo com seu par na mesma residência há pelo menos 1 ano? Sim Não Estado civil Solteiro(a) Casado(a)/União estável Divorciado/Separado(a) Viúvo(a) Outro Vocês possuem filhos que ainda moram com vocês? Sim Não Se sim, quantos filhos e qual(is) a(s) idade(s)? _____ Com qual gênero você se identifica? Homem cis Homem trans Mulher cis Mulher trans Outro Qual é a sua sexualidade? Homossexual Bissexual Pansexual Assexual Outros - Qual: _____ Com quantas famílias homoafetivas você tem contato no seu bairro? _____ Escolaridade Ensino fundamento incompleto Ensino fundamento completo Ensino médio incompleto Ensino médio completo Ensino superior incompleto Ensino superior completo	Qual é a sua idade? Profissão atual? _____ Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal? Até 1 salário mínimo (até R\$ 1.501,94). De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1.501,95 até R\$ 4.505,82). De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 4.505,83 até R\$ 9.011,64). De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 9.011,65 até R\$ 13.517,46). De 9 a 12 salários mínimos (de R\$ 13.517,47 até R\$ 18.023,28). Mais de 12 salários mínimos A casa onde você mora é? Própria Alugada Cedida Outro Qual é o modelo da sua residência Casa em via pública Casa em condomínio fechado Apartamento em via pública Apartamento em condomínio fechado Outro Há quanto tempo vocês residem nessa moradia? De 1 a 2 anos De 2 a 5 anos De 5 a 10 anos De 10 a 15 anos De 15 a 20 anos Mais de 20 anos Sua casa está localizada em qual zona da cidade de Manaus? Zona Norte. Zona Oeste. Zona Centro-Oeste. Zona Leste Zona Sul Zona Centro-Sul Zona Rural
Avalie seu local de moradia de acordo com as características a seguir: 1. Conforto ☐ Nada satisfeito ☐ Pouco satisfeito ☐ Indiferente ☐ Satisfeito ☐ Muito satisfeito 2. Segurança ☐ Nada satisfeito ☐ Pouco satisfeito ☐ Indiferente ☐ Satisfeito ☐ Muito satisfeito 3. Privacidade ☐ Nada satisfeito ☐ Pouco satisfeito ☐ Indiferente ☐ Satisfeito ☐ Muito satisfeito 4. Como você se sente em relação ao bairro onde mora? ☐ É muito importante viver nesse bairro ☐ É indiferente viver nesse bairro ☐ Gostaria de mudar desse bairro Avalie sua satisfação com seu bairro, de acordo com as características a seguir: 5. Lazer ☐ Nada satisfeito ☐ Pouco satisfeito ☐ Indiferente ☐ Satisfeito ☐ Muito satisfeito 6. Vizinhança	

☐ Nada satisfeito ☐ Pouco satisfeito ☐ Indiferente ☐ Satisfeito ☐ Muito satisfeito

7. Segurança

☐ Nada satisfeito ☐ Pouco satisfeito ☐ Indiferente ☐ Satisfeito ☐ Muito satisfeito

8. Comércio

☐ Nada satisfeito ☐ Pouco satisfeito ☐ Indiferente ☐ Satisfeito ☐ Muito satisfeito

9. Serviços Públicos

☐ Nada satisfeito ☐ Pouco satisfeito ☐ Indiferente ☐ Satisfeito ☐ Muito satisfeito

10. Transporte

☐ Nada satisfeito ☐ Pouco satisfeito ☐ Indiferente ☐ Satisfeito ☐ Muito satisfeito

11. Serviços de saúde

☐ Nada satisfeito ☐ Pouco satisfeito ☐ Indiferente ☐ Satisfeito ☐ Muito satisfeito

Avalie sua satisfação em relação ao acolhimento de famílias homoafetivas no seu bairro

12. Aceitação da comunidade do bairro com famílias homoafetivas

☐ Nada satisfeito ☐ Pouco satisfeito ☐ Indiferente ☐ Satisfeito ☐ Muito satisfeito

13. Qualidade da relação com outras famílias homoafetivas no bairro

☐ Nada satisfeito ☐ Pouco satisfeito ☐ Indiferente ☐ Satisfeito ☐ Muito satisfeito

14. Sensação de liberdade para demonstrações de afeto em público no bairro

☐ Nada satisfeito ☐ Pouco satisfeito ☐ Indiferente ☐ Satisfeito ☐ Muito satisfeito

15. Sensação de segurança contra atos homofóbicos no bairro

☐ Nada satisfeito ☐ Pouco satisfeito ☐ Indiferente ☐ Satisfeito ☐ Muito satisfeito

Apêndice 2 – Entrevista

Nome completo			
Gênero	Sexualidade	Idade	Data de nascimento
Naturalidade	Estado Civil	Escolaridade	Profissão/Trabalho
Telefone	E-mail		
Bairro			
Zona	Tempo de residência	Tempo de união	
Tipo de moradia (própria, alugada, cedida)	Renda familiar	Modelo de residência (casa, apartamento, dentro ou fora de condomínio)	
Filhos, idade			
Considerando Ambiente Residencial como a casa, o bairro e a vizinhança...			
Você se sente satisfeito com o local que você mora hoje? Por que?			
O que mudaria no seu ambiente residencial para aumentar sua satisfação?			
Como você e sua família interagem com seus vizinhos e a comunidade local?			
Você sente algum tipo de apego emocional à sua residência ou ao bairro? Pode explicar esse sentimento? (vinculação, identificação)			
Quais atividades ou eventos comunitários vocês costumam participar? Como você avalia a participação social da sua família no bairro?			
Você se sente parte integrante da comunidade local? Vocês se sentem bem recebidos e integrados? Por quê?			
De que maneira a sua residência reflete a personalidade, os interesses e os valores da sua família?			
Você já considerou mudar de residência? Se sim, quais seriam os principais motivos para isso?			
Quais desafios, se houver, sua família enfrenta em relação à aceitação e inclusão na comunidade local?			
De um modo geral, como vocês avaliam a qualidade de vida no seu ambiente residencial?			
Há alguma coisa que eu não perguntei que você considera importante acrescentar?			

Apêndice 3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da primeira etapa

Satisfação Residencial LGBTI+ em Manaus

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “Satisfação Residencial de famílias homoafetivas na cidade de Manaus”. O objetivo deste estudo é investigar a avaliação da satisfação com o ambiente residencial em famílias homoafetivas residentes na cidade de Manaus. Busca-se com esta pesquisa compreender o modo como essas famílias têm se relacionado com o Ambiente Residencial, compreendido pela casa, o bairro e os vizinhos. A proposta para realização do estudo é fruto do desejo em dar visibilidade para as vivências cotidianas dessa população em seus ambientes residenciais e evidenciar as necessidades e possíveis demandas dessas famílias na relação com o lugar onde moram. Esta é uma pesquisa de mestrado vinculado ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, realizado pela mestrandia Beatriz da Silva Moreira sob orientação da Prof. Dra. Dayse da Silva Albuquerque.

Você está sendo convidado(a) por estar inserido em uma família na condição homoafetiva com ou sem filhos, preenchendo os critérios para o público desta pesquisa. Para participar, você deve estar em pleno exercício de suas funções e tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

Caso aceite participar, sua participação consiste em preencher uma escala que mede a sua satisfação residencial, onde irá fazer uma avaliação sobre alguns aspectos do ambiente em que você reside, realizado em até dez minutos, de forma individualizada e privativa.

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa, os riscos envolvem a possibilidade de mobilização de questões relativas à subjetividade dos participantes, podendo fazer emergir demandas emocionais negativas. Caso surja alguma questão a entrevista será interrompida e será realizada uma escuta emergencial considerando a formação em Psicologia e a experiência prévia nesse tipo de atendimento.

Também são esperados alguns benefícios com essa pesquisa, que tem potencial de contribuir para o campo teórico e prático da Psicologia Ambiental, enriquecendo suas discussões e aportes metodológicos a partir da inclusão de temáticas relacionadas à população LGBT+, e contribuindo para a formação de uma disciplina e área de pesquisa mais comprometida com as questões sociais. Além disso, a partir do estudo será possível compreender melhor como as famílias homoafetivas têm sido acolhidas no ambiente urbano em uma capital brasileira, dando visibilidade para o público LGBT+ e a sua luta contra preconceitos e estigmas e contribuindo para a garantia de direitos de minorias e a construção de ambientes residenciais mais acolhedores para a população em destaque.

Se julgar necessário, o(a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

Também estão assegurados ao(à) Sr(a) o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação a dano

causado pela pesquisa ao participante da pesquisa. Asseguramos ao(à) Sr(a) o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário. Garantimos ao(à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. O(A) Sr(a). pode entrar em contato com a pesquisadora responsável Beatriz da Silva Moreira a qualquer tempo para informação adicional no e-mail beatrizdasilvamoreira@gmail.com ou telefone (92) 99359-2679. E também com a orientadora, Profª Drª Dayse da Silva Albuquerque, no endereço de e-mail daysealbuquerque@ufam.edu.br ou presencialmente na Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Amazonas, localizada na Av. General Rodrigo Octávio, 6200 - Coroado I Campus Universitário Senador Arthur Virgílio Filho - Setor Norte, Bloco Rio Coari - Manaus/AM - CEP: 69080-900.

O(A) Sr(a). também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP/UFAM fica na Escola de Enfermagem de Manaus (EEM/UFAM) - Sala 07, Rua Teresina, 495 – Adrianópolis – Manaus – AM, Fone: (92) 3305-1181 Ramal 2004, E-mail: cep@ufam.edu.br. O CEP/UFAM é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Li e concordo em participar da pesquisa

() Sim () Não

Apêndice 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da segunda etapa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - ENTREVISTA

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “Satisfação Residencial de famílias homoafetivas na cidade de Manaus”. O objetivo deste estudo é investigar a avaliação da satisfação com o ambiente residencial em famílias homoafetivas residentes na cidade de Manaus. Busca-se com esta pesquisa compreender o modo como essas famílias têm se relacionado com o Ambiente Residencial, compreendido pela casa, o bairro e os vizinhos. A proposta para realização do estudo é fruto do desejo em dar visibilidade para as vivências cotidianas dessa população em seus ambientes residenciais e evidenciar as necessidades e possíveis demandas dessas famílias na relação com o lugar onde moram. Esta é uma pesquisa de mestrado vinculado ao Programa de Pós-graduação em Psicologia, realizado pela mestrandia Beatriz da Silva Moreira sob orientação da Prof. Dra. Dayse da Silva Albuquerque.

Você está sendo convidado(a) por estar inserido em uma família na condição homoafetiva com ou sem filhos, preenchendo os critérios para o público desta pesquisa. Para participar, você deve estar em pleno exercício de suas funções e tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma.

Caso aceite participar, sua participação consiste em responder a uma entrevista semiestruturada de forma coletiva com você e os membros da sua família que sejam maiores de idade e residam na mesma moradia. A entrevista será gravada e a assinatura deste termo consiste também na autorização da gravação desta entrevista. Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa, os riscos envolvem a possibilidade de mobilização de questões relativas à subjetividade dos participantes, podendo fazer emergir demandas emocionais negativas. Caso surja alguma questão a entrevista será interrompida e será realizada uma escuta emergencial considerando a formação em Psicologia e a experiência prévia nesse tipo de atendimento.

Também são esperados alguns benefícios com essa pesquisa, que tem potencial de contribuir para o campo teórico e prático da Psicologia Ambiental, enriquecendo suas discussões e aportes metodológicos a partir da inclusão de temáticas relacionadas à população LGBT+, e contribuindo para a formação de uma disciplina e área de pesquisa mais comprometida com as questões sociais. Além disso, a partir do estudo será possível compreender melhor como as famílias homoafetivas têm sido acolhidas no ambiente urbano em uma capital brasileira, dando visibilidade para o público LGBT+ e a sua luta contra preconceitos e estigmas e contribuindo para a garantia de direitos de minorias e a construção de ambientes residenciais mais acolhedores para a população em destaque.

Se julgar necessário, o(a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-los na tomada de decisão livre e esclarecida.

Também estão assegurados ao(à) Sr(a) o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação a dano causado pela pesquisa ao participante da pesquisa. Asseguramos ao(à) Sr(a) o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário. Garantimos ao(à) Sr(a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica. O(A) Sr(a). pode entrar em contato com a pesquisadora responsável Beatriz da Silva Moreira a qualquer tempo para informação adicional no e-mail beatrizdasilvamoreira@gmail.com ou telefone (92) 99359-2679. E também com a orientadora, Profª Drª Dayse da Silva Albuquerque, no endereço de e-mail daysealbuquerque@ufam.edu.br ou presencialmente na Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Amazonas, localizada na Av. General Rodrigo Octávio, 6200 - Coroado I Campus Universitário Senador Arthur Virgílio Filho - Setor Norte, Bloco Rio Coari - Manaus/AM - CEP: 69080-900.

O(A) Sr(a). também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM) e com a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP/UFAM fica na Escola de Enfermagem de Manaus (EEM/UFAM) - Sala 07, Rua Teresina, 495 – Adrianópolis – Manaus – AM, Fone: (92) 3305-1181 Ramal 2004, E-mail: cep@ufam.edu.br. O CEP/UFAM é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo(a) Sr(a)., ou por seu representante legal, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMALÇÃO

Li e concordo em participar da pesquisa.

Manaus, ____/____/____

Assinatura do participante

Assinatura do Pesquisador Responsável

ANEXOS

Parecer do CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAZONAS - UFAM



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: SATISFAÇÃO RESIDENCIAL DE FAMÍLIAS HOMOAFETIVAS NA CIDADE DE MANAUS

Pesquisador: BEATRIZ DA SILVA MOREIRA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 82595124.3.0000.5020

Instituição Proponente: Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio
FUND COORD DE APERFEICOAMENTO DE PESSOAL DE NIVEL SUP

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.091.985

Apresentação do Projeto:

Trata-se da segunda submissão do projeto Satisfação residencial de famílias homoafetivas na cidade de Manaus, da pesquisadora Manuela Gomes Batalha, em nível de mestrado, sob orientação de Deyse da Silva Albuquerque, vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFAM.

Segundo a pesquisadora responsável, no documento

PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2362743.pdf, 03/09/2024 18:41:38:

A pesquisa será realizada na cidade de Manaus junto a famílias homoafetivas, buscando evidenciar os elementos que compõem a satisfação residencial dessa população, utilizando o aporte teórico da Psicologia Ambiental e discutindo questões de sexualidade na vivência urbana e residencial.

Hipótese: A vivência de famílias LGBT+ em seus ambientes residenciais é permeada de tensões em decorrência dos preconceitos e estigmas. Há a necessidade da construção de redes de apoio e de proteção formados por pessoas da própria comunidade LGBT+ ou pessoas heterossexuais anti homofobia. Essas nuances podem determinar a forma como essas pessoas irão se comportar nesses ambientes que envolvem a casa, o bairro e contato com a vizinhança.

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

Telefone: (82)3305-1181

Município: MANAUS

CEP: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com

Continuação do Parecer: 7.081.965

A metodologia proposta para este estudo começará com a realização de uma aplicação piloto, utilizando uma escala de satisfação residencial adaptada para este estudo e uma entrevista semiestruturada de elaboração própria, que investigam a percepção sobre o ambiente residencial. Caso necessário, ajustes serão feitos com base nos resultados dessa fase inicial. A coleta de dados será conduzida em duas etapas. Na primeira etapa, a escala de satisfação residencial será aplicada através da plataforma Google Forms em conjunto com uma coleta de dados sociodemográficos e será respondida de forma individualizada no seguinte link: <https://forms.gle/tN6d22dx7xmdccWs8>. O recrutamento será realizado utilizando o método de amostragem por conveniência e divulgação em redes sociais.

Durante o preenchimento da escala, os respondentes deverão indicar seu interesse e disponibilidade para possivelmente participar de uma entrevista subsequente.

Na segunda etapa, entre as pessoas que responderem à escala, serão selecionadas 5 famílias para participar de uma entrevista semiestruturada, realizada de forma coletiva com todos os membros da família participante que sejam maiores de idade. As entrevistas serão gravadas e conterão perguntas norteadoras sobre a vivência dos participantes em seus ambientes residenciais e a forma como eles se relacionam com esses espaços. As perguntas da entrevista abordarão temas como a percepção de segurança e conforto, as interações sociais e familiares que ocorrem nesses espaços, e como esses fatores influenciam o bem-estar e a satisfação geral dos moradores. Com essa metodologia, espera-se obter uma compreensão aprofundada sobre a satisfação residencial das famílias homoafetivas residentes em Manaus e a forma como elas percebem e interagem com esse espaço.

No item tamanho da amostra, indica a composição por 105 participantes, sendo 100 participantes na primeira etapa, e 05 participantes para a segunda etapa.

Critério de Inclusão: Serão incluídas na pesquisa pessoas adultas maiores de 18 anos que se auto-identificam como gays, lésbicas, bissexuais ou outra orientação sexual da sigla LGBTQ+ que estejam em um relacionamento conjugal e constituindo uma família na condição homoafetiva, com ou sem filhos.

Critério de Exclusão: Não serão incluídas pessoas integrantes de famílias que não estejam residindo juntas há pelo menos 1 ano e que não sejam socialmente reconhecidas como integrantes de família homoafetiva.

Em relação à análise dos dados coletados na escala de satisfação residencial serão realizadas análises estatísticas utilizando o software JASP para obter as frequências, médias, modas e

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

E-mail: cep.ufam@gmail.com

Continuação do Parecer: 7.091.965

desvios padrão dos dados sociodemográficos e dos índices de satisfação residencial encontrados na escala. Em seguida será realizada uma análise qualitativa das entrevistas com as famílias, utilizando a técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2016), onde identificaremos nas entrevistas as principais temáticas que emergiram nas falas dos participantes.

O estudo poderá auxiliar na compreensão da posição de vulnerabilidade social da população LBGT+ no ambiente residencial, por ser um ambiente de convivência comum de diferentes populações inseridas em uma sociedade ainda relutante em acolher as diferenças de orientação sexual.

O Cronograma de Execução está detalhado em

PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2362743.pdf, 03/09/2024 18:41:38 na página 5/6, e prevê a etapa de coleta dos dados no período entre 04/11/2024 e 31/01/2025.

O orçamento financeiro prevê um custo de R\$ 11.460,00, tendo sido indicado Financiamento Próprio e Bolsa CNPq.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender a percepção de famílias homoafetivas sobre os seus ambientes residenciais na cidade de Manaus.

Objetivos Secundários:

Descrever o modo como famílias homoafetivas se relacionam com o ambiente residencial;

identificar os aspectos que influenciam a satisfação residencial para famílias homoafetivas

Caracterizar as singularidades da satisfação residencial em famílias homoafetivas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo a pesquisadora responsável, no documento PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2362743.pdf, 03/09/2024 18:41:38, em relação aos riscos: Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos é possível que os métodos para coleta de dados produzam mobilização de questões relativas à subjetividade dos participantes, podendo fazer emergir demandas emocionais negativas. Caso surja alguma questão a entrevista será interrompida e será realizada uma escuta emergencial considerando a formação em Psicologia da pesquisadora e a experiência prévia nesse tipo de atendimento.

Benefícios: A pesquisa tem potencial de contribuir para o campo teórico e prático da Psicologia Ambiental, enriquecendo suas discussões e aportes metodológicos a partir da inclusão de

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

CEP: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com

temáticas relacionadas à população LGBT+, e contribuindo para a formação de uma disciplina e área de pesquisa mais comprometida com as questões sociais. Além disso, a partir do estudo será possível compreender melhor como as famílias homoafetivas têm sido acolhidas no ambiente urbano em uma capital brasileira, dando visibilidade para o público LGBT+ e a sua luta contra preconceitos e estigmas e contribuindo para a garantia de direitos de minorias e a construção de ambientes residenciais mais acolhedores para a população em destaque.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de protocolo de 2ª versão do projeto "Satisfação residencial de famílias homoafetivas na cidade de Manaus" da Pesquisadora Beatriz da Silva Moreira, discente do Programa de Pós-graduação em Psicologia da FAPSI/UFAM, sob orientação da prof. Dr.ª Deyse da Silva Albuquerque, também indicada como membro da equipe. É um projeto de dissertação de mestrado. O Projeto de Pesquisa foi apresentado como requisito para obtenção de mestrado.

O projeto atende a Resolução 466/2012-CNS, Resolução nº 510/2016-CNS - Normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais; a Resolução nº 580/2018 - Pesquisas Estratégicas para SUS; e a Carta Circular No 1/2021-CONEP, por envolver pesquisas em ambiente virtual.

As solicitações apresentadas no Parecer da 1ª versão foram atendidas pela Pesquisadora.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

FOLHA DE ROSTO: ADEQUADA. Apresentada no arquivo Folha_de_Rosto.pdf, com a assinatura da pesquisadora e do coordenador do PPGPSI/UFAM, Prof. BRENO DE OLIVEIRA FERREIRA, como instituição proponente.

METODOLOGIA PROPOSTA: ADEQUADA.

TCLE: ADEQUADO. A pesquisadora apresentou o TCLE no arquivo TCLE.pdf, e em outros documentos no protocolo.

TERMO DE ANUÊNCIA: ADEQUADO. A pesquisadora apresentou o Termo no arquivo TermodeAnuenciaCSPA.pdf, 03/09/2024 18:40:35

Recomendações:

¿Vide campo de Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações¿

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

CEP: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com

Continuação do Parecer: 7.091.985

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisadora apresentou Termo de Anuência da Clínica Escola da Faculdade de Psicologia/UFAM

A pesquisadora informou o link em que será aplicada a primeira etapa da pesquisa.

No item tamanho da amostra, indicou a composição por 105 participantes, sendo 100 participantes na primeira etapa, e 5 participantes para a segunda etapa.

A pesquisadora deve enviar por Notificação os relatórios parciais e final (Item XI.d. da Res 466/2012-CNS), por meio da Plataforma Brasil e manter seu cronograma atualizado, solicitando por Emenda eventuais alterações antes da finalização do prazo inicialmente previsto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_2362743.pdf	03/09/2024 18:41:38		Aceito
Outros	TermodeAnuenciaCSPA.pdf	03/09/2024 18:40:35	BEATRIZ DA SILVA MOREIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	16/08/2024 17:04:25	BEATRIZ DA SILVA MOREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDetalhado.pdf	16/08/2024 17:04:08	BEATRIZ DA SILVA MOREIRA	Aceito
Orçamento	Orcamento.pdf	16/08/2024 17:03:42	BEATRIZ DA SILVA MOREIRA	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	16/08/2024 17:03:23	BEATRIZ DA SILVA MOREIRA	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRostoSatisfacao.pdf	16/08/2024 17:03:00	BEATRIZ DA SILVA MOREIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-1181

CEP: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com

Continuação do Parecer: 7.091.985

MANAUS, 22 de Setembro de 2024

Assinado por:
Eliana Maria Pereira da Fonseca
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

Telefone: (92)3305-1181

Município: MANAUS

CEP: 69.057-070

E-mail: cep.ufam@gmail.com